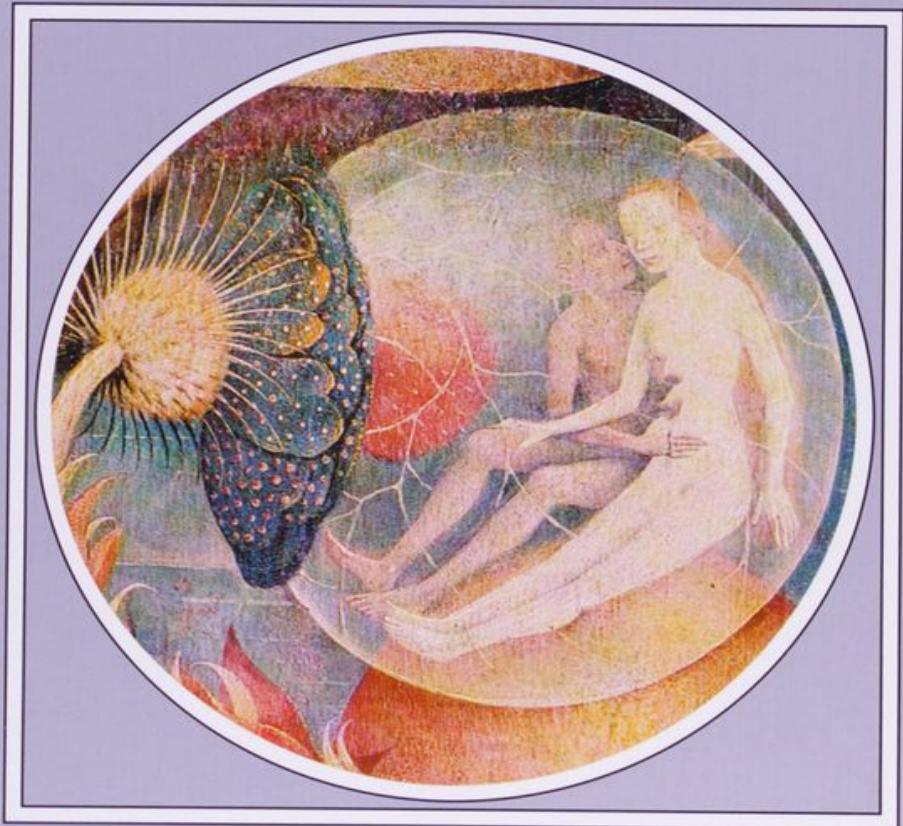


OS PARCEIROS INVISÍVEIS

John A. Sanford



John A. Sanford

OS PARCEIROS INVISÍVEIS

***O masculino e o feminino
dentro de cada um de nós***



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sanford, John A.

S213p Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós / John A. Sanford; (tradução I. F. Leal Ferreira) — São Paulo: Paulus, 1987. — Coleção Amor e psique.

Titulo original: *The invisible partners*

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-1005-7

1. Anima (Psicanálise)
2. Diferenças entre sexos (Psicologia)
3. Jung, Carl Gustav, 1875-1961
4. Psicanálise
5. Relações interpessoais I. Título. II. Título: O masculino e o feminino dentro de cada um de nós. III. Série: Amor e psique.

CDD-155.33

-150.1954

CDD-158.2

-616.8917

86-2056

NLM-WM 460

Índices para catálogo sistemático:

1. Anima: Psicanálise: Medicina 616.8917
2. Feminino e masculino: Diferenças sexuais: Psicologia diferencial 155.33
3. Jung, Carl Gustav: Psicologia analítica 150.1954
4. Masculino e feminino: Diferenças sexuais: Psicologia diferencial 155.33
5. Psicologia analítica junguiana 150.1954
6. Relações interpessoais: Psicologia aplicada 158.2
7. Sexos: Diferenças: Psicologia diferencial 155.33

Coleção AMOR E PSIQUE coordenada por
Dr. Léon Bonaventure e Dra. Maria Elci Spaccaquerche

Titulo original

The Invisible Partners

Paulist Press — New York

© John A. Sanford, 1980

ISBN 0-8091-2277-4

Capa

Tríptico das delícias (detalhe), Hieronymus Bosch

Tradução

I. F. Leal Ferreira

Impressão e acabamento

PAULUS



Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televenda: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1^a edição, 1987

14^a reimpressão, 2019

© PAULUS - 1987

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-1005-7

INTRODUÇÃO A COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos

reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma", como C. G. Jung o desejava.

Prólogo

A temática relativa ao homem e à mulher, à natureza do masculino e do feminino, sempre desperta o nosso interesse, especialmente agora, quando homens e mulheres estão tentando, como nunca o fizeram antes, compreender a si mesmos, e quando os papéis dos sexos e o seu relacionamento mútuo estão sendo reexaminados. Trata-se também de um tema prático, que promete fornecer-nos dados úteis que podemos aplicar diretamente a nós mesmos e aos nossos relacionamentos pessoais.

Uma das contribuições mais importantes do psiquiatra suíço C. G. Jung está situada nesta área. Por meio dos seus conceitos de anima e animus Jung aumenta, de maneira única, a compreensão de nós mesmos como homens e mulheres. De fato, podemos dizer que dentre os psicólogos deste século, somente Jung tem diferenciado a psicologia do homem e da mulher e nos tem mostrado como eles se inter-relacionam. Por causa do atual grande interesse pela psicologia dos sexos e da falta de um texto facilmente acessível, que reúna as idéias mais importantes de Jung sobre o assunto, é que escrevi este livro. Ele visa aquelas pessoas para as quais as idéias de Jung sobre o masculino e o feminino são novas, assim como aquelas que já têm experiência da psicologia jungiana e que podem estar interessadas nas importantes discussões que se têm sucedido sobre o assunto e cujos resultados ainda não foram determinados. Não obstante eu tenha procurado reunir as muitas facetas do pensamento junguiano sobre o tema, o leitor interessado pode querer aprofundar-se mais; em vista disso há uma bibliografia selecionada em apêndice. Este livro representa uma introdução e um levantamento sobre um tema rico

e variado, mas não pretende ser um trabalho conclusivo num campo de conhecimento que requererá maiores debates e ulteriores investigações. Tratando do masculino e do feminino, estamos em última análise, discutindo sobre a alma humana, e sobre esse tema muito mais ainda fica para ser descoberto.

Capítulo primeiro

Os homens costumam pensar e julgar-se apenas como homens, e as mulheres pensam e julgam-se apenas como mulheres, mas os fatos psicológicos mostram que todo ser humano é androgino.¹ "Dentro de todo homem existe o reflexo de uma mulher, e dentro de cada mulher há o reflexo de um homem", escreve o índio americano Hyemeyohsts Storm, que está afirmando não a sua opinião pessoal, mas uma antiga crença indígena americana.² Os antigos alquimistas concordam em declarar: "Nosso hermafrodito adâmico, embora se apresente sob forma masculina, carrega consigo Eva, ou sua parte feminina, oculta em seu corpo".³

A mitologia e as tradições antigas, que freqüentemente expressam verdades psicológicas que de outro modo escapariam à nossa atenção, muitas vezes atestam esta crença na dualidade sexual da natureza humana. No Livro do Gênesis, por exemplo, lemos que Deus era um ser androgino e que os primeiros seres humanos,

1 A palavra *andrógino* vem de duas palavras gregas, *andros* e *gynos*, que significam "homem", e "mulher" respectivamente, e se refere a uma pessoa que combina na sua personalidade tanto elementos masculinos quanto femininos. A palavra *hermafrodita* é uma palavra análoga. Vem do deus grego Hermafrodito, que nasceu da união de Afrodite e Hermes e que encarnava as características sexuais de ambos.

2 Hyemeyohsts Storm, *Seven Arrows*, Harper and Row, Nova Iorque, 1962, p. 14.

3 Do tratado de alquimia *Hermetis Trismegisti Tractatus vere Aureus*, 1610, citado por C. G. Jung em *Letters, Vol. I*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1973, p. 443; e cf. *Letters, Vol. II*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1975, p. 321 n. 2.

criados à imagem dele,⁴ eram, por isso, masculinos e femininos: "No dia em que Deus criou Adão", começa dizendo o primeiro capítulo do Gênesis, "ele o fez à semelhança de Deus. Criou-os macho e fêmea. Abençoou-os e deu-lhes o nome de Homem". Também no segundo capítulo do Gênesis, dizem-nos que, quando Deus quis fazer a mulher, mandou a Adão um sono profundo, e criou Eva da costela de Adão. Evidentemente, o homem original, Adão, era pois, tanto macho quanto fêmea. Dessa primeira divisão do todo original, o ser humano bissexual provém, representando a nostalgia, através da sexualidade, da reunião das metades separadas. O segundo capítulo prossegue: "Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne (um só corpo)".⁵

Essa idéia de que o ser humano original era macho e fêmea é encontrada em numerosas tradições. Por exemplo, tanto as mitologias persas quanto as talmúdicas falam de que modo Deus criou primeiro um ser bissexual — um macho e uma fêmea unidos num só ser — e, depois, dividiu esse ser em dois. Esse homem primeiro e original, muitas vezes era representado como alguém que possuía qualidades extraordinárias, como se encontra na imagem extremamente difundida do *Anthropos*, ou o Homem Original, a que tantas vezes se alude nos escritos de C. G. Jung e de seus companheiros.⁶ É um pensamento que se acha talvez, embora muito sucintamente, no *Symposium* de Platão. Aí, o personagem de Platão, Aristófanes, repete um antigo mito grego sobre os seres humanos originais, que eram perfeitamente redondos, tinham quatro braços e quatro pernas e uma cabeça com duas faces, parecendo opostas entre si. Essas esferas humanas

4 Sempre que possível tentarei evitar o uso do *masculino* (o que é possível na língua inglesa) para me referir a Deus ou à humanidade, mas o uso comum e a especificidade estranha de nossa língua impedem-me de ser absolutamente inflexível.

5 Gn 2,24.

6 Para um resumo da idéia do *Anthropos*, ver Marie-Louise von Franz, *Individuação nos contos de fada*, Edições Paulinas, São Paulo, 1985, pp. 141ss.

possuíam qualidades tão maravilhosas e tão grande inteligência que rivalizavam com os deuses que, pondo em ação sua inveja e terror, cortaram as esferas em dois, a fim de reduzir o seu poder. Os seres esféricos originais ficaram separados em duas metades, uma feminina e outra masculina. Desde então, continua a estória, as duas partes separadas do ser humano original viviam lutando para se reunir. "E certo dia uma delas encontra sua outra metade", Aristófanes informa-nos, "a metade real de si mesma, ... o par mergulhou num deslumbramento de amor, de amizade e de intimidade, e um não queria ficar fora das vistas do outro... ainda que por um só momento: essas são as pessoas que passam toda a sua vida juntas; entretanto, elas não conseguem explicar o que desejam uma da outra".⁷

A intuição de Storm, de que cada homem contém o reflexo de uma mulher, e vice-versa, também se reflete no curandeirismo. O xamã, o médico primitivo ou o "feiticeiro", muitas vezes possui um espírito protetor que o assiste em sua obra de cura, lhe ensina o que deve fazer e o instrui na arte de curar. No caso de um curandeiro (masculino), o espírito protetor é feminino e age como um espírito de mulher para ele. No caso de uma curandeira (feminina), o espírito protetor é masculino, e representa para ela o espírito de um esposo, que ela tem, ainda mais, como seu esposo de carne-e-sangue. O curandeiro é único, em parte porque ele ou ela cultivou um relacionamento especial com a outra metade da personalidade dele ou dela, que se transformou numa entidade viva, numa presença real. Uma mulher-espírito diz ao seu esposo curandeiro: "Eu o amo, eu não tenho marido agora, você será o meu esposo e eu serei uma esposa para você. Eu lhe darei espíritos que o assistam. Você tem que curar com o auxílio deles, e eu mesma vou ensinar-lhe e ajudá-lo." O curandeiro comenta: "Ela se está apro-

⁷ *The Philosophy of Plato*, tradução de Jowett, ed. Irwin Edman, *Symposium*, The Modern Library, Nova Iorque, 1928, p. 356.

ximando cada vez mais de mim, e eu acordo com ela como se fosse com a minha própria esposa".⁸

Poetas e filósofos, que muitas vezes vêem as coisas antes dos cientistas, também intuíram que o ser humano é andrógino. Assim, o filósofo russo Nicholas Berdyaev escreve: "O homem é não só um ser sexual, mas igualmente um ser bissexual, que combina em si o princípio masculino e o feminino em proporções diferentes e, não raro, mediante um duro conflito. O homem em que o princípio feminino estivesse completamente ausente seria um ser abstrato, inteiramente separado do elemento cósmico. A mulher em que o princípio masculino estivesse completamente ausente não seria uma personalidade. ... Somente a união desses dois princípios é que constitui um ser humano completo. A união deles se realiza em todo homem e em toda mulher, dentro de sua natureza bisexual, androgina, e isto ocorre também através da intercomunhão entre as duas naturezas, a masculina e a feminina".⁹

Desse modo, essa idéia da natureza androgina do homem já é antiga, muitas vezes foi expressa na mitologia e mediante os grandes espíritos intuitivos dos tempos passados. Em nosso século, C. G. Jung é o primeiro cientista a observar esse fato psicológico da natureza humana e a tomá-lo em consideração ao descrever o ser humano no seu todo.

Jung chamou os opostos existentes no homem e na mulher de *anima* e *animus*. Anima significa o componente feminino numa personalidade de homem, e o animus designa o componente masculino numa personalidade de mulher. Ele tirou tais palavras do termo latino *animare*, que quer dizer animar, avivar, porque sentiu que a anima e o animus se assemelhavam a almas ou espíritos animadores, vivificadores, para homens e mulheres.

8 Mircea Eliade, *Shamanism*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1964, p. 72.

9 Nicholas Berdyaev, *The Destiny of Man*, Harper Torchbooks, Nova Iorque, 1960, pp. 61-62.

Jung não se limitou a sonhar com suas idéias da anima e do animus nem a permitir que suas idéias permanecessem ao nível da intuição criativa, como o fez o filósofo russo Berdyaev. Jung era um cientista e o objetivo de sua investigação científica era a psique humana, já que suas idéias se fundamentam em fatos psicológicos. A evidência empírica para a realidade da anima e do animus pode ser encontrada sempre que a psique se expressa espontaneamente. A anima e o animus aparecem em sonhos, contos de fadas, mitos, na grande literatura mundial, e — o que é mais importante — nos variados fenômenos do comportamento humano. Pois a anima e o animus são os *Parceiros Invisíveis* presentes em todos os relacionamentos humanos e em toda busca da plenitude individual por parte da pessoa. Jung chamou-os de *arquétipos*, porque a anima e o animus são blocos essenciais de construção na estrutura psíquica de todo homem e de toda mulher. Se algo é arquetípico, é típico. Os arquétipos formam a base dos padrões de comportamento instintivos e não aprendidos, que são comuns a toda a espécie humana e que se apresentam à consciência humana de certas maneiras típicas. Para Jung, os conceitos de anima/animus explicam uma ampla variedade de fatos psíquicos e formam uma hipótese que cada vez se vê mais confirmada pela evidência empírica.

Naturalmente, numa discussão como essa, defrontamo-nos com as perguntas: Que significam "masculino" e "feminino"? Existe alguma diferença entre o masculino e o feminino? São, porventura, aparentes as diferenças entre homens e mulheres, decorrentes de dissemelhanças psicológicas, subjacentes e arquetípicas? Ou são elas totalmente o resultado de papéis socialmente atribuídos e condicionantes? Como apoio à última idéia, pode ser argumentado que os papéis que os homens e as mulheres desempenham, às vezes parecem designados pelas culturas particulares em que eles existem. Pode-se argumentar que os homens e as mulheres fazem o que fazem somente porque a sociedade lhes atribuiu um papel ou tarefa particulares. Segundo esse ponto de vista, não exis-

te diferença psicológica essencial entre homens e mulheres, e é exclusivamente a influência cultural que provoca as aparentes dissemelhanças entre o macho e a fêmea. Para reforçar essa posição existe o fato de que os homens podem desempenhar a maioria das funções que as mulheres geralmente desempenham, exceto as funções biológicas associadas à gravidez evidentemente, e as mulheres também podem desempenhar o que os homens fazem. O fato de que as mulheres comumente não fazem o que os homens fazem, e vice-versa, coloca-se ao sabor da expectativa social. Além disso, admite-se a dificuldade de definir o que é masculino e o que é feminino, pois, assim que surge uma definição, sempre se levanta alguma objeção: "Mas as mulheres (ou os homens), às vezes também fazem isso".

O fato de os homens e as mulheres poderem desempenhar muitas funções iguais na vida, serve de apoio à idéia de que cada pessoa é uma combinação de polaridades masculinas e femininas. Por causa do seu lado feminino, os homens podem agir em certas circunstâncias de maneiras tradicionalmente consideradas femininas, e vice-versa. Esse é um assunto que deverá ser abordado com maiores detalhes mais adiante.

Do outro lado da discussão, a pergunta sobre se existe ou não um arquétipo para o masculino e para o feminino — isto é, se existem diferenças psicológicas essenciais entre os sexos e entre as polaridades psicológicas dentro de cada sexo — constitui um problema que precisa ser decidido pela evidência empírica. O ponto de vista de Jung é o de que, embora indubitavelmente as expectativas culturais e sociais e os papéis atribuídos a cada um dos sexos influenciem as maneiras como os homens e as mulheres vivem as suas vidas, existem, não obstante, padrões psicológicos arquetípicos subjacentes. O argumento em favor dessa posição será gradativamente desenvolvido no decorrer deste livro, e os leitores poderão decidir a conclusão que querem adotar para si em termos de suas próprias experiências de vida.

Para estabelecer a diferença entre o que é masculino e o que é feminino, talvez seja melhor falar em termos de imagens do que em termos de funcionamento psicológico. Falar do macho e da fêmea é uma maneira de dizer que a energia psíquica, como todas as formas de energia, corre entre dois pólos. Assim como a eletricidade flui de um polo positivo para um negativo, também a energia psíquica flui entre dois pólos que foram chamados de masculino e feminino. Entretanto, eles nem sempre são chamados de masculino e feminino, e neste livro, a antiga terminologia chinesa de *Yang* e *Yin* será, às vezes usada como alternativa. Freqüentemente, esses termos são mais satisfatórios, porque *Yang* e *Yin* não são definidos em termos de papel, ou mesmo em termos de qualidades psicológicas, mas por meio de imagens. "Yang significa 'bandeiras ondulando ao sol', isto é, algo 'que brilha sobre' ou luminoso." *Yang* é designado pelo céu, pelo firmamento, pelo brilho, pela criatividade, pelo lado sul da montanha (onde o sol brilha) e o lado norte do rio (que também recebe a luz do sol). Por outro lado: "Em seu sentido primitivo *Yin* é 'o nublado, o obscuro.'" *Yin* é designado pela terra, pelo escuro, o úmido, o receptivo, o lado norte da montanha e o lado sul do rio.¹⁰ Evidentemente, os chineses também falam de *Yang* como sendo o masculino e *Yin*, o feminino, mas basicamente *Yang* e *Yin* representam os dois pólos espirituais em torno dos quais gira toda vida. *Yang* e *Yin* existem em homens e mulheres, mas são também princípios cósmicos, e sua interação e relação determinam o curso dos acontecimentos, como o livro da sabedoria chinesa, o *I Ching*, mostra claramente.

De inspiração semelhante, o livro chinês de meditação, o *T'ai I Chin Hua Tsung Chih* [O segredo da flor de ouro], fala-nos dos dois pólos psíquicos existentes em cada homem e em cada mulher. Um chama-se a alma *p'o* e é representado pelos rins, sexualidade, e pelo trígrama

¹⁰ *I Ching* — O livro das mutações, Editora Pensamento, São Paulo, 1984.

K'an (do *I Ching*), e expressa-se como eros. O outro, a alma *hun*, é representada pelo coração, consciência, e pelo trígrama de fogo Li, expressando-se como logos. Esses dois pólos se repelem quando suas energias estão dirigidas apenas para o exterior, mas, quando suas energias se acham voltadas para o interior, através de uma meditação correta, os dois se unem para formar uma personalidade superior e indestrutível. Na tradução desse texto chinês pelo sinólogo Richard Wilhelm, as duas almas são também chamadas de anima e animus. Jung observa que a alma *p'o* é escrita com os caracteres usados para branco e demônio, significando, portanto, "espírito branco", e seu princípio está ligado à natureza inferior, presa à terra; por isso ela é Yin. A alma *hun* é composta de caracteres usados para nuvem e demônio, e, portanto, significa "demônio-nuvem, uma alma-espírito superior", e assim, corresponde a Yang.¹¹

Deveria causar-nos admiração o seguinte fato: se homens e mulheres sempre tiveram um componente feminino e um masculino, como essa realidade conseguiu deixar de atrair a atenção da humanidade em geral durante tantos e tantos anos? Parte da resposta reside na constatação de que o autoconhecimento nunca foi um dos nossos pontos fortes. Pelo contrário, mesmo o conhecimento mais elementar de si mesmo é algo a que a maioria das pessoas resiste com a máxima determinação. Em geral, somente quando nos achamos num estado de grande sofrimento ou confusão, e somente quando o autoconhecimento nos oferece uma saída, é que nos dispomos a arriscar nossas estimadíssimas idéias a respeito daquilo que sentimos ser quando postos diante da verdade, e, mesmo assim, muitas pessoas preferem viver uma vida sem sentido a ter de passar pelo processo, não raro desagradável, que as leva ao conhecimento de si próprias. Além disso, há alguns aspectos presentes em nós que são mais difíceis de conhecer do que outros. Por exem-

11 *O segredo da flor de ouro*, da tradução de Richard Wilhelm, com prefácio e comentário de C. G. Jung, Editora Vozes, Petrópolis, 1983.

plo, a personalidade da sombra, que se forma com características indesejadas e não desenvolvidas, que poderiam ter-se tornado parte da consciência, mas que foram rejeitadas, há muito foram reconhecidas pela Igreja. "Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero", exclama São Paulo, angustiado com a sua sombra.¹² Não é coisa inacreditável para nós que haja um lado mais obscuro na nossa natureza, porque a religião muitas vezes já no-lo mostrou, embora, mesmo neste caso exista uma impressionante conspiração dentro da maioria de nós, no sentido de prestar um serviço silencioso à nossa natureza mais obscura, ainda que evitando encará-la em suas peculiaridades. Assim, a nossa sombra freqüentemente se apresenta óbvia para os outros, mas continua desconhecida para nós. Muito maior é nossa ignorância dos componentes masculinos ou femininos existentes dentro de nós, que escapam à nossa atenção, por serem completamente diferentes do que nossa consciência conhece a respeito de nós. Por esse motivo, Jung denominou a integração da sombra usando o termo a "peça-aprendiz" no processo de tornar-se inteiro, e chamou a integração da anima ou do animus de "obra-prima".¹³

Também existe, entretanto, outro fator que torna o conhecimento da anima ou do animus assim tão difícil. Esses fatores psíquicos existentes dentro de nós são geralmente projetados. A projeção é um mecanismo psíquico que ocorre sempre que um aspecto vital de nossa personalidade que desconhecemos é ativado. Quando algo é projetado, vemo-lo fora de nós, como se fizesse parte de outra pessoa e nada tivesse a ver conosco. A projeção é um mecanismo inconsciente. Não somos nós que decidimos projetar algo, isso acontece automaticamente. Se nós é que decidíssemos projetar alguma coisa, teríamos consciência disso e então, justamente por ter-

12 Rm 7,19.

13 C. G. Jung, *Collected Works* [daqui em diante citado como CW] 9,1, *The Archetypes and the Collective Unconscious*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1959, p. 29.

mos consciência, ela não poderia ser projetada. Só são projetados conteúdos inconscientes; no momento em que uma coisa se torna consciente, cessa a projeção.

Por conseguinte, a anima e o animus, durante milênios da história da humanidade, têm sido projetados em figuras mitológicas, nos deuses e nas deusas que povoaram nosso mundo espiritual, e — talvez o que seja mais importante de tudo — em homens e mulheres vivos. Os deuses e as deusas da mitologia grega podem ser considerados como personificações de diferentes aspectos do arquétipo masculino ou feminino. Durante muito tempo, a mitologia constituiu a maneira mediante a qual a psique humana se personificava, e, na medida em que as pessoas acreditavam na realidade viva de seus deuses e deusas, podiam, através de ritual e culto apropriados, estabelecer uma espécie de relacionamento com o seu mundo psíquico.

Quando a anima e o animus são projetados em outras pessoas, a percepção que temos delas fica profundamente alterada. Na maioria dos casos, o homem projetou a anima na mulher, e a mulher projetou o animus no homem. A mulher carregou para o homem a imagem viva da alma ou da faceta feminina dele próprio, e o homem carregou para a mulher a imagem viva do próprio espírito dela. Isso tem levado a consequências inúmeras, incomuns e muitas vezes desastrosas, já que tais realidades vivas dentro de nós mesmos freqüentes vezes têm um efeito particularmente forte e irritante. Por isso, dizia Jung, ao explicar parcialmente os motivos pelos quais a anima e o animus geralmente não têm sido reconhecidos como partes integrantes da personalidade humana: "Na Idade Média, quando um homem descobria uma anima, ele conservava isso em segredo, para que o juiz não a mandasse queimar como uma feiticeira. Ou, se uma mulher descobrisse um animus, este homem fosse destinado a ser um santo, ou um salvador, um grande médico ou curandeiro... Somente agora, através do processo analítico, é que a anima e o animus, que antes fi-

cavam sempre fora da jogada, estão começando a aparecer, transformados em funções psicológicas".¹⁴

Porque a anima e o animus são projetados, geralmente nós não reconhecemos que eles fazem parte de nós, pois eles *parecem* estar fora de nós. De outro lado, desde que o fenômeno de projeção seja reconhecido, essas imagens projetadas podem, até certo ponto, ser recolocadas dentro de nós, pois podemos usar projeções como espelhos em que vemos o reflexo de nossos próprios conteúdos psíquicos. Quando descobrimos que a imagem da anima ou do animus se projetou num homem ou numa mulher, torna-se possível para nós ver, como que em reflexo, conteúdos de nossa própria psique que, do contrário, poderiam passar desapercebidos para nós. A capacidade de reconhecer e utilizar projeções é particularmente importante para o autoconhecimento, quando esse chega à anima ou ao animus, embora tais fatores psíquicos nunca possam tornar-se a tal ponto conscientes que deixem de se projetar. O elemento contra-sexual dentro de nós é psicologicamente tão esquivo que escapa à nossa percepção completa; por isso ele é sempre projetado, pelo menos em parte. Não há possibilidade de chegarmos a um conhecimento tão completo de tais realidades, de modo que a projeção não mais aconteça. Essa é uma meta impossível, pois a anima e o animus não compartilham a realidade do ego, mas nos transmitem um modo totalmente diferente de funcionamento psicológico. No que se refere ao autoconhecimento, trata-se de utilizar as projeções como espelhos, uma tarefa que é possível mediante o uso dos conceitos psicológicos de Jung.

Não existe lugar algum em que Jung tenha escrito uma afirmação definitiva sobre a anima ou o animus. Se quisermos saber o que Jung tinha a dizer sobre o assunto, precisamos ler muitos trechos diferentes em muitas das diversas obras mais importantes. Igualmente,

14 C. G. Jung, "The Interpretation of Visions", *Spring*, 1965, p. 110.

Jung não se contentou com uma definição única, mas, de tempos em tempos, apresentava novas. Ao fazê-lo, porém, não se contradizia, porque cada definição salienta um aspecto diferente de tais realidades.

A definição mais simples e mais antiga que Jung apresentou é a de que a anima personifica o elemento feminino no homem, e o animus personifica o elemento masculino na mulher. Ele diz: "Chamei esse elemento masculino na mulher de animus e o elemento feminino correspondente no homem de anima."¹⁵ Jung reafirmou essa primeira definição em *Man and His Symbols*, onde escreve que "a anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem, os humores e sentimentos instáveis".¹⁶ Ele ainda especula que a anima e o animus personificam a minoria de genes femininos ou masculinos existentes dentro de nós. Esse pensamento ocorre em vários lugares nas obras de Jung. Por exemplo: "A anima é uma forma arquetípica, que expressa o fato de que um homem possui uma minoria de genes femininos, e isso é algo que não desaparece nele".¹⁷ Evidentemente, a mesma coisa poder-se-ia dizer a respeito do animus, que seria uma personificação da minoria de genes masculinos numa mulher. Isso significa que no plano biológico, um homem recebe suas qualidades físicas masculinas em decorrência do fato de ter uma pequena pluralidade ou predominância de genes masculinos em relação aos femininos, e vice-versa no caso de uma mulher. A anima, sugeriu Jung, personifica, no plano psicológico, esta minoria de genes femininos, e, no caso de uma mulher, o animus personifica a minoria de genes masculinos.

15 C. G. Jung, *CW 8, Two Essays in Analytical Psychology*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1953, p. 88.

16 C. G. Jung, *O homem e seus símbolos*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985, p. 177.

17 C. G. Jung Speaking, editado por Wm. McGuire e R. F. C. Hull, Princeton University Press, Princeton University, N. J., 1977, p. 296. Também cf. CW 11, par. 48; CW 8, par. 782; CW 9, 1, p. 58 e p. 512.

Assim sendo, o que torna diferentes homens e mulheres não é o fato de os homens serem totalmente Yang e as mulheres Yin, pois cada sexo contém em si o outro; é, antes, o fato de que o homem ordinariamente identifica seu ego com sua masculinidade e de que seu lado feminino é inconsciente nele, ao passo que a mulher se identifica conscientemente com sua feminilidade, e seu lado masculino permanece inconsciente para ela.

O ego e o corpo trazem, por assim dizer, o mesmo sinal. Um corpo de homem é masculino, formado pelo hormônio masculino e designado por certas funções; um corpo de mulher é feminino, e é destinado a desempenhar certas funções especificamente femininas, sendo a mais evidente a dor do parto. O ego identifica-se com a qualidade masculina ou feminina do corpo, e, por conseguinte, a anima ou o animus se transformam numa função do inconsciente. Essa, pelo menos, é a evolução psicológica habitual em homens e mulheres, embora em alguns casos possa deixar de ser adequadamente acabada. Um homem, por exemplo, pode errar não desenvolvendo um ego suficientemente masculino. Em tal caso, como veremos, poderá resultar um ego homogeneizado, uma masculinidade efeminada, podendo levar a alguma forma de homossexualidade.

Tudo isso tem implicações importantes para o relacionamento entre os sexos. Como já dissemos, os homens, identificados com sua masculinidade, tipicamente projetam seu lado feminino sobre as mulheres, e as mulheres, identificadas com sua natureza feminina, tipicamente projetam seu lado masculino sobre os homens. Essas imagens psíquicas projetadas constituem os *Parceiros Invisíveis* em todo relacionamento homem-mulher, e influenciam grandemente o relacionamento, porque, sempre que ocorre uma projeção, a pessoa que carrega a imagem projetada ou é muitíssimo supervalorizada ou muitíssimo subvalorizada. Em ambos os casos, a realidade humana do indivíduo que carrega uma projeção, para nós, fica obscurecida pela imagem projetada. É o que parti-

cularmente acontece com a anima e o animus, já que tais arquétipos são muito numinosos. Isto significa que eles se acham cheios de energia psíquica, tendendo, por isso, a atingir-nos emocionalmente. Como consequência, essas imagens projetadas possuem um efeito magnético sobre nós, e a pessoa que carrega uma projeção tenderá a atrair-nos ou a causar-nos repulsa em alto grau, da mesma forma como um ímã atrai ou repele outro metal. Isso leva a todos os tipos de complicações nos relacionamentos, algumas das quais serão examinadas no último capítulo.

Como todos os arquétipos, a anima e o animus têm aspectos positivos e negativos, isto é, às vezes parecem ser altamente desejáveis e atraentes, e, às vezes destridores e enfurecedores. Nisso eles se assemelham aos deuses e deusas que podiam beneficiar a humanidade com dádivas, mas que também podiam voltar-se contra a humanidade de maneira devastadora. Se o aspecto positivo da imagem da anima for projetada por um homem sobre uma mulher, esta se tornará sumamente desejável para ele. Ela o fascina, consegue atraí-lo para ela, e parece ser para ele a fonte de felicidade e de prazer. Uma mulher que carrega essa projeção para um homem prontamente se torna objeto de fantasias eróticas e desejos sexuais por parte dele, e ao homem parece que lhe bastaria estar com ela e dar-lhe amor para sentir-se plenamente realizado. Esse é o estado que designamos com o termo apaixonar-se ou enamorar-se.

Naturalmente, uma mulher que traz consigo uma poderosa projeção de anima gosta disto, pelo menos no princípio. Sente-se lisonjeada e valorizada, e, mesmo que só o perceba obscuramente, passa a gozar de um sentimento de força considerável. A pessoa que recebe uma imagem psíquica projetada por outra pessoa fica tendo força sobre essa pessoa, pois sempre que uma parte de nossa psique é percebida presente em outra pessoa essa outra pessoa passa a ter força e ascendência sobre nós.

A mulher, todavia, geralmente percebe e sente o tempo a situação, quando ela experimenta o lado desagra-

dável de ser a portadora da alma de outra pessoa. Eventualmente poderá descobrir que o homem começa a sufocá-la. Ela pode achar que ele se ressente com isto quando não a encontra imediatamente e sempre à disposição dele, e isso provoca o aparecimento de uma qualidade de opressão no relacionamento entre ambos. Ela descobrirá também que o homem se ressente quando ela faz qualquer tentativa para desenvolver sua personalidade individual, de maneira tal que esse desenvolvimento supera a imagem de anima que ele colocou sobre ela, porque, na verdade, ele a vê não como ela realmente é, mas como ele *deseja* que ela seja. Ele a deseja para satisfazê-lo e continuar vivendo para ele sua imagem feminina projetada, e isso inevitavelmente irá colidir com a realidade humana dela como pessoa. Ela pode encontrar-se vivendo no seu quarto — no seu cofre ou nicho —, cercada pela determinação dele que acha que ela satisfaz a projeção dele para ele, e ela pode descobrir que o lado sombrio do seu amor aparente por ela corresponde a uma possessividade e a uma limitação por parte dele, que contrariam a tendência natural nela existente de se tornar um indivíduo. Quando ela insiste em ser ela mesma, pode constatar que seu homem fica com ciúmes, ressentido e carrancudo. Ela também pode começar a ter pavor de suas investidas sexuais, que — ela começa a desconfiar — não são funções do relacionamento entre eles, mas antes possuem, inerentes a si, uma qualidade compulsória e impessoal. De fato, os dois facilmente concluem estar lutando em vão em matéria de sexo. O homem é compulsoriamente induzido ao relacionamento sexual com a mulher que, para ele, traz em si a imagem feminina dele, e só sente que o relacionamento está completo depois da cópula, quando ele experimenta uma sensação de momentânea unidade com ela. A mulher, por outro lado, deseja primeiro conquistar o relacionamento humano e, depois, dar-se sexualmente ao homem, e muitos demônios vivem rondando essa diferença entre eles.

Além do mais, a projeção oposta pode substituir a positiva, de repente e sem prévio aviso. A mulher que já

carregou alguma vez a projeção da anima positiva, a imagem da alma, para um homem, pode subitamente receber a projeção da anima negativa, a imagem da feiticeira. Tudo o que um homem pode fazer é censurá-la por causa das más disposições dele, e imediatamente ele irávê-la sob essa luz; infelizmente, os homens são famosos pela facilidade que têm de atribuir às mulheres a responsabilidade por suas próprias más disposições. As disposições, atitudes, o humor, em um homem, como iremos ver, são efeitos desagradáveis que descem sobre ele vindo de seu lado feminino. Não sendo, regra geral, bem esclarecidos sobre sua própria psicologia, os homens, na maioria, projetam a censura relativa a essas más disposições em suas mulheres, levando-se em conta que a mulher, que um homem já amou alguma vez e que era considerada uma deusa, pode com a mesma facilidade ser por ele vista como uma bruxa. Então, ela se torna tão desvalorizada quanto uma vez já foi supervalorizada.

As mesmas projeções são feitas por mulheres em relação a homens, evidentemente. Quando uma mulher projeta sobre um homem sua imagem de animus positiva, a imagem do salvador, do herói e do guia espiritual, ela supervaloriza tal homem. Fica fascinada por ele, sente-se atraída para ele, vendo-o como o homem máximo e o amante ideal. Só se sente completada por ele, como se fosse através dele que ela encontrasse a sua própria alma. Tais projeções são particularmente prováveis de serem feitas sobre homens que possuem o dom da palavra. Um homem que sabe usar bem as palavras, que demonstra força ao recorrer a idéias e que é eficiente em traduzi-las e transmiti-las, representa uma figura ideal para receber tais projeções do animus de uma mulher. Quando isso acontece, ele se torna mais importante do que a vida para ela, e esta fica bem contente de ser a mariposa amante, voando em torno da chama. Dessa maneira, ela perde a chama criativa de dentro de si, deslocando-a para o homem.

O homem que recebe tais projeções pode muitas vezes não ser digno delas. Por exemplo, Adolph Hitler pa-

rece ter recebido a projeção do animus das mulheres de seu tempo. Ele possuía uma qualidade arquetípica quando falava, e um poder de fascinação com as palavras. Certa vez, perguntei a uma mulher judia, minha amiga, quem sustentava a Alemanha nazista naquela época, como podia acontecer que as mulheres alemãs se mostrassem tão dispostas a enviar seus filhos para Hitler a fim de serem destruídos em suas máquinas de guerra, e por que motivo não faziam a mínima objeção contra isso. Ela respondeu-me que se sentiam a tal ponto fascinadas pelas palavras dele, que jamais deixariam de fazer qualquer coisa que ele pedisse.

Quando um homem carrega uma projeção positiva do animus para uma mulher, ele pode sentir-se lisonjeado; pode até ser uma experiência que o encha de orgulho o fato de carregar tais projeções. Todos nós desejamos muito identificar-nos com as fortes imagens projetadas sobre nós, e, dessa maneira, escapar da tarefa muito mais humilde de reconhecer as autênticas limitações de nossas personalidades. Mas o homem, também, bem depressa pode começar a perceber o desagradável aspecto inerente ao suportar essas projeções. Ele começa a sentir a qualidade irreal, pegajosa e viscosa que se inseriu no relacionamento. Como Irene de Castillejo o expressou: quando uma mulher olha para um homem como se fosse o protetor de sua alma, isso "apenas irá fazê-lo declarar-lhe com impaciência que ela está vendo, no relacionamento, mais coisas do que as que realmente existem".¹⁸

Jung também comenta o que acontece com um homem que carrega em si uma projeção do animus. "Quando alguém projeta o animus sobre mim", afirma ele, "sinto-me como se fosse um túmulo com um cadáver dentro, um peso morto peculiar; sou como um desses sepulcros de que Jesus fala, com toda espécie de vermes por dentro. E, além disso, positivamente o cadáver de mim mes-

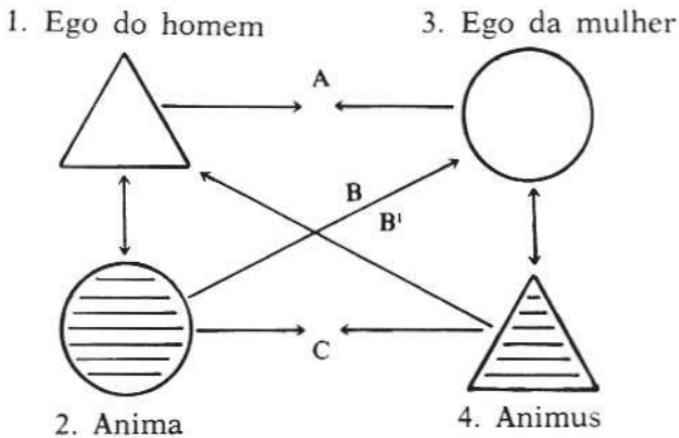
18 Irene de Castillejo, *Knowing Woman*, G. P. Putnam's Sons, Nova Iorque, 1973, p. 174.

mo, de modo que se torna impossível sentir a própria vida. Uma real projeção do animus é assassina, porque a gente se transforma no local em que o animus é sepultado; e ele é sepultado exatamente como os ovos de uma vespa no corpo de uma lagarta, e quando os filhotes saem começam a se comer por dentro, o que é muito nocivo".¹⁹ Jung refere-se ao animus como sendo sepultado quando projetado, porque ele morre na medida em que seu desenvolvimento consciente, como função psicológica, é atingido.

Como já dissemos, as projeções negativas estão sempre rondando por perto. O mesmo homem que um dia pareceu fascinante e magnífico pode bem rapidamente ser encarado como uma pessoa irritante e frustrante. A projeção positiva diminui sua intensidade, enfraquece-se quando a familiaridade expõe o relacionamento a uma grande dose de realidade, e no caso a projeção negativa está logo a postos para ocupar seu lugar. O homem que já foi supervalorizado agora é desvalorizado. Um dia visto como herói, agora se transforma num demônio que parece responsável por todas as desilusões da mulher no amor e por sentir-se ela diminuída.

Se tanto um homem quanto uma mulher projetam suas imagens positivas um sobre o outro simultaneamente, temos aquele estado, aparentemente perfeito, de relacionamento conhecido como estarem os dois apaixonados, um estado de fascinação recíproca. Os dois declaram, então, estar "apaixonados um pelo outro" e se acham firmemente convencidos de que agora encontraram o relacionamento máximo. Tais relacionamentos podem ser diagramados da seguinte maneira:

19 C. G. Jung, *The Visions Seminars. Part Two*, Spring Publications, Zurique, 1976, p. 493.



Neste diagrama podemos ver que existe um relacionamento a nível consciente entre as personalidades do ego do homem e da mulher, representado pela linha A. Mas existe também uma forte atração entre os dois, representada pelas linhas B e B¹, que constitui o resultado das imagens projetadas da anima e do animus positivos. No entanto, o fator mais poderoso de todos é a linha C, que representa a atração verificada através do inconsciente. Aí é como se o animus da mulher e a anima do homem estivessem apaixonados um pelo outro, e aí reside o laço, o forte impulso de um para o outro, a fonte do magnetismo do estado de apaixonados.

Há muito a dizer sobre o apaixonar-se. A maioria de nós provavelmente pode lembrar-se da primeira vez em que se apaixonou, e de quantas emoções inesperadas e fortes então ocorreram e encontraram vazão. Ter a experiência de apaixonar-se equivale a tornar-se aberto aos assuntos do coração de maneira maravilhosa. Pode ser o prelúdio de uma expansão valiosa da personalidade e da vida emocional. É também uma experiência importante porque aproxima os sexos e inicia o relacionamento. Quanto ao saber se isto leva a consequências felizes ou infelizes, a vida se mantém em movimento desse modo. Talvez, principalmente com pessoas jovens.

apaixonar-se é uma experiência natural e bela, e uma vida que jamais conheceu tal experiência sem dúvida alguma fica empobrecida.

O fato, entretanto, é que os relacionamentos exclusivamente baseados no estado de paixão nunca duram. Como veremos no capítulo quarto, apaixonar-se é próprio para os deuses, não para os seres humanos, e quando seres humanos tentam reclamar para si a prerrogativa dos deuses e viver num estado de "paixão" (que é diferente do verdadeiro amor recíproco) surge um movimento do inconsciente para interrompê-lo. O relacionamento entre pessoas apaixonadas simplesmente não resiste, quando submetido à prova ou teste da realidade de um relacionamento humano verdadeiro; ele só consegue sobreviver num mundo de fantasia, em que o relacionamento não é testado no desgaste cotidiano da vida real. Quando vivem juntos nas condições humanas do dia-a-dia, "*João e Maria*" logo se tornam reais um para o outro como seres humanos imperfeitos e atuais. Quanto mais reais se vão tornando um para o outro como pessoas, menos possibilidade há de as imagens mágicas e fascinantes provenientes do inconsciente permanecerem projetadas sobre eles. Bem depressa o estado de apaixonados se esvai, e, pior ainda, a mesma anima e o mesmo animus, que certa vez se apaixonaram um pelo outro, podem agora começar a brigar.

A incapacidade do estado de apaixonados suportar o desgaste da vida humana diária é reconhecido por todos os grandes poetas. Foi por isso que o relacionamento de Romeu e Julieta teve de terminar com a morte. Seria inadmissível para Shakespeare ter de concluir a sua grande estória de amor mandando seu casal de amantes até uma loja Sears para comprar panelas para a cozinha deles. Num instante, eles teriam brigado por causa da frigideira que iriam escolher, do preço que iria custar, e toda a bela estória de amor de repente estaria evapora-
da. Grandes poetas deixam tais estórias de amor entre-
gues a quem elas pertencem: nas mãos dos deuses. Ora,
se um casal humano insiste em viver da fantasia de

amor, eles podem fazer despencar tudo em cima de suas cabeças, arruinando-as. É o que Lancelot e Guinevere fizeram em *Camelot*. Depois de se haverem apaixonado, insistiram em tentar transformar seu relacionamento de amor num problema pessoal, procurando encontrar suas vidas neste plano, acontecesse o que acontecesse. Na medida em que eles tentavam identificar-se um com o outro e possuir-se reciprocamente, satisfazendo suas fantasias de amor com um relacionamento sexual, eles provocaram em torno de si a ruína de Camelot. A grande mesa redonda, simbolizando a plenitude, ficou despedaçada e a estória do amor de ambos tornou-se a trágica estória da destruição do lindo castelo e do fracasso, não só deles, mas também do nobre rei Artur e de seus numerosos e bravos cavaleiros.

O fato de o estado de apaixonados não poder suportar o desgaste da vida diária não corresponde ao que desejamos ouvir, pelo menos não nos dias de hoje na América, que descreve o estar apaixonado como a meta do relacionamento entre os sexos, e constantemente expõe isto aos nossos olhos nos anúncios de televisão. Os seres humanos não são muito perspicazes quando se trata de substituir a realidade pelas seduções da imaginação e da fantasia. Preferimos continuar procurando o homem ou a mulher perfeitos, no caso o homem ou a mulher que corresponderá à imagem ideal e à garantia de que com ele ou ela nós nos sentiremos felizes e realizados, ainda que isto leve a um desapontamento ou deceção depois do outro, e vá acrescentando cada vez mais amargura ao nosso cálice de vida.

Agora precisaríamos deixar bem claro que, segundo o grau em que um relacionamento se baseia em projeção, o elemento do amor humano pode estar faltando. Quando nos apaixonamos por alguém que não conhecemos como pessoa, mas por quem somos atraídos porque reflete para nós a imagem do deus ou da deusa em nossas almas, é, num certo sentido, apaixonarmo-nos por nós mesmos, apaixonar-se cada um por si mesmo, e não pela outra pessoa. Não obstante a aparente beleza das

fantasias de amor que costumamos ter nesse estado de apaixonados, podemos, de fato, encontrar-nos num estado de espírito profundamente egoísta. O amor real começa somente quando uma pessoa chega a conhecer a outra, para quem ele ou ela é realmente um ser humano, e quando começa a amar esse ser humano e a preocupa-se com ele.

Nenhum ser humano pode concorrer com os deuses e deusas em todo seu brilho e glória; e, antes de mais nada, ver a pessoa que amamos como ela ou ele é, e não em termos de projeções, pode parecer desinteressante e decepcionante, porque os seres humanos são, no seu todo, pessoas comuns. Por causa disto, muitos preferem estar passando de uma pessoa para outra, sempre procurando o relacionamento máximo, melhor possível, deixando sempre o relacionamento que está mantendo quando as projeções se desgastam e a paixão termina. É evidente que, com raízes tão pouco profundas, não pode desenvolver-se nenhum amor real e permanente. Ser capaz de um amor real significa amadurecer, estimulando expectativas realistas em relação às outras pessoas. Significa aceitar a responsabilidade por nossa própria felicidade ou infelicidade, sem esperar que a outra pessoa nos faça felizes e sem censurá-la como se fosse responsável pelas nossas más disposições ou frustrações. Naturalmente, isso torna o relacionamento real um problema difícil, em favor do qual devemos trabalhar; mas, felizmente, as compensações existem, porque somente através desse caminho nossa capacidade de amar amadurece.

Isso não quer dizer que a projeção seja uma coisa má. Em si, a projeção da anima e do animus é um evento perfeitamente natural que sempre há de ocorrer. A anima e o animus estão vitalmente despertos em nossas psiques; como vimos, eles nunca serão tão bem conhecidos por nós que não se projetem sobre membros do sexo oposto. Dessa maneira, por meio da projeção, eles se tornam visíveis para nós. Toda vez que ocorre uma projeção, surge para nós uma nova oportunidade de co-

nhecermos o nosso interior, os *Parceiros Invisíveis*, e esse é o caminho para chegarmos ao conhecimento de nossas próprias almas. Ainda existe o fato de, como já observamos, a projeção ser muitas vezes o fator que primeiro que todos os outros, aproxima os sexos. O homem e a mulher são tão diferentes que é preciso um grande poder de atração para uni-los em primeiro lugar; a projeção produz essa influência por causa da fascinação com que reveste o membro do outro sexo. Por essa razão, a maior parte dos relacionamentos de amor começam com projeção, e isso proporciona vida para que depois a vida se movimente. A pergunta é: que acontece então? Será que esse relacionamento se transforma num veículo para o desenvolvimento da consciência, ou será que o introduzimos em nossa natureza infantil e vamos continuando a viver, insistindo em que algum dia encontraremos um relacionamento que nos ofereça perfeita felicidade e realização plena? A projeção em si não é boa nem má; o que fazemos com ela é que deve ser levado em conta.

Aqui, há dois exemplos da história que podem ajudar-nos. Dante e Marco Antônio são ambos exemplos clássicos de homens cuja anima se projetava em mulheres; acontece, porém, que eles lidavam de modos bastante diferentes com suas projeções. Quando tinha apenas nove anos de idade, segundo Boccaccio, Dante encontrou Beatriz (que também estava com nove anos). Imediatamente apaixonou-se por ela. Quando nos apaixonamos subitamente por alguém podemos ter a certeza de que alguma projeção entrou em jogo; pois como poderíamos apaixonar-nos por alguém que ainda não conhecemos? A descrição, que transcrevemos a seguir, idealizada a respeito de Beatriz, que Dante escreveu alguns anos mais tarde, mostra a poderosa influência que a imagem de anima projetada teve sobre Dante:

Sua roupa naquele dia era de uma cor muito nobre, um leve e belo tom de carmezim, enfeitado e bordado de maneira adequada à sua tenra idade.

A tal momento, devo dizer com o máximo de verdade que o espírito de vida, que habita o quarto mais secreto do coração, começou a tremer tão violentamente que as mínimas pulsações do meu corpo ficaram abaladas; e, tremendo, eu disse estas palavras: *Ecce deus fortior me, qui veniens dominabitur mihi* (Eis uma divindade mais forte do que eu, que, vindo, consegue dominar-me)... A partir de então, o Amor passou a governar a minha alma.²⁰

Somente aos dezoito anos foi que Dante viu novamente Beatriz. Depois do segundo encontro, ele escreveu a respeito dela:

...aconteceu que a mesma dama maravilhosa apareceu diante de mim, toda vestida de puro branco. E, ao atravessar a rua, voltou seus olhos para onde eu estava dolorosamente envergonhado; e, através de sua cortesia sem palavras... ela me cumprimentou com uma atitude tão bela, que eu parecia então ter alcançado os limites extremos da felicidade... Saí dali como se estivesse intoxicado.

E Dante acrescenta de modo significativo:

Depois, como eu já possuía certo grau da arte de discursar com rima, resolvi fazer um soneto.²¹

Com isso, terminou praticamente o relacionamento entre Dante e Beatriz, se é que podemos chamar de relacionamento um encontro tão rápido, mas começou o relacionamento de Dante com sua própria alma, e tal encontro lançou-o de vento em popa em sua deslumbrante e vigorosa carreira de poeta. Dante escreveu muitos de seus belíssimos sonetos para Beatriz, e, na sua obra-prima, *A Divina Comédia*, Beatriz reaparece como seu guia no céu. O fato de que, aos trinta e três anos, Bea-

20 Dante, *La vita nuova* [A vida nova], como é citado em *The Age of Faith* por Will Durant, Simon and Schuster, Nova Iorque, 1950, p. 1059.

21 *Ibid.*

triz se casou com outro, morrendo um ano depois, não desanimou Dante em nada. Ele transformara seu encontro com a anima, que recaiu sobre Beatriz, numa obra sólida e criativa e fê-lo durar a vida inteira.

A experiência do general romano Marco Antônio foi bem diferente. Depois do assassinato de Júlio César em 44 a.C., o filho adotivo de César, Otaviano, passou a ser o imperador no Ocidente e Antônio no Oriente. Antônio dirigiu-se para seus novos domínios, a fim de receber a homenagem dos vários reis e rainhas que agora se achavam sob o seu governo, entre as quais estava Cleópatra, a Rainha do Egito. Durant dirá a respeito dela: "Cleópatra era uma grega macedônia de origem, e mais provavelmente loura do que morena. Ela não era especialmente bonita; mas a graça do seu semblante, a vivacidade do seu corpo e de sua mente, a variedade de seus cumprimentos, a suavidade de suas maneiras, a própria melodia de sua voz, combinavam-se com sua posição real para fazer dela um vinho atordoante mesmo para um general romano. Ela conhecia a história, a literatura e a filosofia grega; falava grego, egípcio e siriaco, e mais superficialmente outras línguas também; ela reunia o fascínio intelectual de uma Aspásia ao sedutor abandono de uma mulher completamente desinibida".²² Cleópatra, que supunha ser a conquistada, transformou-se em conquistadora, enquanto viajava pelo rio Cidno para encontrar-se com Antônio "numa embarcação com velas de púrpura, popa dourada, remos de prata que acompanhavam o ritmo da música de flautas, pífaros e harpas. Suas servas, vestidas como ninfas e sereias do mar, formavam a tripulação, ao passo que ela própria, vestida como Vênus, ficava sob um baldaquim revestido de tecido de ouro".²³ Quando Antônio encontrou esta "sedutora aparição", apaixonou-se por ela imediatamente, e assim começou um dos mais famosos e trágicos romances de amor existentes na história.

22 Will Durant, *Caesar and Christ*, Simon and Schuster, Nova Iorque, 1944, p. 187.

23 *Ibid.*, p. 204.

Cleópatra tornou-se como que a alma de Antônio e, consequentemente, gozou de enorme poder e prestígio junto dele. Antônio enfraqueceu-se desastrosamente, porque só podia experimentar sua alma tal como se projetava em Cleópatra, e, a partir desta época, suas qualidades de general e de líder se deterioraram. Até então, Antônio havia sido um chefe militar famoso, cuja coragem e dedicação ao seu exército tinham conquistado a firme lealdade de suas tropas. Entretanto, lamentáveis devem ter sido os caminhos de libertinagem e de busca do prazer percorridos por Antônio nas épocas de paz, ao passo que, durante a guerra, o melhor dele vinha à tona e ele demonstrava ser um homem de coragem e um excelente general. Depois, Antônio perdeu essa qualidade de determinação que deve ter marcado o militar bem sucedido. Por exemplo, quando ele teve uma acentuada vantagem em relação aos partos, e deveria tê-los derrotado numa campanha decisiva, preferiu adiar a luta para que seus inimigos contassem com a oportunidade de reunir suas forças e resolver suas divergências internas. Ele agiu, segundo Plutarco, "como um homem que já não tinha controle de suas faculdades, que, sob os efeitos de alguma droga ou mágica, ainda se achavam voltadas para trás, como que procurando outra coisa."²⁴

Isto foi pouco antes de Otaviano e Antônio se desentenderem e um marchar contra o outro com suas forças para uma batalha decisiva. Antônio tinha um exército superior e era um general mais experiente, enquanto que Otaviano havia construído uma nova força naval e alcançado vitórias navais recentes no Mediterrâneo Ocidental. Mas Antônio preferiu enfrentar Otaviano no mar, porque Cleópatra, que possuía uma frota sua, assim o quis. "A tal ponto estava ele agora reduzido a um mero apêndice da pessoa de Cleópatra", escreve Plutarco, "que, embora

24 *Plutarch's Lives*, capítulo sobre Marco Antônio; The Harvard Classics Edition, traduzido por Dryden, corrigido e revisto por Clough, P. F. Collier & Son Company, Nova Iorque, 1909, p. 363.

fosse muito superior ao inimigo em forças atuantes em terra, que, mesmo sem a aprovação de sua mestra e senhora, desejou que a vitória fosse ganha por mar".²⁵

As duas equipes navais travaram a famosa batalha de Ácio em 31 a.C. Antônio destacara do seu poderoso exército mais de 100.000 homens e colocara-os a bordo das grandes e pesadas galeras que constituíam sua frota. Otaviano foi ao encontro dele com sua frota de embarcações menores, porém muito mais fáceis de serem manobradas. Além disso, as embarcações de Antônio eram dirigidas por marinheiros recrutados e inexperientes, ao passo que as de Otaviano o eram por romanos experimentados e leais. Não obstante, a batalha poderia ter sido ganha por Antônio, se não fosse o seu exagerado apego a Cleópatra. Escreve Plutarco: "Mas a sorte do dia ainda não estava decidida e a batalha apresentava igualdade de condições, quando, subitamente, sessenta navios de Cleópatra foram vistos levantando as velas e afastando-se velozmente pelo mar, passando direto no meio das embarcações em combate... O inimigo ficou atônito ao vê-las afastar-se, auxiliados por um vento favorável, em direção ao Peloponeso. Foi aí que Antônio mostrou ao mundo inteiro que ele não mais agia movido pelos pensamentos e pelos motivos de um comandante ou de um homem, ou mesmo segundo o seu próprio critério afinal, e que ficava bem provado como sendo uma grande verdade o que certa vez se dissera por gracejo: *a alma de um amante vive no corpo de outra pessoa.* Pois, como se ele tivesse nascido já constituindo uma parte dela e fosse obrigado a segui-la para onde quer que ela fosse, assim que viu o navio dela indo embora, ele abandonou todos os que estavam lutando e sacrificando suas vidas por ele, e embarcou numa galera de cinco pares de remos, ...para segui-la, justamente quando esta começara a provocar o fracasso dele, decidida, de então em diante, a concretizá-lo totalmente".²⁶

25 *Ibid.*, p. 383.

26 *Ibid.*, p. 387. O grifo é meu.

As forças de Antônio, desorientadas com a fuga de seu chefe, perderam a batalha. Durante algum tempo, suas tropas remanescentes reuniram-se em terra e mantiveram-se firmes esperando a volta do seu líder. Mas, quando se constatou que Antônio de fato não voltaria mais, até os seus soldados mais leais passaram para o lado de Otaviano vitorioso. Enquanto isso, Antônio, mergulhado em profunda depressão, regressara ao Egito, para aguardar a sua definitiva destruição. Alguns meses depois, ambos, Antônio e Cleópatra, mataram-se por suas próprias mãos.

A diferença de desfecho entre as vidas de Dante e de Antônio pode ser atribuída aos modos pelos quais eles corresponderam à projeção da anima. Os dois experimentaram a força da anima quando projetada sobre uma mulher mortal. Dante, porém, transformou a experiência numa obra criativa e realizou a sua Beatriz como sendo uma figura de sua própria alma. Antônio foi incapaz de sentir a sua alma a não ser através de uma projeção, que o levou a uma vida de prazer e de idolatria, e, assim, desencaminhou-o, levando-o à perda da integridade de sua personalidade.

Esses dois exemplos foram extraídos dos anais da história, mas a projeção da anima e do animus, bem como as resultantes complicações para o relacionamento entre homens e mulheres continuam sendo o problema diário dos psicoterapeutas. Eleonora (assim resolvi chamá-la), uma mulher de uns vinte e cinco anos, foi procurar aconselhamento porque seu marido a deixara por causa de outra mulher. Era uma mulher gorda, porém atraente e estivera casada durante mais ou menos sete anos. O marido saía para uma viagem de navio, quando lhe escreveu dizendo que não voltaria e que estava indo encontrar-se, em outra região do país, com a mulher que ele "sempre amara". Durante sete anos, dizia ele agora à esposa, nada fizera senão pensar nessa outra mulher e, no momento, estava indo procurá-la, a fim de viver com ela para sempre, embora isso significasse abrir mão do relacionamento com sua esposa. Ele explicou a Eleonora

que, embora gostasse dela, não a "amava", mas antes estava apaixonado pela outra mulher. A ele pouco importava que essa mulher já fosse casada e tivesse vários filhos.

Ele conseguiu achar o seu longo sonho de amor e tentou persuadi-la a deixar o marido para ir viver com ele. Talvez essa mulher e o marido tivessem um relacionamento pobre, ou — quem sabe? — tivesse ela se sentido lisonjeada ao pensar que um homem pudesse tê-la amado durante sete anos e ainda, depois disso, haver, com cortesia e delicadeza, atravessado o país inteiro, a fim de casar-se com ela. Enquanto isso, Eleonora concluía que fora demais o que o marido fizera. Embora sentindo profundamente a rejeição, recuperou forças suficientes e bastante autoconfiança para decidir que poderia prosseguir sua vida sem o marido, principalmente já que o relacionamento dele com ela possuía raízes tão frágeis. Não havia filhos decorrentes do casamento, e ela optou pelo divórcio. O relacionamento do marido de Eleonora com a mulher que ele "amara" durou no máximo onze semanas. Depois disso terminou tudo e ele estava escrevendo novamente a Eleonora para explicar que se "desiludira". Eleonora decidiu não aceitá-lo de volta.

Embora eu não tenha estado com o marido, o relato tem todas as características de um caso clássico de projeção de anima. A mulher com quem o rapaz sonhou durante sete anos não era a mulher de carne-e-sangue com quem vivera durante onze semanas, mas uma ilusória imagem de anima em sua mente. Infelizmente, ele só conseguiu experimentar sua alma através da projeção e, evidentemente, faltaram-lhe a profundidade psicológica e a maturidade moral necessárias para colocar o relacionamento real acima de suas fantasias e dos desejos inspirados a ele por sua anima enfraquecida. Se ele tivesse sido capaz de ver sua situação de modo diferente, poderia ter reconhecido que a anima, a imagem de sua alma, estava tentando atingi-lo através de suas fantasias de amor pela mulher distante, pois é justamente mediante tais

fantasias que a anima procura, primeiro, tornar-se consciente para o homem.

Uma outra jovem procurou aconselhamento, por causa de certas queixas somáticas que eram de natureza psicogênica. Joana, como vou chamá-la, divorciara-se depois de mais ou menos um ano de casamento; ela tinha um filho. Parece que havia gostado do marido perfeitamente bem, porém, apaixonara-se por outro homem. Aparentemente, este também a amava e os dois planejaram divorciar-se de seus cônjuges para se casarem. Joana divorciou-se primeiro e ficou esperando que seu amante viesse juntar-se a ela, mas, passado algum tempo, ele se sentiu encurrulado. Finalmente, declarou-lhe que, embora a "amasse", não a amava suficientemente para ir viver com ela, tendo de passar todas as noites juntos. Por acaso ele acabou divorciando-se de sua mulher, mas depois se casou com uma outra, e não com Joana. O fato deixou esta inteiramente sozinha e muito deprimida. Sem um marido para sustentá-la, teve de arranjar um emprego de secretária, trabalho que contrariava muitíssimo o seu gosto. Quando lhe perguntei que tipo de coisa gostaria de fazer em vez disto, replicou, com ar de quem se sentia culpada: "Você sabe, na realidade o que desejo ser é exatamente esposa e mãe". Isso era triste, porque correspondia justamente ao que ela não tinha capacidade de ser agora, pois, embora tendo um filho, mas não tendo marido, precisava passar a maior parte dos seus dias no escritório, em vez de estar cuidando do lar.

Joana contou vários sonhos em que o homem por quem se apaixonara vinha procurá-la como se fosse seu amante. Ela tomava esses sonhos em sentido literal, como personificações de suas próprias forças criativas, que agora desejavam a união com ela. (Nos sonhos, a união sexual freqüentemente representa a tendência de alguma parte de nós que deseja unir-se com a nossa personalidade consciente). Se Joana tivesse entendido esses sonhos de modo correto, teria compreendido que, uma vez despertados os seus poderes criativos, a projeção desses sobre o outro homem poderia ter sido resolvida, e sua vida

ter tomado uma direção diferente. Ao escolher, em vez de viver concretamente fora de seus desejos, através do homem que lhe transmitia a imagem projetada do animus criativo, escolheu um caminho inconsciente em detrimento de um consciente, e isso quase sempre acaba num desastre, ou, pelo menos, em alguma espécie de prejuízo. Por haver falhado no ponto real de sua experiência, ela fracassou na realização de certo potencial nela existente, que estava procurando concretizar-se na sua vida. Felizmente ela é jovem e há esperanças de que a vida lhe ofereça outras oportunidades.

O que Joana experimentou é muito comum. Como Marie-Louise von Franz observa,²⁷ quando há certa energia criativa em nós que está ultrapassando as fronteiras e limites do casamento e da vida de família, é típico tal energia projetar-se numa pessoa do sexo oposto. Isso leva à atração por essa pessoa, à fascinação por ela, como já discutimos. Quando isso acontece, é preciso examinar atentamente o que está ocorrendo. Será que estou casado(a) com a pessoa errada? Desejo, porventura, livrar-me do meu esposo ou esposa e viver permanentemente com a outra pessoa? Ou será que a outra pessoa representa uma válvula de escape para onde projeto meus poderes criativos, que ainda não se acham plenamente satisfeitos no casamento? Se a resposta às duas primeiras perguntas for afirmativa, talvez sejam necessárias mudanças realistas na vida da pessoa. Se a última pergunta tiver razão de ser, a projeção das energias criativas precisa ser orientada, de maneira que se possam realizar de modo profícuo, como um potencial existente dentro da pessoa.

O que aconteceu com Joana também pode ser encarado em termos da disparidade que quase sempre ocorre num relacionamento como o do casamento. Uma pessoa é mais envolvida num tipo de relacionamento do que a outra, como C. G. Jung esclarece no seu artigo sobre o

27 Marie-Louise von Franz, *The Feminine in Fairy Tales*, Spring Publications, Zurique, 1972, pp. 13ss.

casamento.²⁸ Na pessoa que é envolvida no relacionamento, as necessidades físicas e emocionais precisam ser satisfeitas; não há necessidade de ir além do relacionamento, quando se trata de uma pessoa que se sente confortavelmente satisfeita. No caso do envolvente, entretanto, há uma tendência da libido de sair dos limites do relacionamento e procurar uma compensação em outra coisa. Essa energia física que extravasa é uma energia criativa que, como já salientamos, prontamente se projeta numa outra pessoa, a não ser que encontre um caminho adequado. É importante que o envolvente compreenda, num tal relacionamento, que o anseio mais profundo deve ser o da busca da unidade da personalidade, uma unidade que, conforme Jung enfatizou em seu artigo, é possível à pessoa envolvida por meio do relacionamento, mas que o envolvente deve procurar de outra maneira.

Muitas vezes, a personalidade do envolvente é mais complexa e desenvolvida do que a da pessoa envolvida. Entretanto, algumas vezes, os papéis se alternam, e existem relacionamentos em que ora uma pessoa ora a outra funciona como envolvente ou, talvez, a mulher seja envolvida espiritualmente pelo marido e este emocionalmente envolvido pela mulher, ou vice-versa. Cada pessoa tem um tipo de luta. Para aquele que é envolvido, existem ansiedade e tristeza porque a pessoa sente, consciente ou inconscientemente, que o outro parceiro não consegue ter o mesmo relacionamento que ele. Para a pessoa que é envolvente há uma sensação de frustração, e, às vezes sentimentos de culpa ou de deslealdade, por ter uma percepção de que ele ou ela não está correspondendo ao parceiro como o parceiro gostaria que acontecesse. Tanto o homem quanto a mulher podem ser o envolvente para o outro. Não parece ser uma questão de sexo que determina qual pessoa desempenhe esse ou aquele papel, mas trata-se antes do fato de uma

28 C. G. Jung, "O casamento como relacionamento psíquico", OC 17, *O desenvolvimento da personalidade*, Editora Vozes, Petrópolis, 1981, par. 331-334.

pessoa ter a personalidade mais diferenciada do que a outra.

Naturalmente, quando uma pessoa é a envolvente e a outra a envolvida, isso dá certa conotação ao relacionamento e faz parte de uma força que tende a afastar as pessoas uma da outra, em vez de aproximar-las. Em todo relacionamento existem alguns fatores que tendem a promover a união das pessoas, sua unidade e desejo de estar juntas, e outros fatores que tendem a separá-las. Convém encarar esses últimos fatores como pertencentes ao princípio da individualidade, e não como sendo totalmente negativos. O relacionamento consiste na união de duas pessoas. Este é um dos lados da vida, mas o outro lado requer a acentuação de uma personalidade individual, e, por isso, desenvolver esse aspecto deve corresponder à afirmação e ao reconhecimento das diferenças individuais.

Uma fantasia bem freqüente que as pessoas casadas descobrem perpassando suas mentes é a de que seus parceiros morreram. A fantasia pode consistir no simples pensamento: "Que aconteceria se meu marido/mulher morresse?" Ou isso pode até evoluir e transformar-se numa cena fantasiosa de morte, ou até num desejo de que a outra pessoa morra. Evidentemente, tais fantasias nos chocam, e tendemos a reprimi-las rapidamente, horrorizados por estarmos tendo tal pensamento. Mas, na maioria dos casos, essas fantasias são simplesmente uma compensação para um relacionamento em que as vidas das duas pessoas se acham demasiadamente interligadas, e em que existe a necessidade de um desenvolvimento mais individual. Esse mesmo pensamento foi expresso por Jesus numa afirmação que poderia ser chocante, a menos que a tomássemos como uma maneira de enfatizar a importância do desenvolvimento psicológico individual: "Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo".²⁹

29 Lc 14,26.

A necessidade do desenvolvimento individual não invalida o relacionamento. Somente seres separados podem relacionar-se. Sem haver desenvolvimento individual por parte das duas pessoas, não pode ocorrer um verdadeiro relacionamento. Ao invés disso, um estado de identificação mútua desenvolve algo que embota o desenvolvimento psicológico de ambos os parceiros. Não obstante, quando o princípio da individualidade se afirma num relacionamento, é importante que as duas pessoas envolvidas sejam capazes de discutir suas diferenças e de aceitá-las. No caso, também seria útil se as duas pessoas tivessem algumas coisas em comum. Por exemplo, um casamento tem maior probabilidade de êxito, quando o homem e a mulher possuem em comum um lastro racial, religioso e educacional. Metas comuns igualmente ajudam muito, como a de educar os filhos, ou uma meta financeira compartilhada pelos dois. O ter amigos comuns também é útil.

Todo relacionamento é uma mistura de áreas, em que as pessoas se encontram e de áreas em que não se encontram, porque as duas pessoas são diferentes. Verda Heisler, que escreveu o artigo muito útil "Individuation through Marriage" ("Individuação através do casamento"),³⁰ diagrama a situação da seguinte maneira:



Neste diagrama, as áreas sombreadas representam as áreas em que o homem e a mulher compartilham interesses, metas ou aspirações comuns. As partes claras representam as áreas em que existem diferenças indi-

30 Verda Heisler, "Individuation through Marriage", *Psychological Perspectives*, Outono de 1970, Vol. 1, n. 2.

viduais. O tamanho da área de superposição pode ser maior ou menor. Desse modo, o diagrama A mostra um relacionamento em que existe mais vida psicológica compartilhada, comum aos dois parceiros, do que no diagrama B.

Nitidamente, esses *Parceiros Invisíveis* têm um efeito decisivo nos relacionamentos. Como vimos, quando a anima e o animus são projetados, eles podem provocar atrações e repulsões extraordinárias entre homens e mulheres, e invariavelmente desviam o homem ou a mulher, levando-os a pensar exageradamente muito ou exageradamente pouco no seu parceiro ou na sua parceira. Mas a anima e o animus também produzem efeitos marcantes na consciência de homens e mulheres mesmo fora da projeção, e aqui, igualmente, ocorrem efeitos que perturbam o relacionamento. É para esse ponto que pretendo agora voltar-me.

Capítulo segundo

Mitos e contos de fada, sendo representações espontâneas da realidade psicológica, muitas vezes representam a anima e o animus e, através de seu conjunto vivo de estórias, nos mostram como eles podem atingir a vida humana. Tomem, por exemplo, o mito grego de Circe, que era um ser feminino mortal, conhecido por seus encantamentos e más influências. Ela envenenara seu marido e fora morar num belo castelo na ilha de Ea. Por meio da mágica, ela tinha o poder de encantar qualquer homem que andasse vagando pelas praias de sua ilha, e conseguia transformá-lo num animal. A mais famosa estória sobre Circe encontra-se na *Odisséia*. Os homens de Odisseu aventuraram-se a ir até a ilha e foram bem recebidos por Circe, que os entreteve e lhes ofereceu um magnífico banquete no seu palácio; no entanto, exatamente no auge de seu prazer e de seus divertimentos, Circe descarregou os maus fluidos que possuía sobre os homens e eles se transformaram em porcos. O próprio Odisseu [Ulisses], felizmente, havia sido previamente avisado pelo deus Hermes, que lhe dera uma erva que continha um antídoto contra os fluidos mágicos de Circe. Assim preparado, Ulisses ou Odisseu, finalmente, foi capaz de conseguir o melhor de Circe e obrigou-a a libertar seus homens dos seus passos mágicos. Mesmo então, porém, o fascínio dela foi tão grande que Odisseu permaneceu com ela na ilha durante um ano, esquecendo-se de sua esposa, Penélope, e da premente necessidade de regressar à sua terra natal.

As sereias, que também encontramos na *Odisséia*, eram tão perigosas quanto Circe. As sereias eram criatu-

ras femininas um tanto temíveis, com corpos de peixe e cabeças de mulheres. Elas conseguiam cantar músicas incrivelmente melodiosas, de tal modo atraentes que nenhum homem que ouvia suas músicas podia resistir e deixar de ir ao encontro delas. Uma vez, porém, houve um homem que se aproximou delas; as sereias caíram em cima dele e o despedaçaram, juntando seus ossos a um monte de esqueletos dentre os vários espalhados pela terrível ilha. O próprio Odisseu poderia ter sido vítima das sereias, se não houvesse sido prevenido por Circe. Quando seu navio passou pela ilha onde moravam as sereias, ele obrigou seus homens a taparem os ouvidos para não ouvir a música mortal, enquanto ele próprio se amarrou fortemente ao mastro. Dessa maneira, mesmo ouvindo a música, foi capaz de passar ileso pelas sereias.

Em ambos os contos, temos seres femininos que são extremamente perigosos para os homens. Eles possuem um grande poder sedutor, e conseguem enganar os homens com suas propostas de prazer ou com a música, levando-os a um estado de inconsciência. Então, depois que os homens ficam seduzidos e impotentes, eles os destroem. A transformação dos homens de Odisseu em porcos representa a redução da consciência masculina à sua natureza mais baixa, mais semelhante ao porco, e um estado psicológico em que o homem se identifica com seu apetite pelo sexo e pelo prazer. A destruição dos homens pelas sereias personifica o modo como o poder mortal da anima pode dilacerar a consciência masculina, deixando-a em farrapos, mediante a indução dos homens a um estado de inconsciência com promessas de felicidade e de prazer. Dessa maneira, a mitologia grega personificou o lado perigoso e mortal da anima, capaz de levar o homem à sua própria destruição. Poderíamos dizer que Marco Antônio se sentiu vítima e presa dos maus efeitos da anima no seu aspecto de Circe e de sereia, pois ele se identificou com seus apetites de prazer e foi induzido à sua destruição pela qualidade semelhante à sereia da anima que ele projetou em Cleópatra.

Odisseu ou Ulisses foi capaz de escapar da má sorte, porque fora previamente advertido, isto é, ele se tornou consciente do sentido da situação. Apoiado no conhecimento que tinha da natureza mortal de Circe, o herói é capaz de superar seu lado perigoso e de experimentar seu lado útil, já que é ele quem o adverte contra as sereias e lhe mostra como pode passar ileso por elas. Os homens de Ulisses, que geralmente representam a consciência, não ouvem o canto das sereias, mas Ulisses ouve. O herói é o homem que fica plenamente exposto à anima e a seus efeitos, mas que se acha psicologicamente esclarecido e que não se torna vítima do seu lado negativo.

Um exemplo impressionante do lado perigoso do *animus* encontra-se na estória de Tobias, incluída na Bíblia. A estória conta-nos que a bela jovem Sara estava possuída por um demônio, Asmodeu. Sara fora casada sete vezes, mas todas as vezes o demônio Asmodeu viera durante a sua noite de núpcias e matara seu marido. Sara reza a Deus, que ouve sua oração e resolve ajudá-la. Deus também ouve a oração do velho justo e cego, Tobit, e de seu filho, Tobias, e envia o anjo Rafael para auxiliar o ancião e o filho, bem como a jovem mulher Sara.

Rafael toma Tobias para uma viagem e, durante o caminho, eles chegam a um rio. Tobias desce ao rio para banhar-se, quando um peixe salta diante dele, só não o engolindo porque Rafael lhe gritou: "Agarre o peixe".¹ Tobias apanha o peixe e arrasta-o até a terra; depois, seguindo as instruções do anjo, arranca-lhe o coração, o fígado e o fel, e leva-os consigo. Ocasionalmente, chegam à casa de Sara, onde Tobias ouve Rafael dizer-lhe que ele deve casar-se com a jovem. No primeiro momento, Tobias se opõe à ordem. "Ouvi dizer — replica ele — que a moça já foi dada a sete maridos e que todos morreram na noite de núpcias... por isso tenho medo. A ela o demônio não faz nenhum mal, porque a ama;

1 Tb 6,4.

ele mata, porém, quem queira aproximar-se dela".² Mas o anjo o instrui no sentido de queimar o coração e o fígado do peixe, produzindo com isso uma fumaça; disse-lhe ainda que, quando o demônio sentisse o cheiro da fumaça, fugiria para as regiões mais longínquas da terra. Tobias fez o que lhe foi mandado. Ele se apaixonou por Sara, casou-se com ela, e à noite preparou a fumaça com o coração e o fígado do peixe; Asmodeu, ao sentir tal cheiro, foi definitivamente afugentado.³

Asmodeu personifica o *animus*, que, quando se apropria de uma mulher, age como um demônio. Ficamos como que possuídos por um conteúdo inconsciente quando o ignoramos e não mantemos relacionamento com ele, entretanto ele nos ajuda quando estamos relacionados com ele. Tornar-se consciente ou atento conhecedor dos conteúdos do inconsciente é a maneira mais segura de estabelecer um relacionamento. Já se disse, falando dos complexos que perturbam o inconsciente, que a maioria das pessoas duvida ter algum complexo; elas ignoram que seus complexos é que as possuem, é que tomam conta delas. Assim, Asmodeu *possui* Sara e, porque a possui, é um demônio. Ele destrói os sete maridos dela porque o *animus*, quando possui uma mulher, passa a ser destruidor dos relacionamentos humanos e dos valores do eros.

O anjo e o peixe simbolizam os poderes curativos do inconsciente, e, mais especificamente, o poder de uma vida espiritual. Como Jung observou certa vez, um antídoto contra a possessão do demônio consiste em ter uma alma cheia de um espírito mais poderoso do que o do demônio. Quando Tobias queima o coração e o fígado do peixe e produz com eles uma fumaça, é como se uma nova força espiritual entrasse na alma de Sara, e, a partir de então, deixa de haver lugar para o mal e para as forças demoníacas. Tobias, evidentemente, também

2 *Ibid.*, 6,14-15.

3 O fel do peixe depois é usado, no relato, para curar o velho Tobit da cegueira.

despertou o eros de Sara e fez nascer nela o desejo de um homem e do relacionamento com ele. Esse calor humano e esse eros também têm a capacidade de afastar as forças do mal. Assim, o relato nos dá a chave para saber como uma mulher pode destruir os efeitos mortais do animus: a alma dela precisa estar cheia de um espírito mais poderoso do que o do animus destruidor, e sua capacidade para o eros e o relacionamento deve estar viva.

O demônio Asmodeu, a feiticeira Circe e as sedutoras sereias simbolizam os efeitos destruidores do animus e da anima. São geralmente esses efeitos negativos que experimentamos em primeiro lugar e que precisam ser superados para que os aspectos positivos dos *Parceiros Invisíveis* possam realizar-se. Os efeitos negativos e destruidores constituem a "má notícia" sobre o animus e a anima, e é isso que vamos abordar primeiro, deixando a "boa notícia", o lado positivo e portador de ajuda da anima e do animus para o próximo capítulo.

Os efeitos negativos da anima e do animus estão diretamente relacionados com a falta de percepção e a desvalorização, por parte do homem, de seu lado feminino, e com a falta de percepção da mulher de seu lado masculino. Nos homens, a anima tende a impedir-los de reconhecer o erro de proporção que cometem não reconhecendo e não respeitando adequadamente os valores femininos existentes em si, na vida e nas mulheres. Por esse motivo, os homens precisam aprender a conversar com mulheres e a ouvi-las, porque a mulher pode, então, ensinar ao homem o que é importante para ela; dessa maneira, ele se relaciona melhor com o eros e seus valores. Isso facilita seu relacionamento adequado com a anima, um problema importante, pois, ao lidar com figuras arquetípicas do inconsciente, a chave está no relacionamento. De fato, como vimos, quando tais figuras se acham relacionadas com a consciência, seu lado positivo tende a se manifestar; de modo contrário, o que tende a aparecer é o seu lado demoníaco.

No caso da anima, é ela que fica por trás das disposições de um homem. Quando um homem está possuído pela anima, ele passa a ter tristeza, tende a ficar de mau humor, extremamente sensível e perturbado. Uma atmosfera envenenada o envolve e ele parece imerso numa espécie de nuvem psicológica. Ele deixa de ser objetivo ou relacionado, e suas atitudes masculinas ficam prejudicadas pela impertinência ou rabugice. Quando um homem fala ou escreve em tal estado de espírito, essa impertinência ou rabugice e esse veneno certamente virão à tona. Ao escrever, a influência da anima pode ser percebida através de sarcasmos, indiretas, irreverências e piadas venenosas que revelam um desvio subjetivo e de personalidade, bem como prejudicam a qualidade objetiva do trabalho. Um homem sob as garras da anima age, diante de todo o mundo, como um tipo inferior de mulher que está perturbada com alguma coisa e que, de fato, corresponde exatamente ao que ele traz dentro de si.

Um tal estado de espírito pode acometer um homem repentinamente. Uma observação aparentemente ocasional feita por alguém, um leve, quase imperceptível desapontamento bastam para, de um momento para outro, um homem entrar em tal estado. De modo bastante espantoso, os homens, quase que invariavelmente, deixam de perceber que algo existente dentro deles mesmos passou a possuí-los subitamente, que se viram invadidos e envolvidos por más disposições e mau humor, e que o acontecimento se verificou de maneira autônoma. Tais disposições podem simplesmente tornar o homem desagradável e aborrecido durante algum tempo, mas também podem transformar-se num túnel escuro e perigoso. Quando as más disposições passam a ser crônicas, elas podem levar o homem ao alcoolismo ou a profunda depressão. Em certas circunstâncias, uma intensa má disposição de anima pode mergulhar o homem em tal estado de desespero que ele chegue a cometer o suicídio. Não existe dúvida de que a presença da alma dentro de um homem é que explica por que menos homens

do que mulheres tentam o suicídio, mas mais homens do que mulheres realmente chegam a se suicidar. É como se a anima dissesse: "Tudo é tão fútil!" E o homem cai no supremo desespero.

A mulher na vida de um homem poderia mostrar-lhe uma porção de coisas sobre essas disposições da anima. Ela conhece, com quase certeza, quando a má disposição atinge seu marido, porque então ele fica impotente para o relacionamento. Não se consegue atravessar a má disposição para encontrar o homem. É como se ele tivesse desaparecido e outra pessoa houvesse assumido o seu lugar. Esse mau humor do homem acarreta, como resultado, um efeito perturbador na mulher, que acha difícil conviver com um homem num tal estado.

Se você conseguir chegar à raiz da indisposição e mau humor de um homem, você descobrirá que houve alguma coisa errada; o homem, porém, dificilmente compreende o que seja. Pode ser que a sua mulher interior não esteja gostando do que o homem está fazendo. Por exemplo, ela pode não gostar do trabalho dele, porque este esgota a vida e a energia dela, ou porque pode impedi-la de atingir a sua realização na vida. É como se a mulher interior do homem e o homem interior da mulher também precisassem de se realizar na vida, mas a única maneira de atingirem tal meta dependesse do tipo de vida que o homem exterior ou a mulher exterior deles leva. Imagine uma mulher que tenha renunciado ao seu objetivo na vida, que seja forçada a suportar um modo de vida que não lhe deixa lugar para suas emoções ou para seus poderes criativos. Uma mulher assim, naturalmente, haveria de ficar insatisfeita e seu dissabor poderia ser sentido na desagradável atmosfera que ela cria. É exatamente o que acontece com a anima, quando ela não participa suficientemente da vida do homem.

A disposição negativa da anima, entretanto, pode também ser uma função do relacionamento. Por exemplo, um homem pode entrar nesse estado de espírito quando seus sentimentos são feridos. Talvez alguém o tenha ignorado, alguém lhe tenha dito um desafogo ou

o tenha rejeitado de alguma forma; e, com isso, ele fica sentido e zangado. Quando acontece de um homem ser ofendido, se ele puder expressar seus sentimentos diretamente, tudo se resolverá muito bem — ele não ficará de mau humor. Se, por exemplo, tiver sido sua mulher quem ofendeu seus sentimentos e se ele puder dizer-lhe: "Realmente você me põe zangado quando diz isso", ele terá oportunidade de ser ele mesmo e não se deixará possuir pela anima; não ficará de mau humor por causa do fato. Mas, se ele não puder expressar seus sentimentos, estes cairão no inconsciente e a anima tomará conta deles. O aborrecimento que o homem não manifesta diretamente é captado pela anima, que o transforma em ressentimento; na verdade, o ressentimento em um homem é sempre um sinal de que a anima está em ação. Nas mãos da anima, esse aborrecimento não expresso nem resolvido ferve, arde dentro dele, corroendo-o, e vai expressar-se indiretamente por disposições e comportamentos "agressivo-passivos". Ele está sempre pronto a explodir; no caso, o homem não tem a sua raiva, esta é que o possui. Ele está possuído pela raiva e seu aborrecimento corre perigo constante de se tornar um afeto terrível, porque é como se a anima estivesse preparada para descarregar suas chamas num depósito de gasolina à espera; e o homem irromperá numa emoção descontrolada e capaz de engolir qualquer um.

Jung observou que a anima pode ser considerada em ação sempre que emoções e afetos estão agindo no homem. Ele escreveu: "Ela intensifica, exagera, falsifica e mitologiza todos os relacionamentos emocionais com o trabalho dele e com outras pessoas de ambos os sexos".⁴ O antídoto para isso, como já foi mencionado, consiste, para o homem, em saber o que ele está sentindo e tornar-se capaz de expressá-lo no relacionamento. Isso mantém sua emoção longe das garras da anima e, além do mais, a satisfaz, mostrando-lhe que a coisa certa está sendo feita, seja quem for aquele a que o feriu ou ofendeu.

⁴ Jung CW 9, 1, p. 70.

A anima não deseja necessariamente assumir a vida emocional do homem no lugar deste; ela só faz isso por deficiência dele. É como se ela dissesse: "Por que você não diz alguma coisa sobre o que volta-e-meia o irrita e o deixa assim? Se você não fizer alguma coisa em relação a isto, eu vou fazer". Podemos dizer que, quando alguma coisa andou errada num relacionamento emocionalmente importante, a anima vai esbravejar contra ela até que o homem consiga expulsá-la, ou chegar a um entendimento com suas emoções de alguma maneira adequada.

Infelizmente, muitos homens têm dificuldade de expressar seus sentimentos. Os homens tendem a gostar de que seus relacionamentos sejam suaves, fáceis e confortáveis. Relutam em participar de discussões emocionalmente marcantes ou de soluções difíceis. Eles querem "paz e tranqüilidade" e querem que suas mulheres mantenham uma atmosfera agradável e que não tragam problemas desgastantes. Mas, como já vimos, quando se ignoram os problemas do relacionamento, estes simplesmente pioram, e, quando um homem firmemente renega seus sentimentos e não consegue falar deles com pessoas que encontra em sua vida, ele se transforma num mal humorado crônico, numa pessoa sempre ressentida e num homem manipulado e arruinado pela anima. Então ele fica como alguém que tenha sido assumido por uma bruxa, pois se mostra idêntico a esta em suas más disposições.

Quando um homem se sente capaz de expressar seus sentimentos, não só ele consegue conservar seus problemas fora do alcance da anima, mas também passa a ser uma pessoa muito mais evoluída. Um homem que vive sempre evitando encontros de cunho emocional com outras pessoas é dominado pela Mãe. Uma das formas de ele se libertar de seu complexo de Mãe consiste em expressar-se através do relacionamento. Se não conseguir fazer isto, permanecerá sempre um meninozinho que tem medo de mulheres, que fica sentido com elas se não o fazem feliz, e que se acha desligado de sua própria força masculina.

Os homens muitas vezes relutam em trazer à tona coisas desagradáveis que aconteceram no relacionamento com uma mulher, por terem medo de que ela se zangue, ou de que eles próprios se zanguem, ou ainda porque receiam ser rejeitados ou temem sofrer.

Descobrir o que ocorre no relacionamento requer que o homem consiga dominar a sua raiva ou zanga. Ele precisa sentir-se bem à vontade com o seu aborrecimento, para poder expressá-lo sem ser perturbado por ele; ele precisa ser capaz de aceitar o fato de que possui o seu lado criativo obscuro. Um homem que eu conheço disse que, sempre que ocorria alguma dificuldade com sua mulher, ele se colocava perto da porta, a fim de que simplesmente pudesse sair caso começasse a ficar zangado. Ele tinha medo de sua própria raiva. Evidentemente, enquanto ele pôde escapar assim de si mesmo, jamais conseguiu resolver seu relacionamento com sua mulher.

Quando um homem tem medo da zanga de sua mulher, ele não raro regride ao estado do meninozinho que existe nele. Observem o que faz uma criancinha quando a mãe briga com ela. Vejam como ela fica aborrecida; quantos meninos não ficariam profundamente ofendidos, magoados, e gostariam de fazer fosse lá o que fosse para acalmar a mãe, de modo que as coisas voltassem a correr bem; ou então, quando já são mais fortes e crescidos, haveriam de pôr para fora toda a sua desconfiança infantil para não serem dominados pelos seus sentimentos feridos. O aborrecimento azedo de uma mulher e seu poder de rejeição possuem uma enorme influência sobre outras pessoas, principalmente sobre homens e meninos; e, quando um homem está começando a ser capaz de se relacionar com uma mulher, ele precisa superar o medo que sente do aborrecimento ou da raiva dela e a ansiedade que experimenta diante do fato de poder ser rejeitado. Isto significa que ele tem de descobrir e ajudar o meninozinho que existe dentro dele. Ao reconhecer o seu lado de meninozinho magoado, fica muito menos exposto a se identificar com ele, e pode conservar-se

mais como o homem que deve ser no relacionamento com a mulher em sua vida.

Ele terá também que lidar com o aborrecimento, o lado rejeitador de sua mulher. Por que será que ela tem de ser assim? — pode ele perguntar-se a si mesmo. Mas, assim como a anima tem um lado negativo que precisa ser superado para que o lado positivo se realize, igualmente todo homem deve ser capaz de suportar o lado obscuro da mulher em sua vida, se quiser conseguir encontrar o lado terno e vitalizante que ela possui.⁵

O medo que o homem sente de ser rejeitado se houver problemas difíceis no relacionamento é geralmente infundado. Uma mulher que se interessa por um homem, ou se acha totalmente ligada aos seus próprios instintos no que diz respeito ao relacionar-se, possui uma grande capacidade de enfrentar e resolver as coisas. Um jovem que estava trabalhando num restaurante, certa vez teve um encontro desagradável com uma das recepcionistas, no qual lhe disse exatamente o que pensava dela e de algumas coisas que ela estava fazendo. Depois disso, ele veio procurar-me admiradíssimo dizendo: "Você já imaginou o que é você poder dizer a uma mulher tudo que pensa a respeito dela?" Ele estava admirado, porque a jovem ouvira o que ele lhe dissera, respondera a tudo e não ficara absolutamente zangada com ele nem dele se afastara.

Ira relacionada significa que as conclusões que se tiram se referem ao que está acontecendo entre as duas pessoas. É uma expressão honesta de sentimento autêntico. Quando um homem manifesta a ira de maneira não-

5 A guisa de digressão: toda mulher que se zanga não está "no animus" ou possuída pelo animus. Há uma tendência entre os homens de supor que todo aborrecimento numa mulher provém do animus. Isso pode agir como uma forma sutil de impedir uma mulher de expressar seus sentimentos de ira que os homens não gostam de enfrentar. Como veremos, o animus pode muito bem captar a causa da cólera de uma mulher e mostrá-la a ela, mas o feminino é bem capaz de ficar zangado ao conhecê-la.

-relacionada a uma mulher, ele o fará indiretamente criando uma atmosfera desagradável ou entregando-se a uma atitude personalista. Quando ele expressa a ira de maneira *relacionada*, conseguirá dizer a ela exatamente o que o está perturbando. Quando uma mulher gosta de um homem, não irá rejeitá-lo porque ele lhe manifesta a raiva que sente de tal maneira; pelo contrário, ela vai ficar contente com isto, porque se trata de uma coisa que mostra que o relacionamento de ambos constitui algo importante para ele. Do ponto de vista da mulher, um homem ignorar os problemas do relacionamento equivale a ignorá-la, e isto se lhe apresenta como se ela e o relacionamento não fossem importantes para ele.

Muitas vezes, as mulheres também receberão bem a cólera ou o aborrecimento do homem, porque lhe mostrarão que ele e ela foram longe demais. Onde existe emoção algo está acontecendo, o que significa que a outra pessoa está tomando parte no relacionamento. Quando um homem nunca demonstra emoção alguma, ele deixa um vácuo no relacionamento e, principalmente quando ele se torna passivo, é sinal de que há algo na maioria das mulheres que irá dominar tal homem se ele o permitir. É a passividade do homem no relacionamento que provoca a eclosão do animus da mulher. A ira de um homem pode representar sua reação saudável contra a dominação, e essa espécie de indignação a mulher ficará feliz de receber, pois reconhecerá e respeitará nela a força de seu homem, e libertar-se-á de sua tendência instintiva de dominá-lo. É como se ela dissesse: "Chegamos ao ponto que eu queria. Agora posso parar de dominá-lo porque ele se tornou ele mesmo".

Enfatizei aqui a maneira como uma mulher aprecia as reações emocionais de um homem, mas, evidentemente, pode haver outra maneira rondando por perto; pode ser o homem quem deseja uma autêntica resposta emocional de sua mulher. Mais vezes do que se pensa, é o homem quem se retrai emocionalmente do relacionamento, mas esta é uma generalização que supõe inúmeras exceções.

De um lado, se a anima se apropria das emoções de um homem, como Jung dizia, ela intensifica, falsifica e exagera todo o problema. Essas distorções que a anima cria na mente de um homem, levaram James Hillman a desafiar uma tese freqüentemente apresentada entre os psicólogos junguianos de que os homens se relacionam através da anima, de que um homem que tenha uma "anima bem desenvolvida" se há de relacionar através dela com outras pessoas. Hillman contesta dizendo que, se quisermos que haja um relacionamento, a anima não poderá fazer parte dele. "Parece estranho", escreve ele, "que a anima nunca tenha podido ser considerada como um auxílio no relacionamento humano. Em cada uma de suas formas clássicas, ela é uma criatura não-humana ou semi-humana e seus efeitos nos afastam da situação individualmente humana. Ela provoca más disposições, distorções, ilusões, que só servem ao relacionamento humano quando as pessoas interessadas compartilham das mesmas disposições ou fantasias. "Quando queremos 'relacionar-nos', então a anima cai fora!"⁶ É o próprio homem quem se relaciona, e, se o relacionamento for determinado pela anima, ele se transformará num assunto de fantasia arquetípica representando seus papéis por meio de atores humanos, ou um tema dos exageros e das falsificações das emoções e das conclusões ou resultados de cunho emocional que Jung descreveu.

O importante é lembrar, como veremos de modo mais claro no correr do livro, que a posição correta da anima é interna, não externa. Ela desempenha o papel de uma função do relacionamento entre a consciência de um homem e o inconsciente, não de uma função do relacionamento entre um homem e outras pessoas. Quando ela se intromete nessa esfera exterior, surgem dificuldades. Os homens bem que são capazes de estabelecer o seu próprio relacionamento e experimentar os seus próprios sentimentos, sem precisar de que a anima faça isso para eles.

6 James Hillman, "Anima", *Spring*, 1973, p. 111.

A anima não só interfere nas reações emocionais de um homem; ela pode interferir igualmente no seu modo de pensar. Por exemplo, quando um homem está possuído pela anima, ele pode começar a emitir *opiniões*, em vez de expor o que realmente pensa. É como se a anima começasse a falar diretamente através dele, e ela se expressa como se tivesse um *animus*, o que significa que ela manifesta opiniões sem considerar os fatos, o relacionamento ou a lógica. Quando um homem se acha nesse estado de espírito, ele começa a argumentar de maneira impertinente e irritada, e sua objetividade masculina fica quase totalmente perdida num mar de opiniões irrationais e emocionalmente mescladas, que demonstram resistência à discussão racional. Jung salientou o fato de que "é possível que haja também muitos homens que argumentem de maneira bem feminina... são possuídos pela anima, razão pela qual se transmudam no *animus* de sua anima".⁷

A anima pode também perturbar o pensamento dele, infiltrando-o com suas noções a respeito do que é desejável. O resultado é uma espécie de pensamento da anima, em que a capacidade do homem para fazer distinções claras fica obnubilada, e seu *logos* distorcido. É como se a anima, num esforço de promover uma espécie de "ajuntamento", apagasse todas as distinções e ignorasse todas as diferenças genuínas. Então o homem já não é tanto a vítima de um mau humor, quanto é vítima de uma poderosa figura existente dentro dele mesmo, que procura obscurecer o seu pensamento consciente e produzir trevas em vez de claridade, nevoeiro em vez de visão nítida.

Entre os atributos negativos da anima está a sua capacidade de envenenar as necessidades criativas do homem. Quando um homem tem uma idéia ou um impulso criativo que poderia levá-lo além do ordinário, uma voz sutil parece sussurrar-lhe ao ouvido um pensamento des-

7 C. G. Jung, OC 9, 2, *Aion*, Editora Vozes, Petrópolis, 1982, par. 29.

trutivo, que bem pode interromper as suas conjecturas. Digamos que o homem concebe a idéia de escrever e se vê já elaborando um livro ou um artigo. A anima, quase certamente, lhe cochichará: "Quem é você para pensar que pode escrever alguma coisa?" Ou: "Mas isto já foi escrito". Ou ainda: "Mas não vai haver ninguém que queira publicá-lo". A energia criativa de muitos homens murcha por si mesma por causa dessa voz sutil, que parece querer anular as tentativas de um homem no sentido de fazer alguma coisa por si mesmo.

Jung conta em sua autobiografia, *Memórias, Sonhos, Reflexões*, que ele ouviu uma voz assim venenosa falar-lhe, quando ele estava, pela primeira vez, começando a estabelecer um relacionamento com sua personalidade inconsciente, através do uso da técnica da imaginação ativa.⁸

Redigindo as anotações a respeito de minhas fantasias, certo dia perguntei a mim mesmo: "Mas afinal o que estou fazendo? Certamente tudo isso nada tem a ver com ciência. Então do que se trata?" Uma voz disse em mim: "O que fazes é arte". Fiquei profundamente surpreendido, pois nunca me teria vindo ao espírito a idéia de que minhas fantasias se relacionassem com a arte... Eu sabia que a voz provinha de uma mulher, e a reconheci como sendo a de uma paciente, de uma psicopata muito dotada, que estabelecera uma forte transferência em relação a mim. Ela se tornara uma personagem viva de meu mundo interior.

Naturalmente o que eu fazia não era ciência. Então o que poderia ser, senão arte? Parecia não haver no mundo senão essas duas possibilidades! Tal é a maneira tipicamente feminina de argumentar. Cheio de resistências, expliquei, energicamente, àquela voz que minhas fantasias nada tinham a

⁸ Ver o Apêndice no fim deste livro, para ter uma descrição da imaginação ativa.

ver com a arte. Ela calou-se então, e continuei a escrever. Mas pouco depois ela voltou ao ataque, repetindo a mesma afirmação: "O que fazes é arte". Protestei novamente: "Não, não é arte; pelo contrário, é natureza". Eu esperava uma contestação, ou uma contenda... Sentia-me extremamente interessado pelo fato de que uma mulher, que provinha de meu íntimo, se imiscuisse em meus pensamentos... Por que é representada como sendo feminina? Compreendi mais tarde que esta figuração feminina em mim correspondia a uma personificação típica ou arquetípica no inconsciente do homem, e designei-a pelo termo de *anima*... O que me impressionou em primeiro lugar foi o aspecto negativo da *anima*. Em relação a ela eu sentia timidez como se se tratasse de uma presença invisível... O que ela diz é muitas vezes de uma grande força de sedução e de uma astúcia sem limites.

Se eu tivesse as fantasias do inconsciente por manifestações artísticas... não seriam mais convincentes do que qualquer percepção dos sentidos e, por outro lado, não teriam despertado em mim qualquer vestígio de dever moral. A *anima* teria podido convencer-me de que eu era um artista desconsiderado e a minha *soi-disant* natureza de artista ter-me-ia dado o direito de negligenciar o real. Se eu tivesse seguido a voz da *anima*, provavelmente acabaria dizendo a mim mesmo um belo dia: "Acaso imaginas verdadeiramente que os disparates aos quais te entregas dizem respeito à arte? De modo algum!" A ambigüidade da *anima*, mensageira do inconsciente, pode aniquilar um homem de uma vez por todas.⁹

Essa estória interessante narrada por Jung não só ilustra o modo como a *anima* pode envenenar a consciência de um homem e roubá-lo de si mesmo, se ele

⁹ C. G. Jung, *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1978, pp. 164-165.

se deixasse levar pelas insinuações dela, mas também nos dá uma idéia sobre a maneira como o homem pode impedir a anima negativa de exercer essa influência destruidora sobre ele: tornando-a consciente. Mais adiante, veremos melhor o que isso significa, e como um homem pode relacionar-se positivamente com a anima, e uma mulher com o animus. Por enquanto, podemos ver que a anima negativa é muito mais parecida com uma feiticeira que pode seduzir o homem mergulhando-o na inconsciência, e pode transformá-lo numa pedra paralisando seus esforços criativos.

Se a anima é a mestra e responsável pelas más disposições no homem, o animus é o mestre e responsável pelas opiniões na mulher. Ele se expressa tipicamente por meio de julgamentos, de generalizações, de afirmações críticas e de asserções apodícticas que não provêm do processo de pensar e sentir específico de uma mulher, mas que foram retirados de várias fontes detentoras de autoridade, como mãe ou pai, livros ou artigos, igreja ou alguma outra organização coletiva. É o animus que está por trás dos pensamentos autônomos, críticos e obstinados que se introduzem na consciência de uma mulher. Assim, ele representa uma lógica masculina inferior, do mesmo modo que a anima representa uma emotionalidade feminina inferior.

Nos sonhos, o animus negativo muitas vezes aparece como um grupo de homens, e não como um indivíduo isolado. Imaginem um bom número de homens mal-educados e desinformados sentados em torno de um barril de pólvora, emitindo suas opiniões sobre política ou religião! Essa é a maneira mediante a qual o animus pode manifestar-se. Quando uma mulher começa a se identificar com tais opiniões surgidas dentro de si mesma, o que ocorre sempre que o animus não se diferencia da psicologia do ego de tal mulher, falamos de possessão pelo animus.

As opiniões do animus possuem uma qualidade desagradável e até destruidora e podem projetar-se sobre outras pessoas, ou dirigir-se diretamente para o íntimo

da própria mulher. No primeiro caso, as pessoas não podem deixar de fugir da mulher ou de evitá-la por causa dos juízos temerários e das críticas que ela faz a respeito delas. No último caso, a mulher não pode deixar de fugir de si mesma, não consegue enfrentar-se, porque o efeito dos julgamentos do animus a respeito dela é o de destruir o senso que tem do seu próprio valor e da sua própria dignidade.

Desse modo, o animus é capaz de roubar de uma mulher a sua criatividade, da mesma maneira que a anima, como já vimos, pode privar um homem da sua. No momento em que uma mulher tem uma idéia criativa, ou em que seu eros e sua ternura começam a desabrochar dentro dela de uma forma nova, o animus pode introduzir-se na consciência dela com pensamentos que podem impedi-la de se realizar. Ele pode dizer-lhe: "Você não vai conseguir fazer isso". Ou: "Outras pessoas podem fazer essas coisas muito melhor do que você". Ou ainda: "Você não tem nada que preste para oferecer". Se a mulher se identifica com tais pensamentos, isto é, engana-se, tomando-os como se fossem seus próprios pensamentos e como se fossem a verdade, a nova possibilidade criativa escapa à mulher.

Podemos ver que a anima e o animus negativos parecem personificar uma força minimizante e destruidora. A mitologia, durante muito tempo, refletiu exatamente esta situação psicológica. Por exemplo, na Babilônia antiga acreditava-se que, quando nascia uma alma no mundo, os deuses designavam dois deuses e duas deusas para acompanhar tal alma ao longo da vida. A tarefa de um dos deuses e de uma das deusas era ajudar e guiar a alma. A tarefa dos outros era a de tentar rejeitar e destruir a alma. Na doutrina judeu-cristã esse adversário ou acusador, que tenta destruir-nos, é personificado por Satanás. De fato, a palavra grega usada para designar o demônio significa "acusador" ou "adversário". Esse é um cuidadoso retrato psicológico da maneira como as coisas acontecem. Parece haver uma força do mal dentro de nós que tenta rejeitar-nos e destruir-nos, e a anima e o

animus negativos são a bruxa ou a feiticeira dentro de nós, que parecem fazer parte dessa força.

As opiniões do animus têm um efeito particularmente irritante sobre as outras pessoas, porque, apesar de sua aparente lógica, elas não se aplicam à situação real. E ninguém consegue discutir racionalmente com elas, pois o animus assume uma atitude absolutista, e suas opiniões não são passíveis de discussão nem de qualificação. Sempre que o animus entra em ação, a mulher é afastada de seu próprio modo de pensar e de sentir, passando a identificar-se com afirmações vulgares, com julgamentos demolidores ou com generalizações. Não é de admirar quando as opiniões decorrentes de tal juízo crítico se dirigem interiormente contra ela própria, quando a mulher tende a ficar deprimida e privada do colorido da vida.

Uma conversa em que o animus se acha envolvido pode desenrolar-se da seguinte maneira: um homem que se sinta desanimado com alguma dificuldade haveria de expressar seu sentimento de fracasso e de desespero, e a mulher lhe responderia: "Todo mundo vez por outra se sente desanimado". Essa afirmação aparentemente inócuia, em si bastante verdadeira, provavelmente fará o homem parar como que morto na sua fossa. Ele se sentirá rejeitado e incapaz de se expressar; pode sentir-se levemente encolerizado, embora sem saber por quê. A mulher, por sua vez e segundo o seu pensamento, está tentando ser útil, ajudar, mas o animus já entrou em ação e, em vez de usar uma afirmação relacionada com este homem individualmente e com sua necessidade do momento, respondeu com uma generalização.

Se um homem disser coisa semelhante a uma mulher, não resta a menor dúvida de que a afirmação atingirá a mulher de maneira masculina, superior e com sabor de pregação ou sermão. Provavelmente ela se sentirá rejeitada e rebaixada pela generalização devastadora do homem, que parece deixar completamente de lado não só ela como ainda os seus sentimentos. Os homens são inclinados justamente a esse tipo de afirmações devasta-

doras, e o animus age da mesma forma. O homem que deseja relacionar-se precisa aprender a moderar seus julgamentos masculinos temperando-os com o eros, que sempre torna as coisas pessoais e individuais, bem como a mulher, que permanece autêntica em relação ao princípio do seu eros, não há de querer permitir que o animus e suas afirmações demolidoras entrem em ação.

O animus muitas vezes impede outras pessoas de captar e experimentar o lado de sentimento e de calor humano de uma mulher, por não conseguirem atravessar e enxergar o que se acha por trás do animus e de suas opiniões. Os filhos que têm uma mulher assim como mãe sentem-se privados da afeição materna, porque eles vivem entrando em choque com o animus. A mãe se aproxima deles como uma dura disciplinadora, e as atitudes de julgamento e de crítica do animus efetivamente afastam os filhos da ternura e da afeição da mãe. (A situação é exacerbada quando o pai abdica do papel masculino de disciplinador e força a mãe a assumir tal papel na família). Isso não quer dizer que a mãe não tenha sentimentos de amor pelos filhos; os sentimentos existem, mas os filhos não os recebem porque o animus os bloqueia. Mulheres desse tipo podem parecer duras e pertinazes, e as outras pessoas podem procurar evitá-las e olhá-las de soslaio, porque o seu animus (o das mulheres) é capaz de ferir; no entanto, de maneira bastante estranha, facilmente elas se sentem ofendidas em seus sentimentos e, quando isto acontece, ficam tremenda-mente indignadas, mostram-se agressivas e não compreendem por que as outras pessoas não gostam delas. A mulher dominada pelo animus não fica longe da mu-lher martirizada.

O profundo romance de Emily Brontë, *Wuthering Heights*, está cheio de ilustrações a respeito da psicologia do animus, como Barbara Hannah mostrou no seu excelente livro *Striving Towards Wholeness*.¹⁰ Hannah

¹⁰ Barbara Hannah, *Striving Towards Wholeness*, G. P. Putnam's Sons, Nova Iorque, 1971, capítulo 10.

destaca uma cena constante da parte introdutória do romance, em que Mr. Lockwood tem um grande pesadelo com o Reverendo Jabel Branderham, apontando-a como um bom retrato do que C. G. Jung certa vez chamou de "os delírios do animus". Mr. Lockwood, um visitante indesejado na austera casa do sombrio Heathcliff, vê-se forçado a passar a noite em Wuthering Heights, por causa de uma violenta tempestade de neve. Ele foi introduzido pelo empregado no quarto escuro e horrível que, tempos antes, fora usado pela já falecida Cathy, mas que permanecera sem ser utilizado por muitos anos. Aí, ele finalmente consegue adormecer apesar do ambiente medonho; no entanto, no meio da noite ele acorda com um tremendo pesadelo. Em seu sonho, aparece um sujeito chamado Reverendo Jabel Branderham, um nome que Lockwood vira de relance numa leitura que fez pouco antes de adormecer. No seu sonho, Mr. Lockwood acha-se preso, sentado no meio de uma sombria assembleia, ouvindo o Reverendo Jabel Branderham fazer um sermão interminável sobre os setenta vezes sete pecados. Um por um, o pregador vai repassando, de maneira desgastante, todos os 490 pecados. Cada um desses discursos é igual a qualquer sermão comum, e os pecados eram, "de um tipo curioso", "estranhas transgressões". Lockwood observa: "Eu nunca havia imaginado isso antes".

"Oh! como me senti cansado. Como eu me contorcia, bocejava, cochilava e tornava a acordar! Como eu me beliscava e me apertava, como esfregava meus olhos, levantava e sentava". Finalmente, Branderham terminou a lista dos quatrocentos e noventa pecados, mas, logo em seguida, começou a falar do quadricentésimo nonagésimo primeiro pecado! Isso era demais para Mr. Lockwood. No sonho, ele dá um pulo e diz: "Senhor, ...Eu aturei e perdoei os quatrocentos e noventa títulos do seu discurso. ...O quadricentésimo nonagésimo primeiro é demais!" O incansável pregador não se deu por vencido. Apontando o dedo para Lockwood, ele convidou a assembleia a "emitir sobre ele o julgamento". O resultado

foi um pandemônio: as pessoas avançaram contra Lockwood, este tentou defender-se e, por fim, acordou vendo todos lutarem furiosamente contra outra pessoa.¹¹

Como Barbara Hannah observa, o Reverendo Jabel Branderham constitui uma adequada personificação da capacidade do animus de ir cada vez mais longe recitando a lista de "pecados" que ele reclama que as pessoas cometem. O animus negativo consegue detectar os mais importantes incidentes para acrescentar à sua interminável lista de pecados e de erros, e, além de agir como perseguidor, apresenta-se também como juiz. Não tem compaixão alguma nas suas sentenças, e nunca termina a lista de faltas que ele sabe descobrir. Não é de admirar que ele consiga incutir esses sentimentos de culpa, de fracasso e de inferioridade nas pessoas!

Foi bom e útil para nós o fato de Emily Brontë ter personificado o trabalho do animus na imagem que ela apresenta do Reverendo Jabel Branderham, porque a palavra animus é um termo rígido que, apesar de cientificamente útil, não traduz muito bem a maneira como ele realmente é experimentado. Quando ele é visto agindo dentro da psique de uma mulher, muitas vezes é melhor falar dele como sendo o Grande Inquisidor, o Comandante Supremo, o Grande Árbitro, o Juiz Interior, ou, como o designou certa vez uma mulher, o "Demônio do Dever".

Existem algumas palavras de que o animus gosta particularmente — "deveria" talvez seja a mais importante destas — e há algumas afirmações que ele faz com mais freqüência do que outras. Por exemplo: "Você não serve para nada... Você não consegue fazer nada direito... Os outros são melhores do que você... Você está errada". O discernimento do animus torna-se mais fácil quando uma mulher consegue reconhecer esses pensamentos autônomos que aparecem subitamente em sua mente, logo que eles lhe são apresentados por uma

11 Emily Brontë, *Wuthering Heights*, Random House edition, Nova Iorque, 1943, p. 14.

força que está dentro dela mesma, e assim parar de questioná-los. Em muitos casos, ajuda escrevê-los, de modo que possam ser encarados mais objetivamente e vistos tais quais são. Ela pode até fazer anotações a respeito deles, porque são pensamentos que agem como se outra pessoa qualquer os estivesse expressando dentro da mente dela.

O animus pode também encher a mente de uma mulher de uma lógica estranha. Uma jovem, que tinha um relacionamento amoroso com um piloto da aviação, sentiu-se certa noite perturbada por uma fantasia tenebrosa em que seu único irmão se suicidava. Então, uma porção de pensamentos começaram a passar pela sua mente, os quais lhe sugeriam coisas mais ou menos assim: "Está vendo como você gosta de seu irmão, mesmo sabendo que ele vai morrer? Agora, se você realmente ama seu irmão, seu pai e sua mãe, você haverá de querer ficar junto deles o maior tempo possível, já que todos eles vão morrer. E, se realmente você ama o seu namorado, você tem de querer estar com ele o máximo que possa. Por conseguinte, você deve abandonar o seu trabalho e passar a viajar para onde quer que ele vá, acompanhá-lo em todos os vôos e em todas as escalas, porque isso é o que você faria com as pessoas que ama". Felizmente, essa "lógica" pareceu tão estranha, que a mulher *percebeu* que nela havia algo de errado. E ela expressou-se assim: "Mas eu não seria eu mesma se fizesse tudo isso". O exemplo ilustra a maneira como o animus se manifesta numa cadeia autônoma de pensamentos, mostrando que a mulher precisa ter cuidado e não se deixar levar por ela em sua vida.

Esse aspecto quase-lógico do animus é um dos motivos por que ele irrita tanto as outras pessoas. Seus juízos, suas conclusões e críticas possuem uma qualidade especificamente estúpida e mesquinha, porque não se acham relacionados com a realidade emocional da situação. O animus tem o seu jeito peculiar de usar uma espada, quando seria melhor usar uma lâmpada.

Quando o animus dá uma opinião, esta é manifestada com um ar de grande autoridade. Parece um pronunciamento, e, evidentemente, os pronunciamentos são indiscutíveis. Emma Jung refere-se a esse ar de autoridade em sua monografia *Animus and Anima*,¹² dizendo que ele é estimulado pela nossa cultura atual, que tende a supervalorizar tudo o que é masculino e a desvalorizar o feminino. As realizações, o poder, o controle, o sucesso e a lógica masculinos são recompensados em nossa sociedade pelo prestígio, pelas boas notas na escola e por generosos presentes em dinheiro. O princípio feminino, que tende a unir e a sintetizar, é culturalmente desvalorizado tanto por homens quanto por mulheres. É como se o animus estivesse atento a isso, de modo que seus pronunciamentos são todos os mais autoritários possíveis, enquanto que, paradoxalmente, a mulher é levada a destruir suas intuições e sentimentos femininos, aparentemente inferiores e mais vagos, mesmo que estes tragam em si a verdade sobre o assunto. Esta situação é deplorável, porque não só o nosso mundo necessita mais da influência e da sabedoria curativas do feminino, mas também a própria mulher fica sendo, cada vez mais, vítima dos julgamentos do animus que, se não for enfrentado e desafiado, acaba anulando a própria verdade psicológica mais profunda que a mulher possui.

Já que a anima e o animus possuem esses efeitos particularmente irritantes, não é de admirar que se mostrem inclinados a divergir um do outro. Uma divergência, discussão ou briga típicas de anima e o animus pode começar de modos bastante variados. Um homem pode chegar em casa de mau humor. Ele se acha possuído por esse mau humor, isto é, pela anima, e destila um ar de veneno e de aborrecimento. Então, se o homem procurasse dizer à mulher qual é o problema, as coisas poderiam tomar uma direção mais positiva, mas há grande probabilidade de que ele nada diga sobre sua estrutura

12 Emma Jung. *Animus and Anima*, Spring Publications, Zurique, 1974.

mental, e de que, em vez disso, descarregue exatamente na mulher o seu mau humor. Estando com tanto mau humor, naturalmente não tem capacidade de se relacionar, e sua mulher vai sentir isso imediatamente, vendo-se impossibilitada de agüentar a falta de relacionamento. Ela acha a atmosfera psicológica e a sensação de isolamento cada vez mais intoleráveis; igualmente receia ser censurada por algo que faça, porque sabe que um homem nas garras da anima costuma mostrar-se vagamente inclinado a reclamar dos outros. A essa altura, se a mulher não for muito cuidadosa, o seu *animus* pode intrrometer-se. É como se *ele* também não gostasse da anima mal humorada do homem e, por isso, ele vai desembainhar sua espada, ou vai tomar providências e acertar contas com suas próprias mãos. Isso pode ocorrer com certa espécie de cunho mesquinho, ou mediante um salto direto e frontal contra o mau humor censurável do homem.

Espicaçada pelo ataque, a anima do homem pode querer retribuir na mesma moeda. A menos que o homem consiga compreender rapidamente o que está fazendo e dar uma resposta consciente a tal situação, a anima provavelmente vai acender o seu fósforo na gasolina, e o resultado será uma erupção de afetos e emoções descontrolados. O homem se tornará irracional e reagirá de maneira sarcástica e cheia de emoção, talvez atacando pessoalmente o caráter de sua mulher, da mãe desta, e outras coisas mais podem emergir a título de vingança, em consequência do fato de ter sido alvo de uma ofensa. O *animus* então reagirá dando o troco e o resultado será uma briga feia. Evidentemente, jamais ocorre ao homem que esteja possuído por uma bruxa existente dentro dele; pelo contrário, ele se acha convencido de que sua mulher é culpada de tudo o que aconteceu.

Também pode dar-se o caso de que o *animus* da mulher seja o primeiro a fazer uma observação mesquinha ou a emitir uma opinião irritante. O homem imediatamente se sente atingido por isso e, a menos que ele comprehenda rapidamente o que está acontecendo, há de

ser a sua anima que vai reagir. Como Jung escreveu certa vez, "...homem algum é capaz de se entreter com um animus, pelo mais breve espaço de tempo que seja, sem sucumbir imediatamente à sua anima... o animus lança mão da espada de seu poder e a anima asperge o veneno de suas ilusões e seduções".¹³

Nesse ponto, ocorrem projeções novamente, mas não são o animus e a anima positivos que se projetam sobre os parceiros humanos, criando um toque de fascinação e de atração mágica; são as imagens negativas que se projetam, provocando o efeito de afastar o homem da mulher. A mulher recebe agora a projeção da bruxa interior do homem e, por conseguinte, fica sendo responsável pelo mau humor dele, ao passo que a mulher projeta sobre o marido todas as qualidades enfurecedoras que, na realidade, fazem parte do lado masculino que existe nela.

Sem a menor dúvida, essas lutas de anima/animus podem ser destruidoras. A tragédia consiste no fato de que, enquanto o homem e a mulher brigam inutilmente e a atmosfera vai ficando cada vez mais carregada, nem um nem o outro compreendem que a cena está sendo dominada pelos *Parceiros Invisíveis*. Não são João e Maria que estão brigando, mas as figuras arquetípicas que existem dentro deles. Pois, assim como a anima e o animus podem apaixonar-se, também podem desentender-se e brigar; e a intensidade da atração de um pelo outro só pode comparar-se à intensidade do descontentamento e do desamor que surge entre eles.

Essa luta destruidora de anima/animus não deve ser confundida com um encontro autêntico entre o homem e a mulher reais. Quando João e Maria se enfrentam para expandir sua cólera e para pôr em ação suas diferenças, algo de positivo pode emergir daí. Tais encontros entre um homem e uma mulher podem ter grande valor psicológico e não devem ser evitados pelo fato de uma pessoa se melindrar com facilidade e entrar em situações

13 Jung, OC 9, 2, par. 29-30.

emocionalmente difíceis. Mas, quando João e Maria são eclipsados por sua anima e animus, e *estes* dois começam a brigar, o resultado é bem pior.

O estranho é que, como já sugerimos anteriormente, a briga poderia ser evitada se o homem quisesse dizer o que está sentindo, e a mulher se dispusesse a dizer o que a está perturbando. Quando o homem expressa diretamente sua mágoa, sua ira ou sua agressividade, é *ele* quem está falando. Quando não, porém, a anima assume o papel e expressa sua reação emocional no lugar dele, mediante as maneiras desviadas e destruidoras já descritas. Ela exagera, como disse Jung. À sua percepção, uma ofensa pessoal relativamente pequena assume proporções enormes e um montículo de areia se transforma numa montanha. Ela falsifica as coisas. Depois que o deslize ou a mágoa são captados por ela, os fatos da situação real ficam distorcidos. Na afirmação concludente, o que realmente aconteceu fica obscurecido pela emotividade da anima. Ela intensifica as coisas, de modo que a emoção original que o homem experimentou agora se transforma num afeto poderoso e a pequenina chama de fogo se transforma numa fogueira. E mais: ela mitologiza. Quando se deixam as coisas nas suas mãos, uma mulher humana comum se apresenta como uma deusa ou como uma bruxa, e uma situação humana ordinária assume um cunho altamente dramático.

De modo semelhante, quando uma mulher, que se sente perturbada por algo em seu relacionamento pessoal, diz o que está sentindo, é ela quem está falando e o problema pode ser resolvido. No entanto, quando ela oculta seus verdadeiros sentimentos, é o animus quem toma a iniciativa de pedir contas ou de se vingar, tentando resolver tudo de qualquer maneira. O resultado é tanto mais desastroso quanto mais envolvido se acha o relacionamento; é sempre um fracasso para o ego da mulher, porque o ego nunca deixa de experimentar uma sensação de derrota quando fica possuído pela anima ou pelo animus. Com as cartas na mão, o animus deixará o homem ofendido sentir isto mediante alguma forma de

ataque direto, que tenha uma relação pouco perceptível com a ofensa real. Usando sua espada de uma lógica aparente, o animus lançará mão de algum argumento que tenha pouco ou nada a ver com a real saída emocional. Irritado com um assalto tão irracional e frustrado pela aparente injustiça deste, é muito provável que o homem caia nas malhas de sua anima nesse momento e, a partir daí, acontecem coisas desagradáveis.

A mulher pode evitar isso, dizendo algo mais ou menos assim: "Você parece estar preocupado com alguma coisa. Está zangado comigo?" Se ele estiver zangado com ela, ele pode confirmar isso e talvez o problema fique resolvido. Se não estiver, a mulher não deve sentir-se culpada nem angustiada, pode deixar que seu marido fique com o seu mau humor e que o resolva sozinho, enquanto que ela continua cumprindo suas obrigações. Porque não é papel dela retirá-lo de seu mau humor; esta é uma tarefa que todo homem tem que realizar por si só. Naturalmente, o homem pode ser desonesto. Pode gritar: "Não!", quando na realidade quer dizer sim. Entretanto, provavelmente seria melhor para a mulher tomar as palavras dele ao pé-da-letra, deixá-lo cozinhando-se em banho-maria e dizer a si mesma: "Tudo bem. Ele disse que não me devo importar com seu mau humor; portanto, não aceito culpa nem responsabilidade pelo que ele está sentindo". É desnecessário dizer, evidentemente, que, se as pessoas persistem na desonestade emocional uma com a outra, o relacionamento se torna extremamente difícil.

Um homem que se defronta com o animus de uma mulher pode colaborar para o bem da situação mantendo-se frio e respondendo de acordo com sua força masculina. Se a masculinidade de um homem é mais forte do que a do animus, geralmente ele consegue libertar a mulher da possessão; pelo menos, pode evitar ele próprio de cair nas malhas de sua mulher interior. Isso comumente ajuda a descobrir qual é realmente o problema. "Que está realmente aborrecendo você?" — deveria o homem perguntar quando comprehende que acaba de

ser atacado pelo animus de uma mulher. Muitas vezes, ele pode achar que aquilo que realmente a está aborrecendo nada tem a ver com o assunto que o animus trouxe à tona. (Não é porque ela não goste do terno que ele vestiu que resolveu criticá-lo tão violentamente, mas sim porque ela se sente magoada com o fato de ele a haver ignorado durante a festa da noite anterior).

Em sua obra-prima, o livro *The Feminine in Fairy Tales*, Marie-Louise von Franz enfatiza o papel dos sentimentos feridos nos ataques do animus pelas mulheres. Quando alguém se mostra perturbado ou possuído pelo mau humor, salienta a autora, “é muito conveniente perguntar: ‘Onde e como fiquei desapontada e magoada em meus sentimentos e por que não o notei de modo suficiente?’” E continua:

Assim, você com freqüência vai descobrir a causa. Se puder retroceder à origem da ferida e descobrir em que ponto você não conseguiu resolvê-la, a posseção do animus desaparecerá.

A possessão de uma mulher pelo animus aborrece tremendamente os homens; eles perdem a cabeça imediatamente. Mas o que realmente faz o homem perder a calma é o tom abafado de *censura queixosa*. Os homens que conhecem um pouco mais sobre o assunto sabem que oitenta e cinco por cento da possessão pelo animus constitui um apelo disfarçado ao amor, embora, infelizmente, ele produza o efeito contrário, pois afugenta justamente a coisa desejada. Subjacente ao animus existe um sentimento de reprovação e ao mesmo tempo de desejo de voltar para quem o/a feriu. É um círculo vicioso e a argumentação evolui dentro de uma cena típica do animus.¹⁴

É importante acrescentar, porém, que quase a mesma coisa se pode dizer do homem. Quando ele fica de

14 Von Franz, *The Feminine in Fairy Tales*, p. 27. O itálico é meu.

mau humor, muitas vezes seria capaz de libertar-se perguntando-se: "Onde foi que alguma coisa andou mal? De que foi que minha mulher interior não gostou? Será que alguma coisa, feita ou dita, feriu meus sentimentos?" Quando conseguimos chegar à origem da ferida e fazer algo por ela, a possessão pela anima tende a desaparecer. Os homens, quando estão assim de mau humor, também impregnam a atmosfera com os efeitos de sua "mulher ferida e cheia de queixas e reclamações", pois é com isso que a anima se parece, e eis por que é tão essencial para o homem tomar consciência dos seus sentimentos e agir sobre eles.

Um homem pode superar seus temores de rejeição já que, como observamos anteriormente, muitos homens têm medo da cólera de uma mulher pelo fato de temarem a rejeição por parte dela. Num esforço para evitar o trauma emocional da rejeição, o homem pode fazer tudo errado, como se estivesse tentando apaziguar o animus da mulher, ou cedendo às reações mais infantis de uma mulher, ou ainda questionando-a a respeito de suas queixas. Se ele fizer qualquer uma dessas coisas, nunca chegará ao fundo do problema; pela atitude fraca e defensiva que assume, ele presta à mulher um grande des-serviço, pois o que ela precisa é que ele mostre sua força e sua boa vontade no sentido de alcançar a raiz do problema.

Como já vimos, por baixo dessa insegurança emocional demonstrada por um homem, pode estar seu meninozinho interior que teme a rejeição da mãe e que não agüenta ser deixado do lado de fora no frio. Podem até existir lembranças profundamente enraizadas de uma mãe que certa vez tentou controlá-lo por meio da rejeição, chegando a dizer-lhe: "Se você não fizer o que eu quero, vou tratá-lo friamente, vou fechar a porta deixando-o do lado de fora, e você não vai agüentar ficar assim". Ele pode lembrar-se também do uso que sua mãe fazia da culpa como mecanismo de controle e de punição. "Você é um mau menino, você fez sua mãe zangar-se; por isso, vou trancá-lo no seu quarto". Esta

pode ser uma lembrança que age silenciosamente na resposta temerosa do homem à sua mulher, porque, quando se trata de homens, as mulheres possuem um forte mecanismo produtor de culpa, que é simultaneamente temido e odiado. Muitos homens, além da evidente incapacidade para enfrentar essa culpa, ou procuram escapulir da cólera de uma mulher, ou encontram alguma maneira de subjugá-la de modo que eles consigam manter-se por cima. Portanto, para aprender a se relacionar com sua mulher, o homem também necessita entrar de acordo com o meninozinho que existe dentro dele.

Podemos dizer que, ao preparar-se para um relacionamento, a pessoa deve pôr em ordem as coisas dentro dela; também precisa aprender que ser parceiro num relacionamento é algo extremamente importante. Como Jung certa vez mostrou: "A pessoa está sempre no escuro quando se trata de sua própria personalidade. Ela precisa do auxílio de outras pessoas para se conhecer a si própria".¹⁵

Uma palavra de advertência: ao discutirem o seu relacionamento, o homem e a mulher fazem bem em evitar o uso dos termos anima e animus, ou de quaisquer outros termos psicológicos referentes ao assunto. É melhor usar a linguagem comum, porque o uso da linguagem psicológica é artificial nos relacionamentos e tende a despersonalizá-los. A vantagem de estarmos atentos à anima e ao animus é a de que *nós* podemos ficar sabendo o que está acontecendo e de que nossa consciência despertada nos ajuda a construir o relacionamento; no entanto, o uso da linguagem psicológica neste caso é geralmente destruidora. Assim sendo, uma mulher que vê o marido de mau humor, em vez de dizer: "Repare como você está dominado pela sua anima", deveria dizer: "Você parece estar preocupado; há alguma coisa que o esteja aborrecendo?" E um homem, ao suspeitar que o animus de sua mulher o está atacando, pode dizer: "Tenho a impressão de que você está zangada comi-

15 Jung Speaking, p. 165.

go por causa de alguma coisa", em vez de lhe dizer: "O seu animus está novamente se manifestando".

Um último comentário sobre o modo como a anima e o animus podem afetar negativamente nossas vidas se refere à influência que eles têm sobre a nossa escolha de parceiros para o casamento. Pelo fato de tais figuras tão prontamente se projetarem sobre membros do sexo oposto, e tenderem a apossar-se de nós a ponto de não as percebermos, muitas vezes elas têm uma influência determinante e decisiva sobre o tipo de homem ou mulher que deverá tornar-se nosso marido ou mulher. Um homem possuído pela anima, com um ego fraco e uma figura de anima fortemente semelhante a uma bruxa, com bastante probabilidade e inconscientemente, irá escolher uma mulher dirigida por um animus dominador. Ao fazer isso, ele põe em ação sua situação interior no seu relacionamento exterior. Inversamente, uma mulher que é dominada no seu íntimo por um animus negativo e derrotista pode, muito provavelmente, querer casar-se com um homem que reflita e retrate esse animus negativo para ela, dominando-a, minimizando-a e criticando-a. Isso explica algumas das uniões que dão pouca esperança de sucesso, realizadas entre homens e mulheres, e mostra igualmente que, na verdade, só temos capacidade de fazer uma escolha livre quando somos pessoas psicologicamente conscientes.

Numa das cartas de Jung, há uma interessante estória que ilustra o que acabamos de dizer. Um homem que possuía o dom de escrever, mas que não o aproveitou para nada, casou-se três vezes. Sua primeira mulher era uma pianista, que o deixou depois de dezessete anos de casamento; a segunda era uma artista, cuja morte pôs fim a um casamento "romântico" que durou vinte e dois anos; a terceira era uma atriz. Depois da morte da segunda mulher, ele experimentou estranhos fenômenos psicológicos, tais como "batidas e ruídos" no quarto de dormir, mais ou menos duas ou três vezes por semana. Em sua carta, Jung diz ao homem que a sua escolha de esposas foi influenciada pela anima. O homem pos-

suía um dom criativo, mas não tinha o talento suficiente para expressá-lo adequadamente, por isso não viveu o seu próprio lado criativo; ele projetava-o sobre as mulheres criativas com que se casara. Desse modo ele perdeu parte de sua vida, e era a criatividade não utilizada existente nele que se achava por trás dos estranhos fenômenos psicológicos. Jung comentava: "Na prática, isto significa que a mulher da sua escolha representa sua própria tarefa que você não conseguiu compreender".¹⁶ A mesma coisa poderia ser dita da escolha que todo homem e mulher faz de seu parceiro/a na vida; de certa maneira, o parceiro representa algo que necessitamos entender a respeito de nós mesmos.

Evidentemente, isto se limita ao nível do relacionamento; o relacionamento tem muitos sentidos e muitos níveis. O ponto que desejo salientar é o de que os *Parceiros Invisíveis* acrescentam um nível ou dimensão muitas vezes desprezados ou despercebidos na nossa escolha dos parceiros na vida.

Falei do lado negativo da anima e do animus. É sempre melhor receber primeiro as más notícias; além disso, é geralmente esse lado negativo que experimentamos primeiro. Mas a anima e o animus também possuem um aspecto positivo; quando se acham em seu devido lugar, na verdade, eles têm muita coisa boa para nos dar. Entretanto, a fim de compreendermos essas coisas boas — essa bênção e felicidade —, precisamos ser capazes de superar seus efeitos negativos. No próximo capítulo, sugirei como podemos fazer isso, e então prosseguiremos nossa discussão sobre a natureza positiva de tais figuras.

16 C. G. Jung, *Letters Vol. 2*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1975, p. 321.

Capítulo terceiro

Em *Fausto*, o grande drama de Goethe, quando perguntam a Mefistófeles quem ele é, o diabo replica: "Uma parcela dessa força que sempre quer o mal e sempre pratica o bem".¹ Assim é essa força do mal: enquanto tenta provocar a destruição, pode de fato gerar o bem.

Ficou demonstrado que a anima e o animus têm o seu lado obscuro e podem destruir as pessoas quando estas consentem ser possuídas pelas suas fúrias tenebrosas e pelos seus pensamentos negativos. No entanto, há um potencial capaz de produzir luz escondido mesmo nessa escuridão.

Robert Johnson dá-nos um bom exemplo em sua obra-prima *HE!*, um estudo psicológico do sentido da lenda do Santo Graal. Parece que Parsifal, o herói do conto, chegou ao topo de uma colina na sua vida de cavaleiro. Ele havia matado mais cavaleiros do que qualquer outro, realizado maiores feitos, conquistado mais fama. Por isso, foi dada uma festa em sua honra, e ele, bem como todos os outros cavaleiros da Távola Redonda se congratulavam reciprocamente por serem excelentes companheiros, quando entrou uma mulher de aparência horrível, tão feia que foi chamada de "a donzela hedionda". "Seus cabelos negros estavam divididos em duas tranças, suas mãos e suas unhas eram como ferro preto. Seus olhos fechados eram pequeninos como os de um rato. Seu nariz parecia o de um macaco e rato. Seus lábios, como os de um asno e touro. Era barbada,

¹ *Fausto* de Goethe, por C. F. MacIntire, New Directions, Norflk, Conn., 1941, parte 1, p. 91.

tinha uma corcunda no busto e nas costas, seus quadris e membros enroscados como as raízes de uma árvore. Jamais fora vista na corte real uma donzela assim".² É assim que a lenda descreve essa terrificante aparição feminina. A simples visão de tal mulher foi como que um balde de água fria jogado sobre a reunião dos cavaleiros. Os festejos e as congratulações recíprocas param, o silêncio pairou sobre todos, e então a donzela hedionda começou a recitar os pecados de Parsifal. Discursou sobre os erros de sua vida, sobre as donzelas que ele deixara chorando, sobre as crianças que ficaram órfãs por causa dele e, quando terminou, disse: "Tudo isso é culpa de vocês".³

Evidentemente, a hedionda donzela é uma personificação da anima. Concretamente, ela seria experimentada como um terrível mau humor, uma depressão pressentida e um grande mal-estar, que podem dominar um homem exatamente quando ele se acha no ápice de sua carreira masculina no mundo. Como Johnson salienta, a hedionda donzela é uma personificação dessa espécie de depressão masculina, que tipicamente ocorre na meia-idade, justamente quando o homem acaba de atingir o máximo de suas forças e de seus sucessos. Ela personifica "a anima que se tornou absolutamente amarga e tenebrosa". Ela é a imagem viva do fracasso do homem ao lidar com o outro lado de sua vida — o lado feminino, o lado espiritual, o lado da alma. Ela se mostra tenebrosa e monstruosa em proporção direta com o sucesso exterior do homem e com a negação interior das coisas de sua alma.

Superficialmente, a hedionda donzela parece ter vindo diretamente do inferno. Na verdade, ela pode ser uma força infernal presente num homem, impelindo-o à depressão, à bebida, à doença e ao suicídio. Mas, de modo bastante curioso na lenda de Parsifal, ela produz um

2 Robert Johnson, *HE!*, Religious Publishing Company, King of Prussia, Pa., 1974, p. 74.

3 *Ibid.*, p. 75.

efeito mais salutar, pois, por causa dela, Parsifal, cujo destino é encontrar o Santo Graal, símbolo da integridade e da plenitude, retoma o itinerário espiritual que havia abandonado antes devido à sua necessidade masculina de aventura, de conquista e de sucesso mundial.

Como Robert Johnson procura mostrar, quando a hedionda donzela surge na psicologia de um homem, é essencial que o homem responda a ela corretamente. Se ele o fizer, ela se tornará o instrumento que o há de reconduzir ao caminho certo que deve trilhar; se ele der a resposta errada, ela se tornará o instrumento de sua destruição. A resposta errada poderia consistir na tentativa de evitá-la, isto é, de evitar o sentido da depressão que ele sente através de uma ou de milhares de ilusões ou de artifícios: atividades ainda mais extrovertidas e planos de sucesso exterior, bebida, drogas, troca de uma mulher por outra. Todas essas são maneiras típicas de que os homens dispõem para evitar a hedionda donzela e para manter as energias de sua vida funcionando como antes. Ao fazerem isso, simplesmente vão amontoando pecado psicológico sobre pecado psicológico e levando a anima a se voltar cada vez mais contra eles. Quando um homem, porém, aceita suas disposições más e obscuras, encarando-as como um convite para encontrar a sua alma e completar seu itinerário para chegar a ser uma pessoa plena, a anima muda e se transforma em sua aliada.

Coisa bem parecida acontece, às vezes com as mulheres quando atingem os anos misteriosos e difíceis da meia-idade da vida. A esta altura da vida, uma mulher já pode ter alcançado suas primeiras metas femininas. Ela tem seu marido, seu lar e seus filhos, que agora já estão crescidos ou quase. No entanto, em vez de se sentir contente, ela pode ficar deprimida e considerar-se irrealizada. O problema reside no *animus*, que está agora agindo como um demônio e dizendo-lhe que tudo o que fez ao longo de sua vida nada significa, ou, falando por meio dos lábios dela, ele tenta distrair os outros com generalizações banais. Se ela não quiser cair sob o do-

mínio de tal demônio, deverá empreender um itinerário que a conduza à vida e ao desenvolvimento espirituais. Não existe outra opção: ou ela se desenvolve agora, de um modo novo, e se expande para o mundo do logos, do espírito e da mente, ou vai cair cada vez mais sob o domínio de uma figura de animus que passou a ser mesquinha e cruel.

Por conseguinte, ao mesmo tempo que existe um lado obscuro da anima e do animus, parece ser justamente esse lado obscuro que pode recolocar-nos no nosso caminho para a plenitude. O lado obscuro e negativo de tais figuras interiores aumentam em dimensões na medida em que são mais ignorados. Nós nos ajudamos mais quando nos voltamos *para* a anima e o animus, e não quando fugimos deles; ao nos voltarmos para eles, encarando-os, começamos uma nova evolução psicológica que irá levá-los em consideração. Para o homem, isso pode significar um respeito renovado pelo mundo do coração, pelos relacionamentos, pela alma e pela busca de sentido. Para a mulher, pode significar uma caminhada renovada para o mundo do espírito, da compreensão, e uma nova espécie de envolvimento com o mundo que fica além da família. Assim sendo, até os *Parceiros Invisíveis* parecem prestar serviços aos objetivos da vida. Naturalmente, os obstáculos são grandes. Ignorá-los ou não conseguir compreender o que é requerido de nós são dados que provocarão resultados indesejáveis, mas, inversamente, reconhecer a realidade de tais figuras interiores e prosseguir na direção que elas nos apontam mostram que a pessoa está no caminho certo de um novo desenvolvimento.

O primeiro passo para a pessoa se libertar dos efeitos negativos da anima e do animus consiste em reconhecer o problema. Para o homem, isto significa reconhecer que suas explosões de mau humor, suas fantasias sexuais e sua insaciável insatisfação têm em sua fonte essa obscura figura feminina. Para a mulher, significa reconhecer que as opiniões e as críticas destrutivas, que subitamente surgem em sua consciência, têm, por trás delas, a figura

interior do *animus*. Evidentemente, tanto para os homens quanto para as mulheres, significa retirar as projeções de tais figuras de seres humanos reais.

As projeções se integram quando se tornam conscientes. Como já sugerimos anteriormente, não podemos evitar que as projeções ocorram; elas acontecem como que espontaneamente, e não estão sujeitas ao controle da nossa consciência. Podemos, porém, aprender a reconhecer que a projeção ocorreu; sempre que um homem ou uma mulher nos fascina podemos ter a certeza de que um conteúdo projetado pelo inconsciente está em ação. Na sua realidade basicamente humana as pessoas não estão fascinando; as figuras arquetípicas do inconsciente é que estão exercendo a fascinação. Reconhecer projeções fascinantes tão logo elas ocorrem possibilita-nos prestar atenção às figuras de *anima/animus* que se ocultam por trás dessas projeções.

De fato, isso pode corresponder ao que a *anima* e o *animus* desejam. É como se eles se projetassem externamente — isto é, para fora de nós — sobre pessoas que lhes convenham, justamente porque querem ser reconhecidos, e esta é a única maneira de que dispõem para nos atingir. Como já observamos, a maneira mais comum de a *anima* chamar a atenção de um homem consiste em encher a mente dele com uma forte fantasia sexual-erótica, e, similarmente, é o *animus* que está por trás de muitas fantasias sexuais-eróticas de uma mulher em relação a um homem. As coisas acontecem como se as figuras interiores estivessem, desse modo, tentando captar a nossa atenção.

Uma vez que a *anima* e o *animus* sejam reconhecidos, pode começar um grande trabalho de diferenciação psicológica da personalidade. Por exemplo, o homem pode começar a conseguir separar seus maus humores de seus sentimentos. Seus maus humores procedem da *anima*; os sentimentos são dele próprio. Como vimos, quando um homem expressa seus sentimentos no relacionamento, ele não fica de mau humor. Assim, para libertar-se das garras de sua *anima*, o homem precisa aprender a se

relacionar com seus sentimentos e a expressá-los mediante relacionamentos humanos, quando a situação o requer. Dessa maneira, ele escapa da Mãe e desenvolve seu lado de eros. Mais uma vez observamos o estranho fato: a anima, que pode ser tão negativa, facilita o desenvolvimento psicológico do homem quando ele a toma em consideração; por causa dela o homem é forçado a ter consciência do seu lado afetivo.

Coisa semelhante acontece com o animus. A fim de lutar contra os julgamentos negativos do animus, a mulher precisa chegar a conhecer e a valorizar o que é verdadeiramente importante para ela. Quando o animus diz que isso ou aquilo não têm valor algum, a mulher tem de ser capaz de reconhecer a validade de tais pensamentos e de desafiá-los. Ela precisa encontrar seu próprio chão e manter-se firme pisando sobre ele, precisa valorizar seus sentimentos e seu eros femininos e não consentir que o animus, com suas condenações devastadoras, lhe roube o seu autovalor. Ao desempenhar essa tarefa, a mulher pode, pela primeira vez, descobrir o que verdadeiramente é importante para ela.

Como vimos, o animus negativo parece um homem inferior, mal-informado e preconceituoso; seus julgamentos demolidores e suas opiniões banais procedem de sua ignorância. Por isso, a mulher precisa sentar-se com o seu animus e dizer: "Essa é a maneira de ele ser, e isso é que é importante para mim. Não adianta você continuar dizendo-me o contrário". Evidentemente, para fazer isso, ela precisa primeiro conhecer o que é importante para ela. Desse modo, o animus pode exercer o efeito positivo de ajudar a mulher a tomar consciência de seus verdadeiros valores.

Ela precisa também descobrir o que *ele* quer. Como observamos, a anima e o animus vivem através de nós, e as vidas que levamos devem ter lugar em si para estas figuras arquetípicas e para a sua energia de vida. Para um homem, isto significa que sua vida deve incluir relacionamentos cheios de calor e de significado humanos, e ainda a área do coração, pois a anima e o femini-

no sempre permanecem ao lado do coração do homem. Para uma mulher, significa que sua vida deve incluir certa realização na área de metas, aspirações, espírito e mente.

Quando falamos com a anima e o animus, precisamos encará-los como as realidades psicológicas autônomas que eles são. Na verdade, trabalhar com eles exige de nós a superação do que C. G. Jung certa vez chamou de "monoteísmo de consciência", e reconhecer que nossas personalidades são constituídas não só de consciência, mas também de uma multidão de personalidades menores ou parciais. Existe hoje uma grande obscuridade a este respeito, pois persistimos em acreditar que só existem o ego e o seu mundo, apesar de toda a evidência que nos circunda de que os seres humanos são claramente possuídos por algo desconhecido para eles, mas que existe dentro deles. Jung escreveu: "desconhecemos a psique inconsciente e promovemos o culto da consciência com exclusão de todo o resto. Nossa verdadeira religião é um monoteísmo de consciência, ...conjugado com uma negação fanática de que existem partes da psique que são autônomas".⁴

Por ser a psique constituída dessas personalidades autônomas parciais, é que se torna possível alguém conversar consigo mesmo. Isso não é sinal de que a pessoa esteja louca; é exatamente o oposto, pois, quanto mais alguém se aproxima de um relacionamento consciente com as diferentes partes de si mesmo, tanto mais se processa dentro dele uma síntese e uma harmonização da personalidade. O homem que deseja conversar com sua anima deveria começar dirigindo-se a um mau humor que o acometeu e do qual não consegue livrar-se. Isso pode ser feito personificando o mau humor na sua imaginação e falando com ele. Não é coisa difícil porque a maioria dos conteúdos psíquicos, principalmente a anima e o animus, aparecem de forma personificada

⁴ *O segredo da flor de ouro*, Editora Vozes, Petrópolis, 1983, p. 111.

em nossos sonhos e fantasias. Que gostaria você de dizer a um mau humor que o acometeu e que não quer mais abandoná-lo? Seja lá o que for, escreva-o, exatamente como se você estivesse escrevendo para uma pessoa real. Depois, imagine o que esse mau humor personificado diria ao lhe responder. Qualquer coisa que lhe venha à mente seria a resposta. Não pare para perguntar se esta é ou não "legítima", porém simplesmente limite-se a escrever o que o mau humor personificado diz. Isso pode exigir outra resposta de você, com uma segunda réplica do mau humor personificado, e assim o diálogo vai prosseguindo. O valor de escrever o diálogo reside no fato de que isso imprime um cunho de realidade, registra a conversa que pode ser recordada mais tarde e fortalece a mão do ego no seu trato com o poderoso *numen feminino*.⁵

Na prática real, uma indisposição da anima geralmente se mostra bem disposta para conversar. Parece uma mulher que responde positivamente a um movimento em busca de relacionamento procedente de seu marido; no entanto, fica triste e desgostosa quando é ignorada. É característico do feminino querer atenção e ressentir-se por ser ignorado. Com efeito, a pessoa começa a achar que as maquinações fantásticas e perigosas da anima desde o princípio tencionam unicamente chamar a atenção do homem e compeli-lo a se relacionar com ela, como se fosse sua mulher interior ou sua alma. Quando tal acontece, como veremos, os efeitos negativos da anima começam a abrir caminho e as manifestações positivas tendem a aparecer.

Dialogar com o *animus* é tão natural quanto dialogar com a anima. O primeiro costuma ser mais verboso e comumente é reconhecido primeiramente como pensamentos autônomos que surgem na mente de uma mu-

5 Esta técnica de dialogar com a anima ou *animus* faz parte do que C. G. Jung chamou de "imaginação ativa". Jung descreveu esse método de relacionamento com o inconsciente em vários lugares. Ver também o Apêndice sobre a imaginação ativa no fim do presente livro.

lher. Quando uma mulher começa a reconhecer que tais pensamentos procedem do animus e não do seu ego, ela começa igualmente a fazer a importante distinção entre ela própria e o fator masculino que existe dentro dela. Às vezes, ajuda parar para observar cuidadosamente os tipos de coisas que o animus está dizendo, geralmente caracterizadas, como vimos, por verbos como "precisaria" e "deveria" e por julgamentos de uma espécie ou de outra. Como mostramos no capítulo segundo, freqüentemente representa um bom auxílio escrever tudo isto e colocar anotações ao lado para enfatizar o fato de que isto não representa o próprio pensamento de uma mulher, mas sim as opiniões do animus. Em seguida, há apenas um simples degrau a ser galgado para a mulher responder à voz do animus. Desse modo, ela pode desafiar suas opiniões, discordar dele e educá-lo a propósito dos verdadeiros sentimentos dela e de sua situação real. Ao escrever o diálogo daí decorrente, o ego da mulher fica fortalecido, porque usar uma caneta ou um lápis para escrever é trabalho do ego. Depois de começado esse diálogo, o animus pode prosseguir contando à mulher o que é que *ele* realmente deseja da vida. Quando isso acontece, as oportunidades para um relacionamento positivo entre uma mulher e o seu animus são grandemente aumentadas.

A palavra-chave para chegar a se entender com a anima e o animus é *relacionamento*. Anima e animus são figuras arquetípicas, o que significa que elas não podem simplesmente ir-se embora e desaparecer da vida de cada pessoa, mas agem como parceiros permanentes, com os quais precisamos encontrar alguma forma de relacionamento, por mais difícil que isso possa ser. Mas no relacionamento reside toda a diferença. Quando uma figura do inconsciente é negada, rejeitada ou ignorada, ela se volta contra nós e mostra seu lado negativo. Quando ela é aceita, compreendida e alvo de relacionamento, seu lado positivo tende a aparecer.

No entanto, ao mesmo tempo que um homem aprende a dialogar com a anima, e uma mulher com o animus,

os homens e as mulheres precisam também aprender a dialogar um com o outro. Deveria ser óbvio que o relacionamento com um membro do sexo oposto é de grande valor para resolver o problema da anima e do animus, e, inversamente, que um bom relacionamento com nossa anima e animus é de grande valor para resolver nossas dificuldades de relacionamento humano. Assim como um diálogo com a anima ou o animus nos ajudará a distinguir o que faz parte do ego e o que corresponde às figuras inconscientes, também um diálogo com o homem ou a mulher em nossa vida há de nos auxiliar a compreender e a apreciar nossas diferenças e a verdadeira personalidade de cada um dos dois. Somente através do diálogo dois seres humanos podem começar a ver sua realidade própria e a da outra pessoa. Tal diálogo, que consiste em afirmar, de uma maneira ou de outra, os próprios sentimentos e pensamentos, e depois em ouvir cuidadosamente o que o outro está dizendo, fica muitíssimo facilitado quando a anima e o animus estão fora de cena. Quando esses *Parceiros Invisíveis* se intrometem na esfera do relacionamento, então maus humores, afetos, opiniões e julgamentos passarão a nuclar a atmosfera, levando a distorções, recriminações e aos tipos de brigas entre a anima e o animus que já tivemos oportunidade de descrever.

Assim, quando um homem deseja promover uma aproximação com o seu lado feminino, ele também precisa compreender a personalidade da mulher importante em sua vida, e uma mulher, inversamente, precisa compreender seu homem e os pensamentos e sentimentos dele. Os homens e as mulheres pensam e sentem diversamente; seus processos mentais não são semelhantes e um relacionamento entre os dois sexos requer que compreendamos as diferenças que nos separam. Quando conseguimos chegar a isso, surgem resultados salutares, um dos quais é a ampliação da consciência. Quando um homem comprehende algo a respeito de uma mulher, sua consciência masculina se expande e sua personalidade se enriquece. Essa ampliação e abertura de consciência do-

minam os aspectos negativos da anima e do animus e coloca esses parceiros interiores em seu lugar psicologicamente correto, lugar que Jung repetidas vezes nos diz estar *dentro* e não *fora* de nós.

Isso nos lembra outra das definições que Jung dá da anima e do animus: eles personificam o inconsciente coletivo e, portanto, seu verdadeiro objetivo psicológico reside no fato de ser uma função do relacionamento entre o ego e o inconsciente coletivo, de construir uma ponte, por assim dizer, entre o mundo da consciência e o mundo das imagens interiores.

Essa é a definição mais comum da anima e do animus apresentada por Jung. Ele no-la oferece num dos seus primeiros estudos, onde diz que a função do animus (e o mesmo se aplicaria à anima) “é... a de facilitar as relações com o inconsciente”.⁶ E, no seu comentário sobre o antigo livro chinês *O segredo da flor de ouro*, ele afirma: “Defini a anima no homem como uma personificação do inconsciente em geral e tomei-o, portanto, como uma ponte para o inconsciente, isto é, como uma função do relacionamento com o inconsciente”.⁷ O mesmo aparece em *O homem e seus símbolos*, em que a colega e discípula de Jung, Marie-Louise von Franz, declara: “A anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem — os humores e sentimentos instáveis, — e constitui o *relacionamento com o inconsciente*”.⁸

Falando praticamente, isto significa que, se um homem olhar para o que se acha por trás de maus humores, de suas suscetibilidades, de suas fantasias e de suas emoções, esses eventos psíquicos espontâneos, que constituem o pano de fundo de sua consciência e que a anima coloca diante dele, tal homem conseguirá chegar ao que está acontecendo com sua personalidade inconsciente. É como se a anima ficasse contaminada por tudo o que

6 Jung, *CW 7*, p. 207.

7 Jung, *O segredo da flor de ouro*, Editora Vozes, Petrópolis, 1983, p. 119.

8 Jung, *O homem e seus símbolos*, p. 177. O grifo é meu.

existe dentro de um homem que deseja tomar consciência de si. Conseqüentemente, quando um homem pode considerar a anima como uma figura interior, ele chega a essas imagens arquetípicas que formam a base de sua personalidade.

Isso é difícil de o homem moderno entender, porque não levamos a sério a realidade do mundo interior; de fato, a maioria das pessoas não têm a mínima idéia de que existe um mundo interior. Já que não somos inclinados a conhecer nem a buscar o mundo interior, as figuras altamente personificadas da anima e do animus nos aparecem como se estivessem do lado de fora, complicando os relacionamentos e criando ilusões, da maneira projetada já discutida, e iniciam a disfunção de criar maus humores e de gerar opiniões.

Uma condição má se desenvolve quando alguma parte de um organismo falha no desempenho de seu papel específico, assumindo um papel que não lhe compete. Por exemplo, o intelecto torna-se mau quando, ao invés de servir à pessoa inteira, desempenhando sua função particular de discernimento, usurpa a totalidade da personalidade, dominando-a e excluindo outros aspectos da psique. Assim, a anima e o animus também ficam envolvidos pelo mal quando não estão ocupando o seu lugar correto. Jung escreveu: "O motivo desta perversão é, nitidamente, a falha em reconhecer adequadamente um mundo interior que se mantém anonimamente oposto ao mundo exterior e que faz exigências sérias em favor de nossa capacidade de adaptação".⁹

Perceber a realidade da anima e do animus, portanto, requer um considerável esforço consciente, que leva Jung a referir-se ao encontro com a anima ou com o animus como sendo a "obra-prima" da individuação.¹⁰ Em primeiro lugar, precisamos superar a tendência de pensar em nós como se fôssemos exclusivamente masculinos ou femininos; para muitas pessoas, esta idéia em si

9 Jung, *CW* 7, p. 208.

10 Jung, *CW* 9, 1, p. 29.

representa uma revolução no pensamento. Em seguida, porém, devemos ir mais longe e compreender que nossa vida consciente repousa no vasto mar de um mundo interior, a respeito do qual conhecemos muito pouco. Precisamos compreender que esse mundo interior é tão real e objetivo para a estabilidade de nossa consciência quanto o mundo exterior e a realidade física, porque essa dimensão do inconsciente existiria quer nós existíssemos ou não, exatamente como o mundo exterior existe independentemente de um indivíduo humano existir ou não. É esse mundo interior objetivamente real que Jung chama de inconsciente coletivo; ele teria sido chamado de mundo espiritual pelos primeiros cristãos, ou personificado com um mundo mitológico de seres espirituais pelos índios americanos. É também com esse mundo que a anima e o animus podem relacionar-nos, quando, depois de terem sido projetados no mundo exterior, retornam ao nosso mundo interior.

Quando a anima funciona em seu lugar correto, ela ajuda a ampliar e alargar a consciência do homem, e a enriquecer a sua personalidade, infundindo nele, através de sonhos, fantasias e idéias inspiradas, a percepção de um mundo interior de imagens psíquicas e de emoções vitalizantes. A consciência de um homem tende a ser demasiadamente focalizada e concentrada; ela facilmente se torna rígida e limitada, e, sem o contato com o inconsciente, fica seca e estéril. Jung escreveu: "Se os produtos da anima (sonhos, fantasias, visões, sintomas, idéias eventuais etc.) forem assimilados, digeridos e integrados, haverá um efeito benéfico sobre o crescimento e o desenvolvimento... da psique".¹¹

A consciência masculina tem sido comparada ao sol, e a feminina à lua. Ao meio-dia, vê-se tudo com seus contornos nítidos e uma coisa se diferencia claramente de outra. Mas ninguém consegue ficar muito tempo sob esse sol quente e brilhante. Sem o frio, a umidade, a es-

11 C. G. Jung. *CW 14, Mysterium Coniunctionis*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1974, 2^a edição, p. 308.

curidão, a vista e a paisagem em breve se tornam insuportáveis, a terra seca e não pode produzir vida. É assim que fica a vida do homem sem a influência fertilizante do feminino sobre ele. Sem o relacionamento com o seu mundo interior, um homem pode focalizar as coisas, mas falta-lhe imaginação; ele pode perseguir metas, mas vai faltar-lhe emoção; é capaz de lutar pelo poder, porém incapaz de ser criativo, porque não consegue produzir nova vida fora de si mesmo. Somente a profícua união do princípio Yin com o princípio Yang podem estimular sua energia, impedir sua consciência de se tornar estéril e sua força masculina de minguar.

Assim, a anima serve de mediadora e de instrumento para alertar um homem a respeito de suas qualidades psicológicas destituídas de valor. Por essa razão, em várias ocasiões, Jung também definiu a anima como "o arquétipo de vida" e, certa vez, disse que ela é "um incentivo para a intensificação da vida".¹² Ela é como a alma para um homem, é esse ingrediente imperceptível mas vital, o único capaz de fazer a vida digna de ser vivida e de dar ao homem a certeza de que existe algo que merece ser conquistado e pelo qual se deve lutar. É a anima que dá ao homem *coração*, capacitando-o a ser forte de coração e corajoso em face dos sofrimentos e das aflições da vida.

Como o arquétipo da vida, a anima contém o elemento do significado. Não quer dizer que ela tenha as respostas; pelo contrário, ela encarna dentro de si mesma o segredo da vida e ajuda o homem a descobri-lo, levando-o ao conhecimento de sua própria alma. "Algo estranhamente significativo se acha preso a ela". Jung escreveu: "um conhecimento secreto ou uma sabedoria oculta, que contrasta de modo muito curioso com sua natureza irracional e anã". E, acrescentou ele, quando um homem chega a enfrentar a anima, ele começa a compreender que, "por trás de sua cruel brincadeira com o destino humano, existe algo semelhante a um pro-

12 Jung, *Letters 2*, p. 423.

pósito oculto, que parece refletir um conhecimento superior das leis da vida... E, quanto mais esse sentido é reconhecido, tanto mais a anima perde seu caráter impetuoso e compulsivo".¹³ Como personificação da vida, a anima personifica para o homem "a vida que existe por trás da consciência e que não pode ser completamente integrada a ela, mas da qual... emerge a consciência", e "é sempre o elemento *a priori* presente no mau humor, nas reações, nos impulsos (do homem) e em tudo o mais que é espontâneo na vida psíquica".¹⁴

Não devemos pensar, porém, que a anima é "boa". A anima não é boa nem má; ela simplesmente é. Ela deseja vida e, desse modo, parece querer tanto o bem quanto o mal, ou, antes, ela não se interessa por essas categorias morais. Eis por que trabalhar com a alma é sempre uma tarefa delicada. Ninguém pode se entregar às investidas e ameaças da anima, da mesma maneira como não pode se entregar à plenitude do si-mesmo, ou a qualquer função ou qualidade psicológica particular. É igualmente a anima que parece despertar a capacidade de amor de um homem. Quando nos apaixonamos pela primeira vez, sentimo-nos invadidos por emoções poderosas e vitalizantes. É por isso que a anima pode ser melhor descrita poética e não cientificamente, dramática e concretamente. Não obstante, como já vimos, o relacionamento de um homem com ela deve desenvolver-se de modo a ultrapassar a simples sensação de ter-se apaixonado ou de estar apaixonado, pois ele precisa perceber que a alma feminina vitalizante está dentro dele. Ele não pode permitir que sua anima viva somente projetada sobre uma mulher, mas tem de superar essa projeção para alcançar a alma que reside dentro dele. Jung disse, numa carta escrita a uma mulher que sentia projetada sobre si a imagem da alma de um homem: "Já que ele é incapaz de ver você como uma mulher real por trás da projeção dele, você está parecendo uma 'es-

13 Jung, CW 9, 1, pp. 30 e 31.

14 *Ibid.*, p. 27.

finde'. Na realidade, a alma dele é a esfinge dele, e ele deveria tentar resolver o enigma".¹⁵

Não quer dizer, porém, que a anima seja o lado amável de um homem. Ela não se identifica com o eros dele, mas estimula tal eros. Ela desperta no homem sua capacidade de amar e de estabelecer um relacionamento pessoal, contudo ela não é esse amor nem esse relacionamento pessoal. É o homem quem ama e sente, não a sua anima, embora esta possa ser comparada à centelha que nele acende a chama.

Este último ponto é um dos que James Hillman aborda nos seus dois artigos sobre a anima em publicações de 1973 e de 1974 da revista *Spring*. Jung muitas vezes se referiu à anima como se ela fosse idêntica ao eros, e muitos analistas junguianos falam da anima como se esta se identificasse com o sentimento, como se sentimento e eros fossem necessariamente femininos e não masculinos. Embora o deus grego Eros seja uma divindade masculina, mesmo assim ele é filho de Afrodite, e não há razão para atribuir sentimento somente ao feminino. Parece mais correto dizer que a anima é uma função que desperta e faz resplandecer o eros no homem, mas que existe tanto um eros masculino quanto um eros feminino. Esta é a forma de se dizer que é o próprio homem que ama, ainda que o feminino possa despertar seu amor. Do mesmo modo, não há motivo para identificar a anima com o sentimento, ou o animus com o pensamento. Um homem pode sentir e uma mulher pode pensar, embora a anima e o animus possam despertar, ajudar e dirigir tais funções.

Um outro ponto que provoca confusão sobre esse assunto consiste em saber se existe ou não algo como "desenvolvimento da anima". Os junguianos muitas vezes falam do desenvolvimento da anima num homem como se fosse tarefa do homem "desenvolver a sua anima", de modo que assim ele pudesse relacionar-se, sentir e amar mais profundamente. O próprio Jung fala de quatro

15 Jung, *Letters 2*, p. 402.

estágios da anima: o de Eva, o de Helena de Tróia, o da Virgem Maria e o de Sofia. A primeira, Eva, é a anima no nível biológico, o mais baixo, como fonte de instinto e como instigadora da sexualidade. Como Helena de Tróia, a anima personifica a beleza e a alma, e já não é completamente equacionada com a instinctualidade. Como a Virgem Maria, ela personifica a possibilidade de relacionamento com Deus, e como Sofia encarna o princípio do relacionamento com a sabedoria mais elevada.¹⁶

Indubitavelmente, a anima pode apresentar-se em muitos níveis diferentes; o problema é saber se é a anima que se desenvolve ou se é o homem quem o faz. Os gregos falavam de Afrodite Pandêmia e de Afrodite Urânia. A primeira era "Afrodite para todos" e a segunda era a "Afrodite celestial e espiritual". Afrodite Pandêmia podia ser Afrodite tal como é experimentada a nível da união sexual, instinctiva. Experimentada dessa maneira, Afrodite personificaria a anima tal como ela se apresenta nas fantasias eróticas sexuais e nas exigências instintivas. Mas a Afrodite espiritual personifica a anima como a função que relaciona a alma de um homem com Deus e o ajuda a atingir a união espiritual mais alta possível. No entanto, a meu ver, não é a alma que passa por um "desenvolvimento", porém é o próprio homem que precisa de desenvolvimento. Se o caráter e a compreensão de um homem se acharem num nível inconsciente baixo, ele experimentará a anima no seu nível mais baixo e não será capaz de entender nem de apreciar as qualidades mais elevadas que ela possui. Entretanto, se o homem passar por um desenvolvimento e adquirir "alma", a anima, em suas manifestações mais elevadas, poderá tornar-se significativa para ele.

Um outro ponto que merece atenção quando falamos da anima é o de saber se ela pode ser "conquistada" e despersonalificada, ou se conserva sempre sua natureza personificada ilusória. Jung muitas vezes falou da anima

16 C. G. Jung, *CW 16, The Practice of Psychotherapy*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1954, revista e aumentada em 1966, p. 174.

como se ela fosse um ser que se personificasse de maneira muito irritante e que devesse ser conquistada e transformada numa função psicológica impessoal. Por exemplo, em *Two Essays on Analytical Psychology* ele escreveu: "Reconheço haver algum fator psíquico (a anima) atuante em mim, o qual ilude a minha vontade consciente da maneira mais incrível. Ele consegue pôr idéias extraordinárias na minha cabeça, introduzir em mim disposições e emoções indesejadas e desagradáveis, levar-me a ações espantosas pelas quais não posso aceitar a mínima responsabilidade, perturbar as minhas relações com outras pessoas de modo realmente irritante etc. Sinto-me impotente contra esse fato e, o que é pior, estou apaixonado por ele, a tal ponto que tudo o que faço acho maravilhoso".¹⁷

É perfeitamente verdadeiro que a anima pode provocar todos esses efeitos perturbadores num homem; entretanto, o que o homem precisa "conquistar" é ele próprio, embora essa vontade e determinação também signifiquem que ele não se deve deixar seduzir pela criatura feminina enganadora e decepcionante que existe dentro dele. Se ele conseguir "engarrifar" a anima, isto é, não consentir que ela invada sua vida exterior, domine suas disposições e destrua seus relacionamentos, então, como vimos, a anima tende a assumir seu lugar adequadamente como uma função dentro dele, levando-o a uma experiência mais profunda de sua própria alma. A anima, porém, parece resistir obstinadamente a uma despessoalização. Ela continua sendo a personificação, como Hillman demonstra, de um poderoso *numen* feminino. Por esse motivo, Hillman acha que de nada adianta tentar romper as personificações da anima. Com efeito, é precisamente porque ela se personifica em nossos sonhos e em nossa imaginação que podemos chegar a manter um relacionamento com ela.

Além do mais, Hillman salienta o seguinte: quando persistimos na tentativa de conquistar a anima e de for-

17 Jung, CW 7, pp. 225-226.

çá-la a ser aquilo que queremos que ela seja, isto coloca o ego numa "posição heróica", ou seja, reforça uma posição masculina que certamente resultará numa contínua desvalorização do feminino e num exagero do ego. O próprio Jung, em outros lugares, parece concordar que a anima seja uma figura irredutivelmente personificada. A propósito tanto da anima quanto do animus, escreve ele: "Não somos nós que os personificamos; eles têm uma natureza pessoal já bem do princípio".¹⁸

A anima, como a ponte entre a consciência de um homem e o mundo do inconsciente, pode ser contrastada com a função da persona na psicologia masculina. A palavra *persona* significa máscara. Ela exprime a parte ou a face que o ego apresenta ao mundo exterior. A persona é, portanto, uma função do relacionamento entre o ego e a realidade exterior, assim como a anima é a função do relacionamento entre o ego e a realidade interior. A persona é uma função psicológica útil e até essencial. Sem uma certa dose de persona, dificilmente podemos suportar a vida. Ela não é apenas uma máscara por trás da qual podemos nos esconder, mas também um meio de adaptação à realidade exterior. Sem persona alguma ficaria muito difícil nós nos relacionarmos com as exigências que nos chegam de outras pessoas, com o nosso trabalho e com a sociedade em geral. A dificuldade surge quando alguém se identifica com a persona. Então, os que fazem isso pensam que eles são esta face que apresentam ao mundo exterior, e perdem a noção de sua verdadeira realidade, principalmente do lado obscuro e sombrio de sua personalidade. Quando as pessoas se identificam com a persona, elas deixam de ser reais; elas passam pela vida com uma face, mas sem nenhuma profundidade interior.

A anima mantém um relacionamento compensatório com essa persona. Se estivermos demasiadamente identificados com ela, podemos esperar que a anima reaja

18 C. G. Jung, *CW 13, Alchemical Studies*, Princeton University Press, 1967, edição de 1970, par. 62.

harmoniosamente. Só quando temos um relacionamento correto com a persona é que podemos ter um relacionamento correto com a anima. Podemos pensar, por exemplo, num tirano poderoso — um Nero ou um Hitler — cuja simples palavra afeta a vida de muitas pessoas, e cujo poder no mundo da realidade exterior o leva a pensar que ele é uma pessoa todo-poderosa. Mas, intimamente, tal homem pode ser acometido por fantasias obscuras e geradoras de temor, sobre as quais ele não tem o mínimo controle. Sua alma se sente possuída por medos que o fazem estremecer; ele vê traidores em todos os cantos e se vê impotente na presença de pensamentos obscuros e perturbadores, exatamente como o rei Saul se sentia quando se via diante de suas más disposições.¹⁹

O imperador romano Calígula é um bom exemplo disso. Calígula era tão cruel e tão identificado com seu poder, que — dizem — ele costumava lembrar aos convidados para os seus banquetes que poderia matá-los todos de uma vez, e acredita-se que ele tenha dito à sua mulher ou amante, enquanto a abraçava: "Esta linda cabeça poderá ser decepada no momento em que eu der uma ordem neste sentido".²⁰ Mas também se conta a respeito dele que "se escondia debaixo da cama quando relampejava e que ficava apavorado ao ver as chamas do Etna. Não conseguia dormir e perambulava pelo seu imenso palácio durante a noite, pedindo aos gritos que o dia amanhecesse".²¹ É a anima que provoca tal perturbação e fantasias portadoras de medo no estado de espírito de um homem assim, que o faz passar noites em claro e experimentar vagos pressentimentos; ele é tão impotente diante deles quanto é todo-poderoso nas suas relações com o mundo exterior. Desse modo, a anima compensa em seu caráter uma unilateralidade errada.

Ou, talvez se trate de um poderoso homem de negócios, de um executivo, cujas decisões têm influência so-

19 Cf. 1Sm 18,10-11.

20 Suetônio, *Gaius*, citado por Will Durant em *Caesar and Christ*, p. 226.

21 *Ibid.*, p. 265.

bre muitos, em torno do qual trabalham tremendo secretários obedientes e que, por outro lado, serve de exemplo para subordinados inseguros. Ele vive num mundo de edifícios altos com salas sofisticadas, lidando com grandes somas e com pessoas importantes que vivem à sua disposição. No entanto, intimamente pode ele ser vítima de temores vagos e controlado por fantasias sexuais compulsórias, que o impelem a freqüentar cinemas pornográficos, no caminho de volta à casa, ou a ter de convidar garotas para visitá-lo num motel. É a anima que se acha por trás de tais temores e fantasias, e ela o domina e governa interiormente de forma tão completa quanto ele, exteriormente, domina e governa os outros.

Mais uma vez, trata-se da mensagem de uma mulher hedionda, como vimos na análise de Robert Johnson a respeito da lenda do Santo Graal. Parsifal, o grande herói e mestre exterior do mundo de cavaleiros, vê-se impotente para se opor à mulher hedionda, a imagem de sua anima, que o atacou sem dó nem compaixão porque, ao se concentrar ele no sucesso exterior, negligenciou o seu itinerário interior.

No entanto, embora pareça à primeira vista ser a anima uma figura negativa que se apropria de um homem por meio de pensamentos e fantasias incontroláveis e incômodas, isto é apenas a manifestação de um problema mais profundo. Ela realmente tem uma função positiva, e não negativa, e serve para afastar um homem de um caminho que é falso para ele e prejudicial aos seus valores mais elevados, para trazê-lo de volta ao caminho da plenitude e desenvolvimento espiritual. Ela presta o serviço de uma função construtiva, e não destrutiva, e, tão logo ela seja adequadamente reconhecida e apreciada, seu aspecto positivo aparece. Mesmo em seu aspecto negativo, ela permanece autêntica consigo mesma e fiel à sua função básica: a ponte para o inconsciente e para o mundo da alma de um homem.

Em seu aspecto positivo, o *animus* desempenha um papel indispensável no processo de individuação de uma

mulher. Sua função principal reside em ser um psicopompo, um guia que conduz a mulher através de seu mundo interior até sua alma. Nos sonhos, o animus, como guia e espírito criativo, apresenta-se tipicamente como um homem bem dotado, um padre, um professor, um médico, um deus ou um homem com poderes incomuns. Novamente é essencial, para que o aspecto positivo do animus possa emergir, que ele assuma sua função específica como uma ponte entre a consciência de uma mulher e seu mundo interior inconsciente; quando ele funciona apenas externamente, ele assume as formas negativas que já foram discutidas. Como Jung disse certa vez: "Em sua forma real ele (o animus) é um herói, há algo de divino nele", mas, quando ele não se acha em sua forma real, ele é "um substituto obstinado".²²

O animus criativo abre caminhos para uma mulher; ele faz coisas que ela depois deverá assumir por si mesma. Ele aponta o caminho, abre as portas para o desenvolvimento. Isso às vezes pode ser visto nos sonhos de uma mulher, em que um homem empreende uma viagem, enfrenta um perigo ou suporta uma dificuldade — uma tarefa que a mulher muito em breve será chamada a desempenhar. Jung observa, ao comentar a visão de uma mulher em que o animus parecia estar desempenhando uma função heróica: "É o que já encontramos muitas vezes diante de nós: sempre que algum empreendimento novo, que ela não consegue enfrentar, se torna necessário, o animus a precede".²³

Assim como a anima freqüentemente se apresenta primeiro a um homem projetada numa mulher exterior, ou sob a forma de fortes fantasias sexuais-eróticas, também o animus tipicamente se manifesta a uma mulher por meio de poderosas fantasias ou projeções. Se essa imagem numinosa não for considerada psicologicamente e reconhecida como uma figura do mundo interior dela,

22 C. G. Jung, "The Interpretation of Visions", *Spring*, 1966, p. 143.

23 *Ibid.*, p. 129.

ele imediatamente se transforma no que Esther Harding chamava de "amante fantasma".²⁴ Como amante fantasma, o animus ronda a mente de uma mulher, procura seduzi-la com fantasias românticas irreais e cada vez mais vai fazendo sua consciência ser absorvida pela irrealidade. Então não pode ocorrer desenvolvimento psicológico algum, porque a mulher se apaixona pelas fantasias que não têm relação com a realidade de um homem real, nem com a realidade do mundo inteiro dela. Não é, porém, culpa do animus. Ele está tentando fazer o máximo para atrair a atenção dela, por meio dessas fortes fantasias; o problema é da própria mulher, cuja consciência precisa desenvolver-se e amadurecer de modo que ela se torne capaz de compreender suas fantasias de maneira correta. A estória de Joana, no primeiro capítulo, é uma boa ilustração da maneira como o animus, como um amante fantasma, pode perturbar a vida de uma mulher e levá-la à irrealdade.

Neste aspecto positivo, o animus encarna a força diretriz para a individuação na psique de uma mulher. Um excelente exemplo disto encontra-se no romance de Emily Brontë, *Wuthering Heights*, que já foi mencionado. A figura mais impressionante nesse conto é Heathcliff, que parece ser metade homem e metade demônio, e cuja única meta na vida consiste em unir-se à sua amada Cathy. Esta, porém, embora o ame profundamente em sua alma, resiste a ele e trai seus sentimentos mais verdadeiros ao se casar com o inócuo e inútil Edgar Linton. Heathcliff não desanima, porém, e persiste em seus esforços no sentido de chegar a unir-se com Cathy, ainda que isso provoque nela um conflito tão grande que, incapaz de suportá-lo, ela adoece e morre. A estória, então, continua com a filha de Cathy, também chamada Cathy, que passa a ser a heroína. A Cathy mais jovem é perseguida incansavelmente por Heathcliff, cada vez mais impertinente. Entretanto, ao contrário de outras que foram

24 Esther Harding, *The Way of All Women*, David McKay Co., Inc., Nova Iorque, 1933, 1961, capítulo 2.

destruídas pela perseguição de Heathcliff, a jovem Cathy vai-se fortalecendo. Um dia casa-se com Hareton e, como ela realiza o seu relacionamento com Hareton, Heathcliff aos poucos vai-se afastando da estória até que, finalmente, se une na morte com sua Cathy. Assim, no fim da estória há um duplo casamento: o casal terreno, Catherine e Hareton, e o casal espiritual, Heathcliff e Cathy.

Em sua brilhante análise da estória, Barbara Hannah²⁵ mostra que Heathcliff é uma personificação do animus e descreve a maneira como ele funciona na psicologia de uma mulher. Ele é uma figura aparentemente cruel, que destrói muitas pessoas na estória, mas ele não é um mal cego, porque no fim prova ser a verdadeira força que leva a um desenvolvimento psicológico. Por causa dele os fracos são destruídos e somente os que se tornam fortes sobrevivem, e é através de seus persistentes esforços que, no fim da estória, se realiza o duplo casamento que é um símbolo da plenitude. Assim, em Heathcliff podemos ver como o animus consegue parecer demoníaco, embora, na realidade, contenha em si a mola principal para a individuação e demonstre ser uma força incansável que estimula a mulher a pre-caver-se contra sentimentos fracos, infantis, e a desenvolver a verdadeira força do seu caráter. O desejo incansável de Heathcliff de chegar à união com Cathy é análogo à incansável pressão vinda de dentro e que exige a unificação da personalidade de uma mulher, um processo que o animus possibilita e sobre o qual parece até insistir.

Jung primeiro comparou o animus com a alma de uma mulher, do mesmo modo como equiparou a anima à alma de um homem. Em *The Psychology of the Transference*, ele escreveu: "Deve ficar claro ... que a 'alma' ... possui um caráter feminino no homem e um caráter masculino na mulher".²⁶ Entretanto, esta identificação do animus com a alma foi e tem sido discutida por mui-

25 Hannah, *Striving Towards Wholeness*, capítulo 10.

26 Jung, CW 16, p. 301.

tas das colegas e discípulas de Jung. Por exemplo, Emma Jung, Barbara Hannah e Irene de Castillejo, todas elas argumentam que a alma é feminina na mulher e masculina no homem, e que o animus não deve ser identificado com a alma, mas com o espírito. Segundo este modo de pensar, o animus não é a alma, mas leva uma mulher *até* sua alma. É por esta razão que ele tem o valor de um psicopompo, de um guia ou de alguém que aponta o caminho ou conduz a ele.²⁷

Como função que presta auxílio, o animus positivo dá à mulher o poder de discriminação. Jung disse que, na psicologia feminina, "não estamos lidando com uma função de relacionamento (como com a anima), mas, ao contrário, com uma função *discriminativa*, a saber, o animus".²⁸ Assim, virtualmente ele identificava o animus com o logos e a anima com o eros, cometendo, porém, o erro intuitivo de que o animus era, por conseguinte, idêntico ao pensamento numa mulher, e a anima ao sentimento num homem. Já tivemos oportunidade de ver que o caso não é este — uma mulher pensa por si mesma, não é o animus que pensa por ela — e que o homem tem seus sentimentos próprios e sua capacidade própria de amar. Não obstante, de fato, Jung não conectou diretamente o animus com o logos como tal, muito menos com o pensamento, nem a anima com o eros, mas antes usou tais categorias para proporcionar-nos aproximações conceituais das funções dessas duas realidades. "Como a anima corresponde ao Eros materno", escreve Jung, "o animus corresponde ao Logos paterno. Longe de mim querer dar uma definição por demais específica destes conceitos intuitivos. Uso os termos 'Eros' e 'Logos' meramente como meios conceptuais que auxiliam a descrever o fato de que o consciente da mulher é caracterizado mais pela vinculação ao Eros do que pelo caráter diferenciador e cognitivo do Logos. No homem, o Eros, que é a função de relacionamento,

27 Cf. E. Jung, *Animus and Anima*, I. de Castillejo, *Knowing Woman*; Hannah, *Striving Towards Wholeness*.

28 Jung, CW 16, p. 294.

via de regra aparece menos desenvolvido do que o Logos. Na mulher, pelo contrário, o Eros é expressão de sua natureza real".²⁹

O animus pode agir como um guia que conduz a mulher até a sua alma, porque ele usa a sua tocha da discriminação e da compreensão para iluminar o mundo interior dela. Ele também age como uma ponte para o mundo impessoal do intelecto e do espírito, e dá à consciência, que de outro modo nela ficaria difusa, a capacidade para uma concentração focalizada. Como sempre acontece quando se descrevem a anima e o animus, as imagens são mais úteis do que os conceitos, e Irene de Castillejo oferece-nos uma imagem útil do animus positivo quando o descreve como um "porta-tocha". É o animus, diz ela, que lança luz sobre as coisas, que torna a mulher capaz de focalizar a sua concentração, que lhe dá possibilidade de ser objetiva e lhe abre o mundo do conhecimento para seu próprio benefício.

Para ver com clareza suficiente a ponto de conhecer algo de modo praticamente definitivo, com tanta solidez que possamos expressá-lo e dizer: "Esta é a minha verdade, aqui eu assumo a minha posição", precisamos do auxílio do próprio animus. Eu, pessoalmente, gosto de pensar no meu animus, um bom auxiliar, como se ele fosse um porta-tocha; a figura de um homem carregando erguida a sua tocha para iluminar o meu caminho, introduzindo seus lampejos nos cantos escuros e dissipando a névoa que envolve o mundo de um mistério meio-oculto, no qual, como mulher, eu me sinto muitíssimo à vontade.

No mundo de sombras e de verdades cósmicas de uma mulher, ele produz uma concentração de luz que funciona como um foco para os seus olhos, e, quando ela olha, pode dizer: "Ah, sim, é isto o que eu queria dizer", ou: "Oh, não, isto não é absolutamente a minha verdade". É com o auxílio dessa to-

29 Jung, OC 9, 2, par. 29.

cha também que ela aprende a dar forma às suas idéias. Ele faz jorrar luz sobre a confusão de palavras que se entrecruzam sob a superfície de sua mente, de modo que ela possa escolher as que deseja, separar as tonalidades da luz nas cores do arco-íris para selecioná-las, tornando-a capaz de ver de que parte é feito o seu todo, de discernir entre isto ou aquilo. Em suma, ele lhe dá capacidade para focalizar.³⁰

Quando uma mulher começa a se relacionar com o seu si-mesmo interior, prossegue Irene de Castillejo, primeiro ela encontra o animus, que, introduzindo sua tocha no interior e no significado das coisas, a leva a seus recantos íntimos, onde ela deve encontrar a sua alma. A autora enfatiza, porém, que *ele* não é a alma dela, porque a alma da mulher é feminina como seu ego. "Como ele é o primeiro que uma mulher encontra, ele pode parecer ser a imagem da alma que ela está procurando; no entanto, se ela se aventurar a segui-lo na escuridão e no desconhecido, poderá descobrir que ele não representa a sua alma, porém antes está agindo como seu guia no sentido de ajudá-la a encontrar a própria alma".³¹

Por conseguinte, a alma numa mulher é feminina como ela própria, ou, tentando descrevê-lo melhor, é como uma força, uma fonte de energia e de amor. Para o homem, a alma é algo diferente dele próprio, uma realidade feminina enganadora e apesar disto essencial, que é indispensável ao bem-estar da sua consciência. Para uma mulher, a descoberta da alma constitui a descoberta do que é, mais essencialmente, sua própria natureza mais profunda e verdadeira. Para um homem, o mundo do conhecimento objetivo e das metas impessoais ocorre naturalmente, ao passo que a mulher precisa, por assim dizer, ser iniciada em um mundo com o qual ela não se acha subjetivamente relacionada e que pode surgi como uma descoberta assustadora.

30 I. de Castillejo, *Knowing Woman*, p. 76.

31 *Ibid.*, p. 166.

Portanto, o animus é um transmissor de luz. Mas Irene de Castillejo adverte-nos que ele *deve* fazer incidir a sua luz em qualquer lugar, o que significa que a mulher precisa usar a função do animus em si mesma correta e criativamente. "É a mulher que não está usando o animus criativamente quando se deixa ficar à mercê dele, porque ele *deve* emitir sua luz para um lugar qualquer. Assim, ele atrai a atenção dela fazendo incidir a sua luz numa fórmula ou num *slogan*, depois numa outra coisa, sem nenhum interesse pela sua importância exata. Ela cai na armadilha e aceita o que ele lhe mostra como se fosse uma verdade evangélica".³²

Como com todas as outras coisas existentes na psique, a palavra-chave é relação. O animus é positivo em sua função quando a mulher se relaciona corretamente com ele, e negativo quando o relacionamento é incorreto. O relacionamento adequado com o animus é auxiliado pelo reconhecimento de sua realidade, pelo fato de se lhe dar um objetivo na vida e de manter com ele um diálogo, tal como se se tratasse de um esposo interior.

Reconhecer a realidade do animus equivale a perceber a realidade e a autonomia do inconsciente. Isto sempre exige, como já vimos, o reconhecimento das projeções quando estas ocorrem; o animus é particularmente propenso a projetar-se sobre homens exteriores, quando ele não é percebido conscientemente por uma mulher como sendo parte dela mesma. Uma tal projeção pode ser percebida como tendo ocorrido quando um homem é supervalorizado ou subvalorizado, e principalmente quando é considerado fascinante. Ela também pode ser reconhecida pela reação do próprio homem porque, a menos que seja tão egocêntrico que se nutra com tais coisas, o homem reagirá à projeção por meio de um mal-estar e desconforto crescentes, da maneira já descrita.

Para dar à realidade do animus seu lugar adequado na vida, a mulher precisa ter uma vida que o inclua.

32 *Ibid.*, p. 80.

Como vimos no caso da anima, todas as figuras interiores do inconsciente querem viver, e querem fazer isto unicamente através de nossas vidas. Uma mulher que ignore o lado objetivo da vida e, principalmente, o desenvolvimento de seu lado intelectual e espiritual, pode esperar ter um *animus* frustrado, que, como consequência, há de tornar-se perturbador e diabólico. Muitas vezes, ela necessita ter algo em sua vida fora do campo pessoal da família, do marido ou do amante. Desta maneira ela poderá satisfazer seu *animus*. Contudo, deveríamos observar que, se a mulher for longe demais neste terreno, ela correrá o perigo de se identificar demais com o *animus*. Ela só pode buscar metas masculinas no mundo e desenvolver a vida do seu intelecto por meio de atividades acadêmicas e profissionais, se mantiver uma percepção aguçada de si-mesma como uma pessoa dotada de alma feminina, que também encarna um princípio masculino.

Para conservar a distinção entre si-mesma, como mulher e alma, e o *animus*, como força discriminatória masculina, ajuda grandemente o processo de diálogo, um processo já mencionado como o caminho de que o homem pode servir-se para se relacionar com a sua anima. O *animus*, freqüentemente, primeiro é notado pela mulher como uma "voz" dentro dela, isto é, como uma cadeia autônoma de pensamentos e de idéias que fluem para a sua consciência. Essa corrente autônoma de pensamentos e idéias pode ser personificada como o homem interior dela e pode ser cultivado um diálogo com ele. Nesse diálogo, é muito útil — salienta Irene de Castillejo — o fato de a mulher manter o *animus* informado sobre como *ela* se sente em relação às coisas. O *animus* estará sempre pronto a se intrometer com suas opiniões, idéias e planos, e pode até mostrar-se cruel na tentativa de sustentá-los. A mulher precisa ser firme com ele e, cuidadosamente, instruí-lo sobre o modo como *ela* se sente e sobre o que necessita e deseja. Ao descrever o caso de uma mulher, Irene de Castillejo observava que o *animus* era "positivo e capaz de auxiliar na medida em que a

mulher tomasse a precaução de informá-lo sobre ela, como mulher, sobre o modo como se sentia diante de problemas a serem enfrentados e que só se tornava negativo quando ela fracassava em fazer isso, porque, então, desprovido dos dados essenciais dos sentimentos dela, ele não tinha outra alternativa a não ser a de evocar as verdades gerais do dia".³³

Volta-e-meia, em matéria de psique, vejo que, quando nos relacionamos correta e conscientemente com nossas figuras interiores, estas tendem a assumir seu papel específico e sua função adequada, e que, quando não lhes damos atenção ou não as percebemos e não mantemos um relacionamento correto, elas tendem apropriar-se de nós e a destruir as nossas vidas. É o que acontece com o animus, que "é um grande amigo da mulher quando incide sua luz no que é importante, e quando se retrai no momento em que ele passa a ser irrelevante".³⁴

33 *Ibid.*, p. 168.

34 *Ibid.*, p. 80.

Capítulo quarto

Esta misteriosa força vital que chamamos de sexualidade é a um tempo complicada e enriquecida pelos *Parceiros Invisíveis*. Já vimos como a anima e o animus freqüentemente se projetam sobre membros do sexo oposto e como, quando uma pessoa para nós traz em si uma imagem projetada, os sentimentos e as fantasias sexuais provavelmente irão surgir. É por isso que os arquétipos da anima e do animus são tão numinosos, isto é, tão impregnados de energia psíquica, que chegam a tomar-nos emocionalmente; e geralmente tal energia nos afeta primeiro ao nível sexual.

O tipo de atração sexual magnética que podemos sentir quando a anima ou o animus se projetam dessa maneira leva a estabelecer fortes laços psicológicos com a pessoa que recebe tal projeção, do modo como nós descrevemos, e este fenômeno é muitas vezes perturbador para um relacionamento duradouro como o casamento. As projeções da anima e do animus raramente permanecem numa pessoa, cuja humanidade ordinária se evidencia sob o desgaste e o peso da vida diária, e, por essa razão, as projeções da anima ou do animus comumente irão recair sobre pessoas que estão fora do relacionamento conjugal, o que demonstrará ser um fator causador de perturbação.

Numinosidade, descoberta, aventura e curiosidade geralmente estimulam o relacionamento inicial com membros do sexo oposto, mas à medida que se desgasta, a vida sexual entre o homem e a mulher pode

transformar-se em rotina,¹ e os desejos e fantasias sexuais podem girar em torno de outras pessoas. As pessoas destituídas de compreensão psicológica podem suportar então que elas não mais amam seus companheiros, já que agora se sentem "apaixonadas" por outra pessoa. Outros, principalmente os que foram educados dentro de uma estreita tradição religiosa, que os ensinou a encarar suas fantasias como sendo em si mesmas pecado, podem ficar horrorizados com tais fantasias e tentar reprimi-las por temor de culpa. Outros ainda, a quem falta um certo embasamento moral, podem querer destruir um relacionamento conjugal que está sendo ameaçado de fracasso, em vez de procurar melhorá-lo, por pensar que o relacionamento novo e fascinante é "o de agora" e que só serão felizes se conseguirem possuir o objeto de seus desejos sexuais.

Como salientou Adolf Guggenbuhl-Craig,² isso tem grande probabilidade de ocorrer dentro da nossa cultura, em que o matrimônio é encarado em termos do que ele significa como "bem-estar", muito mais do que como "salvação". Encarar o casamento em termos de bem-estar, significa que nos casamos alimentando o pensamento de que ele nos levará à felicidade, à satisfação e ao senti-

1 Felizmente para a vida sexual dentro do casamento existem algumas vantagens para o relacionamento conjugal permanente, quando este atinge realização sexual plena. Num relacionamento permanente, por exemplo, o casal tem a oportunidade de conhecer o outro como parceiro sexual, de um descobrir o de que o outro gosta e de ambos se tornarem aptos a desempenhar o papel de um amante bem adequado para o seu parceiro. Também é importante que, num relacionamento duradouro, o fator amor e relações pessoais podem significar bem mais do que descobrir que a imagem projetada da anima ou do animus não mais envolve o parceiro. Se, além disso, o casal de esposos puder conservar vivas em sua vida sexual as fantasias surgidas no seu íntimo, talvez partilhando-as um com o outro e expressando-as na sua vida de amor, a sexualidade no casamento consiga permanecer como uma parte vital do relacionamento.

2 Adolf Guggenbuhl-Craig, *Marriage — Dead or Alive*, traduzido para o inglês por Murray Stein, Spring Publications, Zurique, 1977, pp. 36ss.

mento de paz e de plenitude. Encarar o casamento em termos de salvação significa que vemos o casamento como um caminho possível para o autoconhecimento e a individuação. No casamento duas pessoas extravasam, indo cada uma de encontro à área de inconsciência da outra. Isto propicia a ambas uma oportunidade de perceber qualidades ou hábitos pessoais, que elas só vêem quando seus parceiros na vida diária lhes mostram.

Tal relacionamento oferece um excelente elemento em que a individuação pode ocorrer, porque pessoas que conseguem trabalhar com áreas de inconsciência em sua vida comum podem amadurecer na sua capacidade de amar e de se relacionar com outro ser humano. Se valorizamos o casamento somente quando ele nos proporciona uma sensação de bem-estar, não teremos a força interior para enfrentar as experiências difíceis; mas, se aprendermos a valorizar o matrimônio por causa das oportunidades que ele oferece para a salvação — isto é, para a individuação — bem como para outras graças, nosso relacionamento conjugal mostrará estar apoiado numa base mais sólida.

No entanto, o problema permanecerá: De que modo devemos encarar as fantasias relativas a outra pessoa fora do nosso casamento, as quais possam ser inspiradas pelas projeções que já discutimos? É claro que pode ser prejudicial deixar-se levar por tais fantasias, sem o mínimo interesse consciente pelo seu sentido subjacente. Mas pode ser igualmente lamentável que uma consciência superficialmente desenvolvida faça uma pessoa rejeitar as fantasias inspiradas pela anima dele ou pelo animus dela, porque tais fantasias contêm uma boa dose de importante energia psíquica. Por essa razão, é muitas vezes melhor tentar compreender o sentido de nossas fantasias, do que rejeitá-las para longe por causa de sua suposta inspiração diabólica, pois nada há de errado no fato de se ter fantasias desse tipo. As fantasias simplesmente chegam às nossas mentes sem terem sido convidadas, por motivos que lhes são próprios; o

que nós fazemos com nossas fantasias é que constitui matéria de moralidade.

Se nossos pensamentos eróticos forem dirigidos para outra pessoa pela anima ou pelo animus, isso pode trazer muitas mensagens para nós. Quando tal acontece, talvez a primeira coisa que deva ser examinada seja a qualidade de nosso relacionamento primário. Por exemplo, muitos homens têm um eros passivo, isto é, não são ativos no estabelecimento de laços estreitos com mulheres, tendem a encará-las como mães e protetoras e não como companheiras e amantes. Conseqüentemente, elas permanecem sem desenvolvimento no lado do sentimento e do relacionamento. Quando isso acontece, a anima pode tentar excitá-las criando toda espécie de fantasias em suas mentes. É como se a anima reconhecesse a incapacidade e o adormecimento do homem na área dos relacionamentos pessoais e do amor, e decidisse apagar essa mancha ou eliminar essa falha. Ou também pode ser que um homem ou uma mulher esteja casado com a pessoa errada, que não queira ou não tenha capacidade para enfrentar esse fato, mas se sinta inclinada a examinar o seu relacionamento primário com mais honestidade, consentindo na intromissão dentro da consciência dc fantasias inspiradas pela anima ou pelo animus e relativas a outras pessoas.

Por exemplo, um homem veio procurar a terapia porque havia sido impotente com sua mulher durante vários anos. Ele também se mostrava perturbado por causa de suas fantasias eróticas referentes a outra mulher. Depois de haver falado durante algumas horas, ficou claro para ele que simplesmente ele não *gostava* de sua mulher. O problema não era amá-la ou não amá-la, ele não *gostava* dela e realmente não queria ficar com ela. Foi a primeira vez que ele se permitiu encarar esse fato. Depois de encará-lo honestamente, procurou outra mulher e imediatamente sua impotência desapareceu. Era como se seu pênis não mentisse; durante todo esse tempo, ele lhe estava dizendo simplesmente que ele não queria a mulher com quem se havia casado.

Evidentemente, esse homem teve que passar por horrores de todo tipo para se separar da mulher, e teve de suportar um certo peso de culpa porque, como já era de esperar, sua mulher se sentiu indesejada e rejeitada. Não há soluções simples para os problemas de amor na vida, e todo relacionamento de amor exige um preço de nós.

Há chances, porém, de que o aparecimento da anima ou do animus numa forma projetada constitua simplesmente um esforço por parte dessas figuras interiores para chamar a nossa atenção, da maneira como já mostramos. Deve ser feita, portanto, uma tentativa no sentido de desviar a projeção, isto é, de compreender que a atração ou o fascínio que sentimos por uma outra pessoa provém do conteúdo psíquico projetado dentro de nós. Dessa maneira, podemos começar a nos relacionar com a imagem numinosa da anima ou do animus como com um fator interior da nossa própria psique, e, assim, começamos a atingir aquele relacionamento vital com o inconsciente que representa um grande auxílio no nosso processo de individuação. Naturalmente, como já observamos no primeiro capítulo, as projeções nunca podem ser completamente afastadas, pois escapam do nosso controle consciente; também nunca podemos ficar tão conscientes das imagens interiores da anima ou do animus, de modo que as projeções não ocorram. Afastar as projeções não significa que elas nunca mais ocorram, mas que conseguimos compreendê-las e considerá-las como imagens existentes dentro de nós, quando elas entram em ação.

Um exemplo especial de projeção da anima na psicologia masculina provém do problema da "dupla anima". A anima muitas vezes emerge na psicologia de um homem como uma figura dupla. A primeira imagem da anima pode impelir um homem para a mulher, para a família e para o lar. A segunda imagem da anima impele o homem para um mundo de experiências ou de imagens emocionantemente marcantes, situadas fora do padrão mulher-filhos-lar. (Podemos chamar uma imagem de en-

dógama e a outra de exógama). Muitos homens inicialmente seguem a primeira imagem da anima e procuram aproveitar os prazeres e as satisfações da vida de família, descobrindo, somente depois, que sua consciência está começando a ser impelida pela segunda imagem da anima, porque o efeito da anima é sempre o de "excitar" a consciência do homem para a busca de uma vida maior. É como se a segunda imagem aparecesse para despertar o homem e levá-lo a procurar um melhor desenvolvimento interior, ou induzi-lo a experiências mais vivas. Ela serve para evitar que seu eros se torne passivo demais, seu estado de espírito demasiadamente satisfeito, confortável e, eventualmente, estagnado. Em resumo, ela traz uma chama de fogo à vida do homem, e acrescenta cor à sua personalidade.

Quando tais enredos da anima se desenvolvem em um homem, não existem regras sobre o modo de proceder. A teologia pode tentar estabelecer princípios gerais para reger a vida de amor da humanidade, mas a psicologia não pode fazer o mesmo, porque os problemas do eros só permitem soluções individuais. Cada homem deve encontrar o seu próprio caminho através do labirinto de relacionamentos, emoções, anseios e complicações que a emergência da dupla imagem da anima sempre acarreta.

Pode haver alguns homens que necessitem de experiências concretas com mulheres, a fim de realizar suas próprias emoções e de começar a compreender o que as mulheres significam para eles. Isto pode ser particularmente verdadeiro para um homem que não tenha tido suficiente experiência em matéria de mulheres, de amor e de relacionamento; que tenha, por assim dizer, uma "vida não-vivida" nesta área.

Um homem que é "apanhado" pela anima e arremessado por ela em direção a um relacionamento com outra mulher, terá de levar em conta seu relacionamento primário. Muitos homens, desrespeitando a lealdade e o amor por suas mulheres, de modo absolutamente corre-

to (para eles), recusam-se a manter relacionamento com outra mulher. Alguns homens, porém, mantêm tal relacionamento, mas conservam-no como um segredo, dizendo a si mesmos que não desejam ferir suas mulheres e que aquilo que suas parceiras não conhecem não irá magoá-las. Geralmente, a verdade é que eles não querem passar pelas dificuldades emocionais de falar com suas mulheres sobre o dilema que estão enfrentando e sobre o que estão fazendo. A maioria dos homens não gosta de cenas emocionais desagradáveis e, de maneira muito compreensível, suas mulheres muito provavelmente hão de ficar magoadas, zangadas e de reagir de maneira vingativa se souberem que seus maridos estão dividindo o seu amor com outras mulheres. "O que minha mulher (ou meu marido) não sabe não a (ou o) fere", é uma frase que comumente traduz o seguinte pensamento: "Não tenho coragem de passar pelo dissabor emocional de pôr às claras coisas ocultas".

Se um relacionamento extramarital for freqüente ou durar muito tempo, a esposa será por certo atingida por ele, eventualmente, através do inconsciente, isto é, surgirão efeitos sobre a psique do parceiro no casamento, mesmo que num nível consciente tal pessoa não saiba nada do que está acontecendo. Ocasionalmente acontece, por exemplo, que uma pessoa procure a análise porque o relacionamento matrimonial está perturbado, embora ele ou ela não seja capaz de detectar o problema. Quando se tenta discutir o assunto com o companheiro, não se chega a nada. Mais tarde, geralmente, vem-se a saber que um deles esteve envolvido num relacionamento com outra pessoa por algum tempo. Então fica claro por que o parceiro no casamento agia de modo tão diferente em ocasiões diversas, por que tantas vezes havia uma espécie de segredo e por que suas discussões pareciam produzir pouco fruto. Há até casos em que uma pessoa sonha que o parceiro dele ou dela está envolvido com alguém. Naturalmente, quem sonha demonstra achar-se perturbado com isso, apesar de não saber o que fazer com o sonho, porque lhe faltam fatos conhecidos.

Por isso, durante o longo período em que relações extramatrimoniais são conservadas em segredo, elas constituem uma injustiça com a outra pessoa no casamento e, quando vêm à tona, julga-se que o prejuízo foi causado pelo cunho secreto mantido. Quem não percebeu o envolvimento do parceiro se sente ferido e diminuído e, evidentemente, a confiança entre as duas pessoas fica prejudicada e dificilmente pode ser reconstruída. Ainda: uma pessoa que ama secretamente tende a prejudicar a si mesmo ou a si mesma. O motivo é o seguinte: ele ou ela gasta energia para guardar o segredo. Os segredos são como rolhas de cortiça: só se mantêm debaixo da água sob constante pressão. Por essa razão perdemos alguma energia psíquica quando procuramos conservar oculta uma vida secreta. O homem também prejudica sua própria alma quando prejudica a mulher na vida dele porque aliena a anima. Não podemos tentar encontrar a felicidade e a plena realização às custas de outra pessoa, sem prejudicarmos nossas próprias almas no processo. Numa linguagem mais metafísica, a tentativa de encontrar a felicidade às custas dos outros desenvolve um mau "*karma*" dentro de nós, isto é, provoca uma retribuição vinda de dentro para fora.

E o que acontece com a anima que está por trás de todas estas complicações, cuja imagem projetada sobre a outra mulher envolveu o homem em fantasias, despertou seus desejos e excitou sua vida emocional insatisfeita? Muitas vezes parece que ela não quer incomodar-se com as dificuldades que está criando. Como Afrodite, seu objetivo é que homens e mulheres se amem e sejam amados, e ela não se interessa pela felicidade humana. Assim sendo, surge para o homem a seguinte dificuldade: os relacionamentos humanos, que exigem uma atitude ética e moral e que, para seu sucesso contínuo requerem qualidades de integridade e de bom desempenho, se vêem altamente perturbados por uma anima que não se interessa por essas coisas, contanto que consiga excitar mais vida. Entretanto, não é verdade que Afro-

dite não tenha moralidade alguma, porque seu código moral se estende a todos os assuntos referentes ao relacionamento. Durante um período longo quando o homem é infiel em questões de amor e de relacionamento, a deusa existente dentro dele se volta contra ele querendo vingar-se e exige uma retribuição sob uma forma que se chamou de "justiça feminina".

Como Marie-Louise von Franz salientou,³ existe uma justiça feminina bem como uma justiça masculina. A justiça masculina é impessoal e objetiva. Está inserida em nosso código legal e em nosso sistema penal, reclama uma aplicação imparcial e uniforme da justiça tal como o faz a sociedade, por várias ofensas, sem levar em conta considerações individuais. A justiça feminina, por sua vez, é a justiça da natureza. É pessoal e adaptada às circunstâncias particulares.

Um exemplo de justiça feminina é a estória de uma mulher que anunciou a venda de um novo modelo de Porsche pelo preço ridiculamente baixo de 75 dólares.⁴ Um homem leu o anúncio e entrou em contato com a mulher. "Tenho somente um cheque" — contam que ele disse a ela. "Está ótimo" — respondeu a mulher. Admirado e deliciado com a sua sorte, o homem deu-lhe o cheque e saiu com o Porsche; sua consciência, porém, começou a perturbá-lo e ele voltou a procurar a mulher para dizer-lhe: "A senhora sabe qual é o valor deste carro?" "Oh, claro que sei" — respondeu ela. "Então, por que está a senhora vendendo-o para mim somente por 75 dólares?" "Bem — replicou ela —; o problema é o seguinte: ontem meu marido viajou para a Europa com a sua amante e me disse: 'Venda o Porsche por favor e mande-me o cheque'". Esta é a justiça feminina. A essência dela? Seu marido recebeu *exatamente o que merecia*.

3 Von Franz, *Feminine in Fairy Tales*, pp. 33-34.

4 Este caso foi-me contado por pessoas que o ouviram pelo rádio e leram nos jornais. As citações podem não ser exatas. Tendo acontecido realmente ou não, ele ilustra o que a justiça feminina significa.

A justiça feminina prevalece em questões de relacionamento humano, e também na questão do nosso relacionamento com o inconsciente e com a natureza. Se alienarmos o inconsciente, se prejudicarmos ou ignorarmos as leis e as exigências da Natureza-Mãe, receberemos o que merecermos. Isto é, haverá a aplicação de um castigo que estará exatamente adequado às circunstâncias individuais. Assim, se abusarmos de nossos corpos, pagaremos o preço apropriado; quando contaminarmos a terra, o ar e o mar, a natureza aplica-nos um justo castigo, como se estivéssemos começando a compreender as coisas. Quando desprezamos o inconsciente, a justiça é feita dentro de nós por todas as forças interiores que ofendemos, e, se formos falsos em nossos relacionamentos, teremos de pagar um preço de alguma espécie.

Discuti o problema da dupla imagem da anima no homem, mas a mulher também tem uma dupla imagem do animus, como Robert Johnson mostrou no seu estudo da estória hindu "The Transposed Heads".⁵ Quando o animus emerge como uma dupla imagem, um homem pode carregar parte do animus de uma mulher, e outro homem carregar a segunda parte. Pelo fato de essas imagens do animus se projetarem, a mulher se sente dividida entre os dois homens, pois experimenta uma parte diferente de si mesma entrando em ação quando ela se relaciona com cada um dos dois homens. Naturalmente, ela terá grande dificuldade para escolher entre os dois, pois, enquanto ela não for capaz de retirar as partes da sua psique que foram projetadas, há de sentir-se compulsoriamente relacionada com ambos e achará igualmente difícil desistir de um deles, assim como teria grande dificuldade em renunciar ao seu braço direito ou ao esquerdo. Sua dificuldade pode ser resolvida, entretanto, quando ela afasta as projeções tomando consciência delas e ainda quando o relacionamento pessoal, di-

5 De uma palestra com este título feita por Robert Johnson em 1979 para os amigos de Jung. Difundida pelos amigos de Jung através da Friends of Jung Tape Library, P. O. Box 33114, San Diego, Califórnia, 92103.

ferenciado do relacionamento gerado pelas projeções, começa a se desenvolver mais intensamente com um homem do que com o outro.

É muito natural para uma jovem experimentar primeiro sua personalidade mediante relacionamentos com diversos homens. Uma jovem foi-me mandada por seus pais para aconselhamento, porque ela passava muito rapidamente de um caso de amor superficial para outro. E era verdade que ela tinha um número assustador de homens diferentes em sua vida: estudantes, marinheiros, homens mais velhos, homens jovens, homens brancos, homens pretos — parecia não haver explicação nem razão para isso. Era como se uma faceta diferente de sua personalidade emergisse em cada relacionamento. Eventualmente, porém, ela teve de fazer uma escolha, casou-se com um dos homens e viveu uma vida monogâmica. Foi importante para essa jovem passar por essa fase de seu desenvolvimento. Em alguns casos, quando uma mulher se casa muito jovem, a necessidade de tais experiências pode não ter aparecido. Se fantasias românticas não tiverem sido adequadamente vividas na juventude e se houver elementos de imaturidade emocional, uma vida não vivida pode emergir à consciência posteriormente e perturbar o casamento.

Muitas pessoas acham que a monogamia é mais natural para as mulheres do que para os homens. Pode ser. Mas também pode ser que as mulheres, em geral, se relacionem mais pessoalmente do que os homens. Isto é, uma mulher que decidiu quem vai ser "o seu homem" tem menor probabilidade de se desviar para outros relacionamentos, induzida pelas suas fantasias, do que um homem cuja capacidade para o relacionamento pessoal não está bem desenvolvida. Evidentemente trata-se de uma generalização e, às vezes, pode ser o homem quem tenha maior capacidade para relacionamento pessoal do que a mulher e que seja, justamente por isso, mais resistente diante de fantasias sedutoras sobre outras pessoas.

No entanto, quando a energia de uma mulher é dirigida para relacionamentos pessoais e principalmente pa-

ra formar uma família, suas tendências monogâmicas podem prevalecer. Desde que tal mulher tenha aceitado emocionalmente um homem como seu parceiro, ela tende a excluir outros homens de sua vida emocional, assim como o óvulo que, depois de haver aceitado um espermatozóide, repele os outros espermatozóides. Em nossa época atual, a tendência monogâmica entre mulheres não parece ser tão grande quanto o era anteriormente — pelo menos muitas mulheres declaram hoje em dia que conseguem ter mais de um homem em suas vidas ao mesmo tempo. Os homens sempre foram considerados mais poligâmicos por natureza e, em nossa cultura, podem ter que sacrificar um pouco dessa tendência a fim de sustentar um casamento monogâmico, mas isso também é uma generalização e existem certamente muitos homens cujas vidas emocionais giram em torno de uma, e somente de uma mulher.

Pouco importa saber se é o homem ou a mulher; a coisa mais importante consiste em lembrar que, quando a anima ou o animus excitam nossos pensamentos eróticos, é sinal de que a força existente por trás deles vai ser o guia do inconsciente no relacionamento com o inconsciente. A união da personalidade é representada, no conjunto de imagens do inconsciente, por um grande caso de amor. Os opostos dentro de nós se acham tão afastados entre si, que somente a grande força unificadora do eros consegue reuni-los. Este pode ser chamado de denominador comum, de fato psicológico básico, em todos os casos de amor, e, para a pessoa que deseja atingir a integridade, ele é o grande fator subjacente que nunca pode ser esquecido ou minimizado.

Depois do que dissemos, fica claro que as fantasias e os desejos sexuais estão intimamente ligados ao processo psicológico interior. Uma palavra sobre o significado simbólico de tais fantasias é oportuna a esta altura.

Como regra básica, podemos dizer que aquilo que nos inquieta sexualmente é uma representação simbólica do que necessitamos para atingir a nossa inteireza, o

nosso todo. Isto significa que as fantasias sexuais complementam simbolicamente a consciência do ego, de maneira a nos colocar na direção de nossa plenitude. Compreender o sentido simbólico de nossas fantasias sexuais capacita-nos a nos tornarmos menos impulsivos em relação a elas, isto é, em vez de sermos dirigidos e possuídos por elas, nosso grau de consciência pode ser ampliado por elas.

O exemplo mais freqüente de como um anseio sexual representa o que é necessário para fazer-nos chegar à plenitude é o desejo sexual de um homem por uma mulher, e o de uma mulher por um homem. As imagens de uma mulher aparecem nas fantasias sexuais de um homem porque ela representa a metade que está faltando para ele, o outro lado de sua personalidade, com o qual ele precisa relacionar-se se ele quiser ser completo, e vice-versa com uma mulher. Evidentemente, isto não quer dizer que tal afirmação constitua *tudo* o que os desejos sexuais significam. Há sempre o desejo de relaxamento físico de tensão, de um encontro corpo a corpo, e de união e intimidade com outra pessoa, que a sexualidade realiza e expressa. Mas devemos dizer que, além destes aspectos da sexualidade, existe ainda um sentido espiritual ou psicológico.

As fantasias sexuais são geralmente complexas. Nós não desejamos simplesmente um homem ou uma mulher, mas alimentamos fantasias sobre o objeto de nosso desejo de maneira particular. Pode haver todas as espécies de estórias românticas que acompanhem nossos desejos, ou podem ocorrer fantasias de sedução ou de rapto. As possibilidades de fantasias sexuais são inúmeras e é muito natural que as pessoas tenham fantasias sexuais fortemente coloridas. Se o conteúdo de tais fantasias se tornar demasiadamente incomuns, nós o chamaremos de "perversões", mas será muito mau se isso nos levar a perder o controle deles; pelo contrário, precisamos compreender por que motivo temos esta fantasia sexual específica, isto é, compreender o que a fantasia simbolicamente exprime.

Edward C. Whitmont, no seu livro *The Symbolic Quest*,⁶ dá-nos um exemplo de como uma fantasia sexual incomum de um homem representava simbolicamente, de maneira exata, as mudanças necessárias para a pessoa tornar-se mais completa. Whitmont tinha um cliente que veio procurá-lo por sentir-se incapaz de ter relações sexuais com uma mulher enquanto não beijasse primeiro os pés dela. Naturalmente, essa fantasia sexual o perturbava e ele se via como um pervertido de alguma forma. A análise revelou que esse homem geralmente se identificava com seu intelecto e se considerava superior às mulheres; por causa disto, ele desvalorizava o lado feminino de si mesmo e da vida e cultivava uma masculinidade arrogante. No ato de beijar o pé de uma mulher, ele se via obrigado, simbolicamente, a abaixar a cabeça. Suas fantasias e desejos sexuais assim forçaavam o homem a fazer simbolicamente o que ele devia realizar psicologicamente, a fim de se tornar uma pessoa mais completa: sacrificar o domínio do seu intelecto, renunciar à sua arrogância masculina e, por assim dizer, venerar o que até então desvalorizara. Enquanto ele não compreendeu o significado de suas fantasias sexuais, o cliente de Whitmont era simplesmente tomado por elas compulsoriamente e levado a pô-las em prática. Quando começou a compreender o que suas fantasias significavam e por que elas lhe ocorriam, ele foi levado a uma mudança de consciência e foi ficando mais livre para amar e relacionar-se no amor e mais completo como pessoa. Poder-se-ia dizer que sua fantasia sexual chegou a curá-lo de uma desadaptação de consciência. A fantasia sexual não era uma doença; ele estava unilateralizado e desequilibrado em seu desenvolvimento, e a fantasia sexual foi provocada pelo inconsciente para corrigir isto.

Adolf Guggenbuhl-Craig dá-nos um outro exemplo.⁷ Um estudante, que foi cliente dele, criou problemas com

6 Edward C. Whitmont, *The Symbolic Quest*, Princeton University Press, Princeton, N. J., edição de 1978, pp. 20-23.

7 Guggenbuhl-Craig, *Marriage*, p. 84.

a polícia por causa de uma compulsão sexual que o levava a furtar roupas femininas. Um dia, conta Guggen-buhl-Craig, seu cliente chegou a ele triunfante e leu-lhe um trecho do poema de Goethe *Fausto*, em que Fausto encontra a belíssima Helena: Fausto, depois de uma longa busca, finalmente encontra este ser feminino mais belo do mundo, somente para vê-la desaparecer, deixando Fausto de pé no lugar onde se achava, com o vestido e o véu dela nas mãos dele. O jovem tirou como conclusão dessa estória que ele fora arrebatado por uma visão da beleza da imagem feminina eterna, que era simbolizada pelas roupas femininas que ocupavam tanto seus pensamentos sexuais. O objeto do seu desejo, em resumo, não era a mulher como tal, mas o que a mulher simbolizava para ele: o feminino eterno com toda a sua majestade e numinosidade. Como Fausto, ele tivera em algum lugar uma visão disso, mas fora deixado somente com o símbolo do vestido em suas mãos.

Uma outra fantasia sexual comum entre os homens que entram na meia-idade é a fantasia de ter encontros e relacionamentos sexuais com uma mulher bem mais moça. Sob vários aspectos, evidentemente, o sentido de tais fantasias é óbvio, já que se supõe que as mulheres mais jovens sejam fisicamente mais atraentes. Mas, a um nível mais profundo, tais desejos exprimem a dificuldade que o homem sente em aceitar o fato de que está envelhecendo, seu anseio de agarrar-se à vida e retardar o avanço dos anos, e, no seu nível mais profundo, sua sede de renovação da sua consciência e de vida imortal. O último desejo não pode ser satisfeito através de nenhum relacionamento sexual — é lógico —, porém pode ser satisfeito mediante um contato com o inconsciente propiciado pela anima, isto é, através da individuação. Tal fantasia, pois, expressa tanto um desejo físico quanto uma necessidade religiosa.

Fantasias como estas são totalmente impessoais; agem dentro de nós independentemente de qualquer relacionamento pessoal ou sentimental com algum indivíduo particular. Elas constituem uma espécie de sexua-

lidade impessoal, que poderia estar ou não ligada a um amor e sentimento pessoais por um parceiro sexual. Principalmente os homens parecem inclinados a separar sua vida sexual de seus sentimentos pessoais, ao passo que as mulheres têm maior probabilidade de notar que não conseguem fazer isto, que seus sentimentos sexuais, embora quase sempre tão intensos ou até mais intensos do que os do homem, são mais românticos e mais pessoalmente orientados para uma pessoa particular, com quem se sentem unidas.

Foi por causa do grau tão grande de significado simbólico nas fantasias sexuais que Adolf Guggenbuhl-Craig se referiu a elas como sendo "fantasias de individuação". No seu livro ele diz: "A sexualidade, com todas as suas variantes, pode ser entendida como uma fantasia de individuação, uma fantasia cujos símbolos são tão vivos e eficientes, que até influenciam a nossa fisiologia,... nossa vida sexual; sobretudo por se mostrar sob a forma de fantasia, constitui um processo intensivo de individuação por meio de símbolos. Esta forma do processo deve ser respeitada e reconhecida". Ele prossegue argumentando que as fantasias sexuais, que parecem desviar-se da "norma", não deveriam ser patologizadas. "As fantasias sexuais da maioria dos homens e mulheres são mais selvagens e mais bizarras do que a vida sexual real tal como é vivida. Infelizmente, a análise e os psicólogos muitas vezes reagem diante de tais fantasias de maneira condescendente, considerando-as patológicas. O comentário sobre uma fantasia particularmente viva e incomum de um paciente deveria ser a seguinte: 'este jovem — ou esta jovem — ainda não é capaz de relacionamento. Ele ou ela ainda permanece inteiramente vítima de seu instinto sexual não-humano' ".⁸ Esta atitude desconcertante por parte dos terapeutas diante das fantasias sexuais simplesmente gera sentimento de culpa, inibições e isolamento, e impede o paciente de investigar mais abertamente importantes processos psicológicos.

8 *Ibid.*, pp. 82-83.

cos. Esta atitude negativa provém, pelo menos em parte, de Freud, que encarava todos os desejos sexuais, com exceção do mais "normal", como sintomas de mau desenvolvimento. De um modo geral, os terapeutas estão mudando para uma atitude muito mais receptiva, que considera uma série de fantasias sexuais como naturais e que tenta reduzir o sentimento de culpa em relação a elas, embora o deixar de lado as fantasias sexuais seja evidentemente outro problema. No entanto, existe muito pouca compreensão entre os terapeutas de hoje a respeito do significado simbólico de tais fantasias, mesmo entre os que se orientam de modo mais progressista do que os psiquiatras do velho estilo.

O que fazer com a energia sexual despertada pelas nossas fantasias é, logicamente, um problema difícil. Quando, onde e como a vida sexual deveria ser vivida sempre constituiu um problema moral e sexual de grande complexidade, e as diferentes culturas adotaram atitudes diferentes em relação a ele.

A cultura cristã em geral tem sido excessivamente restritiva em face do impulso sexual, como poderemos ver depois com mais detalhes. Por causa disso, uma situação peculiar tem existido em nossa cultura: tendemos a incutir nas crianças o sentimento de que a sexualidade é má, embora, ao mesmo tempo, procuremos dar aos jovens todas as oportunidades para fazer experiências com esse instinto fascinante. Todo psicoterapeuta ouve histórias sobre as experiências sexuais da infância de seus clientes ou de suas clientes, experiências envolvidas num véu de segredo e de culpa, que a criança mantém escondidas dos pais por medo de castigo ou por um sentimento vago, porém forte de haver feito alguma coisa errada. O resultado é que uma porção de culpas tende a ser associada ao sexo, o que prejudica a vida instintiva. Contrastando com tal quadro, a cultura indígena americana inverteu isso. Na cultura indígena, a sexualidade era encarada como uma coisa natural e inocente, mas, ao mesmo tempo, os jovens eram cui-

dadosamente vigiados, para se ter a certeza de que ela não se expressaria antes da época adequada. Não há dúvida de que muitos danos psicológicos foram evitados desta maneira. No momento atual na nossa cultura, o quadro está mudando. As restrições cristãs estão cedendo lugar à licenciosidade; onde antes havia restrições em demasia, agora não existe absolutamente nenhuma. Poder-se-ia dizer que a prisão de ventre deu lugar à diarréia; mas nunca se soube que uma servisse de cura para a outra. Uma expressão demasiadamente direta da vida sexual, sem atenção aos elementos de romance, de relacionamento pessoal e de compreensão psicológica do seu significado, prejudica a vida espiritual tanto quanto restrições em número exagerado prejudicam a vida instintiva. As duas, logicamente, se afetam reciprocamente. Uma pessoa, cuja vida instintiva se acha prejudicada, sofrerá, mais cedo ou mais tarde, de uma atrofia da vida espiritual; e o dano causado à vida espiritual, mais cedo ou mais tarde, acarretará uma vida instintiva desgastada, com perda de seu dinamismo. De fato, às vezes os homens acabam ficando impotentes quando continuam a viver uma sexualidade desregrada depois de haver chegado para eles a época de sacrificar alguns dos seus desejos sexuais em benefício de um nível diferente de consciência. Porque a realidade sensual e a espiritual não são realidades diferentes; ambas encarnam o mesmo mistério. A vida do espírito bem pode ser intensificada pela expressão física da sexualidade; muitas pessoas precisam encontrar e expressar a chama do espírito através da sensualidade e de outras expressões físicas de seus corpos, como, por exemplo, a dança. De outro lado, a tensão sexual e a qualidade da vida sexual podem ser melhoradas aliando-se o instinto físico ao desenvolvimento espiritual da consciência.

Se as fantasias sexuais se tornarem compulsivas ou se o vivê-las concretamente representar algo pernicioso para nossos relacionamentos pessoais importantes, poderemos precisar de fazer esforços especiais para levar

a energia de tais fantasias a um nível mais alto de consciência de um modo especial. É aí que necessitamos da psicologia para nos ajudar a compreender o sentido simbólico que elas têm. A imaginação ativa, tal como descrita no apêndice deste livro, também pode ser particularmente útil nessa tarefa.

Um exemplo especial de fantasia de vida sexual reside na área do homossexualismo masculino,⁹ e, como o homossexualismo é muito freqüente entre homens, tais fantasias merecem alguns comentários particulares.

Para começar diremos que falar de homossexualismo como se se tratasse de um fenômeno uniforme é um erro, pois existem muitas expressões da sexualidade masculina que chamamos de homossexuais e que na realidade são acentuadamente diversas entre si. Em geral, referimo-nos ao homossexualismo sempre que um homem sente um desejo sexual erótico por outro homem, ou pelo órgão masculino. No entanto, tais desejos podem assumir formas bastante variadas. Alguns homens são exclusivamente homossexuais e só têm relações íntimas com outros homens. Outros, porém, casam-se, têm filhos e desenvolvem uma vida heterossexual satisfatória, embora de vez em quando se sintam perturbados com o que parece ser o desejo de uma experiência homossexual.

No último caso, muitas vezes encontramos um homem de meia-idade ou mais velho que se apaixona por um homem mais jovem, que possui os atributos de um jovem Adônis. O jovem que é alvo do amor do homem mais velho parece encarnar em si tanto virtudes masculinas quanto femininas. Tipicamente ele tem um corpo forte e viril, mas igualmente possui certos atributos e dotes femininos que lhe dão uma qualidade bela e

⁹ Vou restringir minhas observações ao homossexualismo masculino, porque acho não ter conhecimento suficiente para me aventurar a abordar o assunto do homossexualismo entre as mulheres.

juvenil; ele lembra o jovem Davi, um Antínoo,¹⁰ ou um jovem deus, mais do que uma pessoa unilateralmente masculina. Tal jovem recebe a projeção do Si-mesmo, a imagem da plenitude na psique do homem mais velho. A maioria dos homens, como vimos, projetam a metade que lhes falta, o elemento feminino, numa mulher. O homem, então, representa o lado masculino, e a mulher o lado feminino, de uma totalidade masculino-feminina. No caso que estamos considerando, porém, a totalidade é representada pelo jovem, que parece incluir em si tanto o lado masculino quanto o feminino. Esse jovem na realidade não é essa pessoa completa; ele simplesmente é portador da projeção da alma androgina do homem mais velho. De fato, quando as duas pessoas conseguirem conhecer-se como seres humanos, poderão ficar profundamente desapontadas uma com a outra.

Assim, existem alguns homens cujo outro lado — aquele que representa a plenitude para eles —, não é representado por uma mulher, porém, por essa figura do jovem androgino e divino. Marie-Louise von Franz escreve: "Existe a mesma idéia no ensinamento persa que diz que, depois da morte, o homem nobre encontra ou um jovem que se parece exatamente com ele, ... ou uma menina de uns quinze anos, ... e, se ele perguntar à figura quem ela é, esta dirá: 'Eu sou o teu próprio Si-mesmo'".¹¹

Um bom exemplo dessa espécie de desejo homerotíco encontra-se no pequeno romance de Thomas Mann *Morte em Veneza*. O autor Mann conta a respeito do idoso Aschenbach, que se apaixonou pelo jovem Tazio: "Seus olhos mergulharam no orgulhoso porte dessa figura como se mergulhassem nas águas azuis da ponte; com o ímpeto de um êxtase ele disse a si mesmo que o que ele via era a própria essência da beleza; a forma

10 O jovem amante do imperador romano Adriano. Ver Marguerite Yourcenar, *Memoirs of Hadrian*, Farrar, Strauss and Co., Nova Iorque, 1963.

11 Marie-Louise von Franz, *Puer Aeternus*, Spring Publications, Zurique, 1970, p. IX-17.

era como o pensamento divino, a perfeição única e pura que reside na mente; sua imagem e semelhança, raras e sagradas, ali se erguiam para a adoração".¹²

Uma tal projeção do Si-mesmo sobre um jovem é possível porque a imagem do Si-mesmo é tipicamente representada por outro homem, ou mais velho ou mais moço, como Marie-Louise von Franz salientou em seu livro *The Feminine in Fairy Tales*.¹³ Isso nos ajuda a compreender o forte laço que, às vezes surge entre um homem mais jovem e um mais velho. Para o jovem, o Si-mesmo está colocado no homem mais velho, que representa o pai, a força e a autoridade positivos do Si-mesmo. Para o homem mais velho, o Si-mesmo está colocado no jovem, que representa o filho, o eros e o aspecto eternamente jovem do Si-mesmo. Por serem tais projeções tão numinosas e o anseio de um relacionamento com o Si-mesmo tão grande, o laço entre eles fica imediatamente colorido de sexualidade, transformando-se no que pensamos constituir um relacionamento homossexual. Na verdade, o relacionamento tende a tornar-se sexual, mas em seu cerne o que existe é o desejo de plenitude, e a energia que sustenta o relacionamento é propiciada pela necessidade profunda que cada um dos homens tem de integrar em si mesmo o que o outro representa.

Como vimos, tendemos a desejar sexualmente algo que nos está faltando em nosso desenvolvimento consciente. No caso do velho que deseja o jovem, geralmente encontramos uma pessoa que esteve demasiadamente ligada ao arquétipo do *senex*, isto é, por demais rígido, velho, exageradamente apegado ao poder de dirigir, ou intelectual demais. Assim, o anseio se volta para o eros, para a juventude plena e eterna, em suma, para o espírito, sob a forma de uma figura simbólica que compense

12 Thomas Mann, *Death in Venice*, Random House, Nova Iorque, 1936. p. 44.

13 Pp. 151-152. Numa mulher, uma mulher mais idosa ou mais jovem poderia receber a projeção da imagem do Si-mesmo.

o consciente unilateral do homem e que se ofereça para trazer o êxtase da totalidade.

Em outros tipos de homossexualismo, o objeto do desejo sexual não pode ser outro homem como tal, mas antes o anseio de contato com o órgão masculino. Mais uma vez temos de dizer que isso pode ocorrer com um homem casado, ou com um que tenha uma vida heterossexual de algum modo normal, nos quais este desejo homoerótico surge de tempos em tempos. Muitas vezes tal desejo representa simbolicamente uma necessidade profunda de ligação com o Si-mesmo, representado pelo falo, símbolo do espírito criativo masculino. Um tal desejo muitas vezes se introduz na consciência de um homem, quando ele se sente particularmente exausto ou fragmentado, e precisa da cura ou da sintetização do seu ego através do contato com o Si-mesmo. Ele pode ocorrer também como uma compensação por se haver exposto exageradamente à mulher, tanto à mulher interior quanto à mulher exterior, porque o homem considera a mulher perigosa e, a fim de manter o seu relacionamento com ela, ele precisa de vez em quando renovar e consolidar sua masculinidade.

É muito comum encontrar no meio de todos esses homens que descrevemos um problema de amor de grande duração. Não raro, houve muito pouco amor entre a mãe e o filho, ou existiu o tipo errado de amor possessivo e envolvente. De igual importância, porém, pode ser a falta de amor do pai. Há uma época na vida de um menino em que ele necessita e implora o amor de seu pai, inclusive expressões físicas da afeição do pai por ele. No tipo de desejo homoerótico que descrevemos, geralmente houve falta de tais expressões de amor entre o menino e seu pai. Ou o pai faltava — estava ausente —, ou não era capaz de dar essa espécie de amor, ou odiava e rejeitava o menino, ou mostrava-se um homem tão fraco que o seu amor não tinha valor. Essas necessidades insatisfeitas na área da afeição masculina criam uma insegurança no desenvolvimento do ego do menino a respeito de sua própria masculinidade, pois a

identificação masculina num menino se desenvolve parcialmente como resultado da identificação do menino com seu pai e com o sentimento, daí decorrente, de que ele se acha incluído no mundo dos homens como um homem entre os homens.

Essa necessidade será particularmente grande se o animus da mãe se dirigir para o menino de maneira tal que lhe prejudique ou impeça o desabrochar do seu lado masculino primitivo. Como o salientou Marie-Louise von Franz,¹⁴ no esforço de socializar o menino, a mulher pode consentir que o seu animus perturbe e atrase exageradamente o desabrochar da masculinidade do filho, o tipo de masculinidade que traz sujeira para casa, que usa palavrões, que ainda frango quer cantar como galo. Essas manifestações de vulgaridade infantil e pueril são, naturalmente, difíceis para a mãe aceitar num nível social, embora elas contenham as sementes de uma evolução masculina positiva posterior. Inúmeras vezes o animus da mãe reprime esses sinais de masculinidade no menino de modo exagerado e, principalmente em se tratando de um menino sensível, ele pode perder o contato com esse lado de si mesmo em consequência da atitude materna. Uma educação religiosa extremamente rigorosa pode reforçar tal processo, acentuando demasia-damente os valores da bondade, do perdão etc., quando o menino ainda não conseguiu ter confiança nas suas proezas e nos seus brios masculinos que começam a desabrochar.

Quando isso acontece, as necessidades insatisfeitas de um primitivo desenvolvimento masculino por parte do jovem e o desejo também insatisfeito da afeição de seu pai que lhe faltou podem refletir-se em desejos sexualizados de intimidade com outras pessoas do mesmo sexo. As mulheres, por outro lado, são evitadas, pelo fato de que o homem tem medo da força sexual da mulher, de sua emotionalidade e de seu animus, o qual só

14 Marie-Louise von Franz, *A Psychological Interpretation of The Golden Ass of Apuleius*. Spring Publications, Zurique, 1970, pp. XIII-10ss e II-3ss. Cf. *Puer Aeternus*.

pode ser superado quando o homem adquire suficiente confiança no seu lado masculino instintivo e terreno.

É por isso que, nas culturas primitivas, os jovens que chegam à puberdade são iniciados pelos homens num mundo exclusivamente masculino por meio de experiências de força e de ritos secretos. As mulheres são proibidas de presenciar esses ritos masculinos, talvez não só porque elas podem sentir-se um pouco influenciadas, mas também porque podem rir, e isso haveria de ferir a auto-estima masculina que o menino ou jovem precisam tanto construir. Além dos treinos de força e de resistência à dor, que tais ritos contêm e que servem para fortalecer o ego do menino, há a transmissão para o jovem da doutrina espiritual da tribo que passa dos mais velhos para os mais novos. Assim, o menino chega à posse de segredos conhecidos somente pelos homens (uma doutrina análoga é passada das mulheres mais velhas para as mais novas na iniciação feminina). Somente depois que o jovem é adequadamente iniciado nesse mundo todo masculino, fica ele pronto para entrar em contato com o mundo, fascinante mas perigoso, das mulheres. Nossas culturas atuais não se preocupam com essa espécie de iniciação ritual, e boa parte do que chamamos de homossexualismo representa uma tentativa de satisfazer a necessidade psicológica que não foi preenchida por essa omissão.

Estivemos considerando tipos de homossexualismo que parecem representar um desenvolvimento masculino incompleto, ou que surgem da projeção da imagem da alma numa forma androgina. Entretanto, existem outros tipos de homossexualismo em que a anima parece desempenhar o papel dominante, por dar a impressão de que tem um controle mais ou menos completo sobre o ego do homem. Em tais casos, as qualidades da anima se homogêinizam, por assim dizer, com as qualidades do ego masculino e produzem um tipo de ego masculino efeminado. Isso leva ao que deveríamos chamar de homossexualismo clássico. Enquanto que geralmente o homem identifica seu ego com masculinidade,

ou tenta fazê-lo, esse tipo de homem recusou-se a ou foi incapaz de realizar uma tal identificação masculina, e sua estrutura do ego possui, como resultado, um cunho hermafrodítico. Na psicologia do seu ego, consequentemente, a anima desempenha um papel dominante. Em tais condições, os relacionamentos heterossexuais estão fora de questão, porque os opositos não podem relacionar-se nem unir-se enquanto antes não tiverem sido separados e distinguidos um do outro. Os relacionamentos homossexuais, portanto, são a norma para um homem de tal tipo.

Esses homens podem ter muitas qualidades positivas. Podem ser muito sensíveis, freqüentemente têm facilidade para conversar, não raro possuem qualidades delicadas e curativas e são dotados de inclinações artísticas. Nas comunidades primitivas, muitos *xamãs* (curandeiros) eram homossexuais, e em nossos próprios dias existem alguns indivíduos com dotes de cura que demonstram a mesma disposição homossexual. No lado negativo, eles podem ser mesquinhos, inconstantes nos relacionamentos, e supersensíveis, o que muitas vezes dificulta relacionamentos íntimos e duradouros.

Os índios americanos tinham uma explicação para essa espécie de homossexualismo que julgamos tão boa quanto qualquer outra que conheçamos, embora esteja baseada e esboçada em termos mais mitológicos do que científicos. Os índios acreditavam que, durante a puberdade, a lua aparecia ao menino para oferecer-lhe um arco e uma flecha, e à menina para dar-lhe uma trouxa de roupa. Se o menino hesitasse em apanhar o arco e a flecha, a lua lhe entregava a trouxa de roupa. Esses jovens se tornavam "*berdaches*" ou homossexuais. Eles usavam uma espécie particular de veste e desempenhavam funções especiais na tribo. Por exemplo, muitas vezes eles trabalhavam no preparo de encontros e reuniões e, já que não podiam ir para a guerra como os outros jovens, tinham permissão de acompanhar os que iam para a guerra com a finalidade de cuidar dos feridos. Os homossexuais eram perfeitamente aceitos na comunidade

indígena. Não eram ridicularizados nem desprezados, mas simplesmente encarados como um tipo especial de homem.¹⁵ Em linguagem psicológica, esta era a maneira de dizer que, se um jovem não conseguia identificar-se com sua masculinidade, simbolizada pelo arco e pela flecha, ele cairia nas mãos da anima.

Há poucas demonstrações mais convincentes da realidade da anima no homem do que esses tipos de homossexualismo masculino, em que a presença da força feminina é tão evidente. Nas maneiras, no vestir, no sistema de linguagem que surge na subcultura que tais homens criam para si mesmos, inclusive nos nomes femininos adotados, eles mostram a realidade da anima a um mundo que do contrário permaneceria descrente. Pode ser que certo número de homens em cada geração sejam escolhidos, de alguma maneira, pelo inconsciente para viver a vida de uma forma tão hermafrodítica, que são destinados, como já disse Jung,¹⁶ a rejeitar a identificação com "o papel da sexualidade unilateral", como se quisessem lembrar-nos de que ninguém é exclusivamente masculino ou feminino, mas de que cada um de nós possui uma natureza androgina.

Além dos homens com tendência homoerótica ou com natureza homossexual, existem outros homens, heterossexuais, que também ficam bem perto do arquétipo feminino. Esses homens conseguiram chegar a uma identificação masculina do ego, e seus sentimentos sexuais e necessidades amorosas foram dirigidos para mulheres, mas as coisas acontecem como se o arquétipo feminino fosse numinoso de modo incomum para eles e parecesse muito grande na sua psicologia. Eles também muitas vezes são homens sensíveis com dotes curativos ou inclinações artísticas, embora a proximidade entre eles e a anima possa provocar fantasias sexuais fora do comum. Essas fantasias, como o enfatizou Guggenbuhl-Craig,¹⁷ não deveriam ser consideradas perversas, pois

15 Cf. *Indians*, Time-Life Books, Alexandria, Va., 1973, p. 129.

16 Jung, CW 9, 1, p. 71.

17 *Marriage*, p. 78.

pode evidenciar-se uma personalidade potencialmente sensível e diferenciada. O Dr. Zhivago de nossa sociedade parece necessitar de uma iniciação para compreender o sentido e o mistério do feminino em todos os seus níveis. Homens como ele, devem ser convidados a compreender as mulheres, a compreender o feminino em si mesmos, a reconhecer e dar importância aos valores femininos na vida e a fazer uma experiência pessoal e imediata com o inconsciente. Dessa maneira, eles ficam iniciados da Grande Deusa. Tal iniciação no sentido do feminino não efemina esses homens, pois, ao entenderem o feminino, eles também diferenciam o feminino de si mesmos. O ego deles continua masculino, mas é transformado por essa iniciação num estado mais diferenciado de consciência. Tais casos sugerem que a influência psicológica da anima é maior em alguns homens do que em outros. Por causa de sua numinosidade, a anima exerce uma influência profunda na psicologia de alguns homens, destinando-os a levar um tipo especial de vida que deles requer a aquisição de um autoconhecimento incomum.

É esse elemento numinoso que a anima introduz que pode entrar na sexualidade para tornar-se o laço entre sexualidade e religião. Se usássemos a linguagem dos tempos antigos, diríamos que um deus ou deusa havia entrado na situação sempre que uma atração sexual se tornasse numinosa. Na linguagem psicológica, deveríamos dizer que um arquétipo está exercendo seu fascínio sobre nós. Assim, na sexualidade não só procuramos a satisfação de necessidades físicas, o relaxamento de tensões físicas e, às vezes, intimidade psicológica com outras pessoas; nela também podemos expressar nosso anseio de êxtase, isto é, de uma ampliação da estreita consciência do ego através do contato com o divino. Se, porém, nossa consciência estiver num baixo nível, as exigências religiosas contidas na sexualidade não serão satisfeitas. O pior que pode acontecer é que, então, só teremos expressões de desejos ansiosos e egocêntricos e não a satisfação de nossa necessidade de

êxtase. Para o lado religioso da sexualidade ser satisfeito, precisamos relacionar-nos corretamente com os fatores arquetípicos nos desejos sexuais. Precisamos "prestar-lhes culto", dando-lhes uma atenção justa e consciente.

A conexão entre sexualidade e religião leva Adolf Guggenbuhl-Craig a fazer a interessante observação de que, embora Freud tentasse mostrar que a religião era uma sublimação da sexualidade, fica mais perto da verdade afirmar que a sexualidade pode ser, em seu cerne, a expressão da necessidade religiosa da humanidade, sendo que nos referimos à necessidade de êxtase e de plenitude. Ele escreve:

Freud procurou, em sua maneira específica e muito impressionante de compreender todas as chamadas atividades superiores do homem (tais como arte, religião etc.), encarando-as como uma sexualidade sublimada. Podemos tentar inverter isto e perguntar: pode a totalidade da sexualidade ser compreendida do ponto de vista da individuação, do impulso religioso? Porventura as cantigas de amor com profundo colorido sexual das freiras medievais são realmente, como Freud o queria, expressões de erotismo frustrado? Será que as inúmeras canções modernas e as canções folclóricas, que cantam sentimentalmente o amor e o abandono, têm a ver somente com a sexualidade não-vivida da adolescência? Ou são elas formas simbólicas de expressão para processos de individuação e para pesquisa religiosa?¹⁸

Enquanto muito se discutiu sobre sexualidade e fantasias sexuais, muito pouco se falou sobre o amor. Eu discuti o estar apaixonado, o apaixonar-se, mas não discuti o amor do sentido de preocupação e carinho pessoais entre uma pessoa e outra. Depois farei alguns comentários sobre o amor, mas o cerne do problema é

18 *Ibid.*, p. 80.

que o amor é um grande mistério que não é compreendido. Podemos descrever psicologicamente o que acontece quando estamos "apaixonados" e, até certo ponto, podemos compreender esse poderoso fenômeno, e ainda podemos discutir a sexualidade em suas ações objetivas e impessoais. No entanto, saber como um ser humano deveria amar verdadeiramente um outro, por que somos capazes de nos afeiçoar a uma outra pessoa até o ponto de desejarmos e estarmos dispostos a nos sacrificar por tal pessoa, é um mistério sublime. Se não discuti mais longamente o amor não foi porque ele não seja importante, mas porque ele é tão importante que tentar psicologizá-lo ou emitir pronunciamentos a respeito dele equivale a desvalorizá-lo e não a valorizá-lo. Depois de haver dito e feito tudo, depois de toda a discussão sobre o apaixonar-se, sobre sexualidade, fantasias, projeções etc., ficamos surpresos e admirados quando nos defrontamos com algo sobre o que não conhecemos praticamente nada: o amor humano.

Um outro motivo por que a natureza do amor é tão difícil de discutirmos em um livro como este reside na sua qualidade altamente individual. Inevitavelmente, nessa discussão, tive de fazer generalizações, mas a expressão do eros é, em última análise, sempre um problema individual. Como Marie-Louise von Franz mostrou certa vez, nenhum problema de amor pode ser resolvido mediante a adoção de um princípio geral. "Se existir uma solução", escrevia ela, "só poderá ser única, de indivíduo para indivíduo, de uma mulher para um homem. O eros em sua essência só tem sentido quando é completa e exclusivamente individual".¹⁹ Por essa razão, enquanto que me sinto capaz de fazer certas afirmações gerais sobre projeção, transferência, sexualidade etc., é-me impossível fazer afirmações gerais sobre o mistério do amor humano. Em última análise, os poetas e os românticos terão mais a dizer sobre o amor do que os psicólogos, porque eles exprimem o inexpressível e des-

19 Von Franz, *The Golden Ass*, p. XIII-1.

crevem pessoas individuais e seus problemas de amor, com suas soluções e seus fracassos individuais, e isto é verdadeiro tanto para a vida quanto para o eros.

Estive discutindo o arquétipo feminino na psicologia dos homens. Agora é necessário dizer algo sobre como o arquétipo feminino aparece na psicologia das mulheres de maneiras diferentes, criando, como resultado, diferentes tipos de personalidade.

Numa publicação intitulada "Structural Forms of the Feminine Psyche" (Formas estruturais da psique feminina),²⁰ a analista de Zurique Toni Wolff descreveu quatro tipos de mulheres: a *mãe*, a *hetaira*, a *amazonas* e a *medium*. Toni Wolff afirma que, embora toda mulher encarne cada um desses quatro tipos em si mesma, um ou mais deles tendem a adquirir importância primordial e essa identificação primordial confere à personalidade da mulher uma forma específica.

A mulher que se identifica mais com a *mãe* encontra sua identidade e realização máximas em alimentar a vida. Geralmente ela se sente satisfeita criando e educando os filhos e é para essa tarefa que uma mulher assim se inclinará primordialmente; quando ela se casa, os filhos tenderão a ser mais importantes para ela do que o marido. Ela tem grande valor para as pessoas porque alimenta a vida, embora exista sempre a possibilidade negativa de que, em sua necessidade de ser mãe, ela possa inconscientemente retardar o desenvolvimento dos filhos, mantendo-os apegados a ela por um período longo demais, ou ainda de que se case com um homem psicologicamente imaturo ou dependente que acabe transformando-se em mais um filho para ela.

A palavra *hetaira* refere-se a uma classe de mulheres na Grécia antiga que eram especialmente educadas para ser companheiras psicológicas para os homens. A mulher *hetaira* encontra sua identidade e sua realização

20 Edward Whitmont também possui uma boa síntese do assunto no seu livro *The Symbolic Quest*, pp. 178-181.

máximas em fazer relacionamentos com homens. Tais relações podem incluir ou não o amor sexual, mas hão de certamente incluir relacionamento psicológico em todos os níveis. Seu instinto a leva a relacionar-se com o homem e a excitar o eros dele. Os homens muitas vezes acham esse tipo de mulher bastante valioso, porque ela tem capacidade de possibilitar um desenvolvimento na área da interação pessoal e do amor que, do contrário, ficaria perdida para eles. Há sempre o perigo, porém, de que uma mulher assim não seja capaz de realizar o relacionamento por completo ou de persistir num relacionamento duradouro, passando continuamente de um homem para outro, sempre disposta a iniciar um relacionamento, porém incapaz de encará-lo em meio às vicissitudes da vida. É inútil dizer que tal mulher não tem probabilidade de ser popular junto a outras mulheres como o é junto aos homens.

O tipo *amazonas* é a mulher que encontra sua identidade e realização máximas no mundo exterior. Em nossa sociedade, isso geralmente acontece em alguns tipos de profissão ou carreira. Ela faz o que os homens fazem e, muitas vezes, mostra-se capaz, dotada de expediente, criatividade e inteligência no seu trabalho, dando importantes contribuições sociais como médica, cientista, administradora, secretária ou em qualquer outra tarefa que lhe caiba. As mulheres grandemente admiradas, sem dúvida alguma, pertencem a esse tipo, desde a rainha Elizabeth I até Susan B. Anthony. A perigosa possibilidade que se abre diante de tais mulheres é, porém, a de que podem tornar-se excessivamente masculinizadas em sua orientação e acabar perdendo o contato com sua natureza feminina.

O tipo *medium* ou mediano é mais difícil de descrevermos, porque praticamente não contamos em nossa sociedade com pessoas assim. Tais mulheres encontram sua identidade e realização primordiais no estabelecimento de um relacionamento com o inconsciente coletivo, sendo uma espécie de ponte entre o mundo do inconsciente e a comunidade humana. Tais mulheres podem ser

visionárias, místicas, psicólogas, curandeiras, poetisas ou *mediums*. Geralmente, nós as encaramos com a mesma desconfiança com que olhamos para o inconsciente. Em outras culturas, diferentes da nossa, tais mulheres poderiam ter sido sacerdotisas ou profetisas, curandeiras ou sibilas. Em nossa cultura há pouco espaço para elas e, como seus dotes psicológicos, muitas vezes consideráveis, não são utilizados e não se realizam, elas podem encontrar dificuldade de adaptação em outras vocações que gozem de maior aprovação social na vida e sentirem-se oprimidas pela proximidade do inconsciente. O tipo mediano de mulher pode dar uma grande contribuição para construir a salvação da humanidade. Joana d'Arc, por exemplo, sem dúvida possuía muita coisa do tipo mediano, como também a chamada feiticeira de Endor, que curou o rei Saul de sua falta de coragem e o estimulou a morrer como um homem e um herói.²¹ No lado negativo, a menos que seus dotes sejam equilibrados por uma certa atitude científica ou uma visão psicológica, ela pode acabar sendo vítima de inflação ou de idéias terrivelmente especulativas.

Devemos observar que a mãe e a hetaira são pessoalmente orientadas, e as pessoas e os relacionamentos são de primordial importância para elas. Os tipos amazônicas e mediana são mais impessoalmente orientadas, sendo uma impessoalmente relacionada com o mundo exterior e a outra com o mundo da psique.

Convém ainda notar que uma mulher pode satisfazer uma parte de si mesma e, mais tarde, ser orientada no sentido de realizar uma outra parte. Assim, uma mulher pode realizar-se primeiro como mãe; depois descobrir a hetaira ou a amazonas emergindo dentro dela e reclamando igual realização. A tensão entre uma ou mais dessas formas estruturais, que evidentemente podem entrar em conflito entre si, é capaz de complicar muitíssimo sua situação psicológica e social.

21 1Sm 28.

Igualmente devemos chamar a atenção para o fato de que os homens, que vêem as mulheres apenas como mães e esposas, terão dificuldade para compreender e aceitar uma mulher que acha dever realizar-se tanto como uma amazonas quanto como um tipo mediano. Um homem casado, que tente suprimir esses outros aspectos de sua mulher, só pode esperar, como resultado, perturbação e infelicidade. Se ele for capaz de aceitar o outro lado de sua mulher, este poderá mudar, e ele finalmente se sentirá compensado pelo amor de uma mulher mais completa e melhor realizada.

Nesses diferentes tipos de mulheres, o *animus* pode ter pesos diferentes, ou pelo menos eclodir com uma qualidade diferente. Ele parece ser a força mais poderosa na amazonas, que, como já observamos, corre o perigo de se identificar *demasiadamente* com seu lado masculino. Ele parece desempenhar um papel de menor importância na hetaira, embora possa aí ser visto também na crueldade com que tal mulher consegue perseguir suas metas de amor no relacionamento com um homem.

A mulher hetaira introduz uma pergunta intrigante: será que a qualidade da *anima* pertence somente ao homem? Ou será que existem os termos *anima* e *animus* para descrever elementos femininos e masculinos presentes tanto nos homens quanto nas mulheres?

Como vimos, a maneira com que Jung usava esses termos mostra que ele empregava *anima* como o nome que designava as qualidades femininas num homem, e *animus* para expressar as qualidades masculinas numa mulher. Certa vez ele escreveu: "A *anima*, sendo do gênero feminino, é exclusivamente uma figura que compensa a consciência masculina".²² Por meio de uma espécie de pensamento paralelo de que os junguianos gostam, o mesmo poderia ser dito a respeito do *animus*: este é exclusivamente uma figura da psicologia feminina, a personificação do seu elemento masculino que compen-

22 Jung, CW 7, parágrafo 328.

sa sua consciência feminina. A idéia é a de que, para começar, uma mulher é feminina e um homem é masculino, de modo que se trata simplesmente de um problema de designação do aspecto contra-sexual que rege o inconsciente.

No entanto, James Hillman desafia essa tese nos artigos de *Spring*, aos quais nos referimos anteriormente. Explorando o argumento de que a anima não pode limitar-se apenas ao sexo masculino (e o argumento correspondente poderia ser usado para o animus), Hillman observa que a anima é um arquétipo e que "um arquétipo como tal não pode ser atribuído a ou localizado na psique de um ou outro sexo".²³ Ele argumenta que a anima como arquétipo deveria ser separada da noção de contra-sexualidade (isto é, a de que ela é o oposto feminino da consciência masculina), porque pode ser aplicada igualmente à psicologia de mulheres. Assim, poderia parecer que as mulheres também precisariam descobrir a anima, a alma elementar feminina dentro de si mesmas, e que a queixa de muitas mulheres de que se sentem interiormente vazias indica a área da alma em que nelas há carência. Não se pode dizer que uma mulher tenha alma somente em virtude do seu nascimento. Ela, igualmente, precisa descobrir a alma (anima), que representa o desabrochar pleno de sua vida interior. E, assim como o homem pode desenvolver seu espírito e seu logos até chegar à exclusão do seu lado feminino, deste modo perdendo sua alma, também a mulher pode desenvolver o animus (o espírito) e excluir sua alma neste processo. Com efeito, Hillman afirma que muitas mulheres hoje em dia, na sua busca de estudos acadêmicos e de metas de orientação masculina, enfrentam, como consequência, exatamente o mesmo problema que os homens: a perda da anima ou alma.

Esse é um problema particularmente constatado no campo da psicoterapia. Acima de tudo, os psicoterapeutas precisam ter "alma", a fim de serem capazes

23 Hillman, "Anima", p. 111.

de ajudar seus pacientes. Entretanto o processo de treinamento por que deve passar o futuro terapeuta, quer se trate de um psiquiatra, de um psicólogo ou de algum outro tipo de orientador ou de conselheiro, acarreta a probabilidade de produzir uma pessoa unilateral e coletiva, cuja consciência ficou limitada a um estreito espaço racionalista e que, por causa disto, perdeu o contato com a anima ou alma.

O exemplo da chamada mulher-anima tende a evidenciar o ponto de vista de Hillman. A mulher-anima é uma mulher que possui uma particular habilidade para captar, e refletir em contrapartida, a projeção da anima de um homem. Dizem que ela capta, espelha e imita a anima nos homens, e, assim, fascina-os e engana-os. Já argumentaram que, em vez de ter uma personalidade autêntica que lhes seja própria, tal mulher vive a anima do homem no lugar deste, ao passo que ela mesma se assemelha a um vaso vazio. Hillman afirma, porém, que mulheres desse tipo não são absolutamente vasos vazios, mas que, no caso, estamos lidando com um tipo de mulher que fica bem próxima da qualidade do elemento feminino chamado anima. Ela possui e irradia anima como uma qualidade sua, e reúne na anima dos homens projeções porque ela própria é anima. O aparente vazio, prossegue ele, "poderia ser considerado uma autêntica manifestação arquetípica da anima numa de suas formas clássicas: donzela, ninfa, cora, que Jung descreve tão bem (CW 9, 1; parágrafo 311) e onde ele também diz que 'ela freqüentemente aparece na mulher' ".²⁴ O que falta em tal mulher não seria personalidade, pois sua personalidade é definida pela qualidade da anima, principalmente no seu aspecto de donzela, mas antes sua impossibilidade de diferenciar sua individualidade. O perigo que ela acarreta reside em ficar demasiado intimamente identificada com um arquétipo, e em não conseguir seu relacionamento individual com sua natureza marcada pela anima.

24 *Ibid.*, p. 118.

Que o próprio Jung parecia sentir que a anima era uma qualidade pertencente às mulheres tanto quanto aos homens constitui um dado que se acha expresso numa carta que ele escreveu em 1951 a frei Victor White sobre uma cliente fora do comum. Comenta ele:

Vi a Sra. X e garanto-lhe que ela é fascinante e supera qualquer expectativa. Tivemos uma conversa interessante e devo admitir que ela chama bastante a atenção. *Se algum dia existiu uma anima*, esta devia ser igual a ela; sobre isso não resta a menor dúvida.

Em tais casos, seria melhor questionarmo-nos, porque a anima, principalmente quando representa a quintessência como neste caso, projeta uma sombra metafísica que parece tão grande quanto uma conta de hotel e que contém uma lista interminável de itens que aumentam de maneira maravilhosa. Não se pode rotulá-la nem colocá-la dentro de uma gaveta. Ela positivamente deixa você intrigado. Nunca esperei uma coisa igual. Pelo menos, comprehendi agora por que ela sonha com conquistadores de Derby: é justamente a ela que isso se aplica! Ela é sobretudo um fenômeno sincrônico, e só conseguimos ficar junto dela o tempo mínimo que dedicamos ao nosso inconsciente.

Acho que você deve ser muito grato a São Domingos por ter fundado uma ordem da qual você é membro. Em casos como este, apreciamos a existência dos mosteiros. É exatamente como se ela extraísse toda a sua psicologia de livros, como se representasse todo analista competente e decente. Desejo sinceramente que ela continue sonhando com conquistadores, porque tais pessoas precisam de dinheiro para se conservarem flutuantes.²⁵

Não sabemos quem é essa notável mulher que causou uma tal impressão no Dr. Jung e no frei White, mas

25 Jung, *Letters 2*, p. 24. O grifo é meu.

evidentemente ela possui uma qualidade feminina distinta e artificiosa, uma alma primitiva, por assim dizer, e, neste caso, não se trata desse ser projetado sobre ela por um homem; pelo contrário, a qualidade pertence a ela como mulher. Isso pareceria dar crédito à tese de Hillman de que a "anima" se refere propriamente a uma qualidade elementar feminina existente igualmente em homens e mulheres, e o "animus", pela lógica junguiana dos opostos, similarmente designa uma qualidade elementar masculina. Essa maneira de encarar as coisas reflete-se na concepção chinesa da energia psíquica que flui entre duas polaridades. Como mencionamos anteriormente, os chineses consideravam Yang e Yin como pólos procedentes da mesma origem, cósmicos, de idêntico peso e valor. O antigo documento chinês "T'ai I Chin Hua Tsung Chich" (O segredo da flor de ouro), por exemplo, falava da alma *p'o* e da alma *hun*, respectivamente feminina e masculina, e dizia que ambas existiam em cada indivíduo.

Uma passagem interessante do livro de Esther Harding *Os mistérios da Mulher* também destaca a presença nas mulheres, bem como nos homens, de uma qualidade elementar feminina, com razão chamada de anima. Harding primeiro descreve a anima no homem como um "espírito de natureza feminina, que reflete as características da deusa lua demoníaca e não-humana, e que dá ao homem uma experiência direta do Eros não-humano em todo o seu poder, tanto religioso como terrível". Depois ela continua:

Com a mulher a situação é um pouco diferente. Ela usualmente não conhece o princípio feminino diretamente nessa forma demoníaca. Para ela, ele é mediado através da sua própria feminilidade e de sua própria forma sensível e desenvolvida de se aproximar da vida. Mas, se a mulher tiver tempo suficiente para se analisar, também poderá tornar-se consciente dos impulsos e pensamentos que não estão de acordo com suas atitudes conscientes, mas

que são o resultado direto do ser feminino cru e indomado que existe dentro dela. A maioria, entretanto, não vai olhar para esses segredos obscuros de sua própria natureza. É doloroso demais, muito corrosivo para o caráter consciente que ela constrói para si; prefere pensar que é realmente o que aparenta ser. E, de fato, sua tarefa é ficar entre o Eros que está dentro dela e o mundo, tornar humano, por assim dizer, o poder demoníaco do princípio feminino não-humano.²⁶

Esse "princípio feminino não-humano", segundo Harding, é o espírito elementar feminino que uma mulher pode descobrir em si mesma, assim como um homem pode descobri-lo em si; e é exatamente isso que Hillman sugere ser a anima.

Isso também levanta a questão de saber se a anima é uma unipersonalidade ou uma multipersonalidade. O pensamento original de Jung era o de que a anima tinha uma personalidade unificada, mas o animus se representava como um certo número de homens e era uma multipersonalidade. É difícil, porém, verificar que base empírica existe para tal idéia. Nos sonhos de um homem pode aparecer qualquer número de mulheres diferentes, bem como nos sonhos de uma mulher pode aparecer qualquer número de homens diferentes. É prejudicial dizer, no primeiro caso, que isto não é como "deveria" ser e que as várias figuras de mulheres no sonho de um homem significam o rompimento de uma unipersonalidade. Porque se poderia dizer, até com idêntica facilidade, que o sonho em que muitas mulheres aparecem representa os inúmeros elementos femininos existentes na alma de tal homem, ou, pelo menos, as numerosas facetas diferentes do arquétipo feminino. Naturalmente é verdade que, nos sonhos das mulheres, às vezes aparecem muitos homens. Uma mulher pode sonhar, por exemplo, com uma corte de figuras masculinas, ou com

26 M. Esther Harding, *O*s* mistérios da mulher*, Edições Paulinas, São Paulo, 1986, pp. 65-66.

vários homens sentados em volta de uma mesa, ou com um grupo de soldados. Os psicólogos junguianos, então, sentem-se à vontade e afirmam: "Ah! O animus existe como um certo número de homens, exatamente como ele deveria ser! Todos esses homens personificam as diferentes opiniões do animus!" Entretanto, uma mulher pode, com a mesma facilidade, sonhar com um só homem, que lhe aparece como ladrão, amante, guia, sacerdote ou qualquer outra coisa. Se, nos exemplos anteriores, o animus era considerado como "muitas opiniões", que acontece então nos outros casos, em que o animus aparece como uma única pessoa?

Com efeito, nem mesmo podemos afirmar como certo se a "anima negativa" e a "anima positiva", o "animus negativo" e o "animus positivo" (para usar os termos de praxe) são realidades separadas ou constituem os dois lados da mesma moeda. Geralmente se diz que eles representam os lados obscuro e luminoso de uma única realidade, os lados portadores de destruição e de auxílio de um único arquétipo. No entanto, na experiência prática, eles se apresentam como bem diferentes um do outro, e certamente na vida real e na análise realista fazemos bem em estabelecer distinção entre eles, como se fossem seres separados.

Vemos que a anima, bem como o animus podem aparecer sob a forma de múltiplas figuras com evidência na mitologia. Na mitologia grega, por exemplo, existem numerosas deusas. Atenas, Afrodite, Deméter, Hera e Artêmis constituem as cinco maiores deusas do mundo superior, e há ainda Cora e Hécate do mundo inferior, sem mencionarmos as deusas menores como Héstia e inúmeras ninfas e genios. No seu último artigo "Goddesses in Our Midst"²⁷ (Deusas em nosso meio), Philip Zabriskie discute as cinco deusas do mundo superior, que ele encara como uma espécie de "tipologia do feminino". Cada

²⁷ Philip Zabriskie, "Goddesses in Our Midst", *Quadrant*, n. 17, outono de 1974.

deusa, sugere ele, é diferente e cada uma delas constitui "uma imagem do estilo válido, antigo e autêntico do feminino". Afrodite personifica "o aspecto do feminino que busca incansavelmente a união com o masculino, por causa do magnetismo erótico que impele fortemente os opostos a se unirem". Hera é o feminino que também se acha relacionado com o mundo masculino, porém "impessoalmente", mesmo "institucionalmente", mais do que intensa e individualmente, pois, como a Rainha do Olimpo, ela respeita as instituições santificadas do trono e do lar. Deméter relaciona-se com a criança, não com o homem, e encarna o poder elementar feminino que "faz nascer, ama, alimenta". Artêmis, a deusa das amazonas, virgem, casta, auto-suficiente, é o feminino num aspecto impessoal e pode ser visto como fator dominante nas "mulheres cheias de graça, de vitalidade, de liberdade, de abnegação e talvez até de poderes psíquicos". Atenas, também uma deusa virgem, portanto, completa em si mesma, nascida da cabeça de seu pai, Zeus, personifica o feminino ligado ao "mundo da consciência, do tempo, do ego, do trabalho e do crescimento".

Nessas cinco deusas, Zabriskie vê os modelos de certos estilos tipicamente femininos de vida e de comportamento. Todos eles são, por certo, aspectos da única Grande Deusa, porém, não obstante, apresentam-se como personificações distintas. As deusas ainda estão vivas na psicologia das mulheres e, dependendo da deusa que domina a psicologia de uma mulher, surge um cunho diferente na sua personalidade. A hetaira, por exemplo, teria Afrodite dominando a sua psique; a mãe, Deméter; a amazonas, talvez Atenas, e a mediana ou *medium*, Artêmis, ao passo que Hera seria encontrada nas mulheres que se dedicam às causas do lar, da comunidade, da igreja etc. Mas as deusas não aparecem somente em mulheres; aparecem também em homens e personificam o aspecto típico da alma de um homem. Um Dr. Zhivago, certamente teria sido movido pelo espírito de Afrodite, e o corredor casto, livre para enfrentar grandes distâncias, contente com sua solidão, pelo de Artêmis.

O artigo de Zabriskie aumenta a credibilidade no pensamento de que a anima não é uma unipersonalidade mais do que o animus, e que ela pode, de fato, ser melhor representada por muitas facetas diferentes. Ele também confirma o pensamento de Hillman de que a anima e o animus são termos aplicáveis tanto a homens quanto a mulheres.

Essas conclusões não podem ser aprovadas aqui e agora como certas: trata-se do que deveria ser, pois a anima e o animus continuam sendo conceitos limitados, verificáveis na experiência, úteis na terapia, práticos quando os aplicamos a nós próprios, mas, ao mesmo tempo, incapazes de serem definidos com precisão. Quando acendemos a lâmpada da nossa compreensão a respeito deles, nós os vemos, num primeiro momento, com nitidez e clareza, mas quanto mais nossos olhos vagueiam pelos matizes de nossa luz, menos distintos eles nos parecem. Para objetivos práticos, talvez seja melhor adotar a definição original de Jung e reservar a anima para designar a psicologia masculina, e o animus, a psicologia feminina; seria, porém, um erro lamentável tomar isto como uma espécie de dogma e *insistir* em que deve ser assim. Porque, ao tratarmos da anima e do animus, estamos tratando com figuras que são altamente inconscientes para nós. Por mais que nos esforcemos, a luz do discernimento consciente não consegue penetrar bem profundamente nas passagens envolvidas de penumbra e parecidas com labirintos do inconsciente, a ponto de nos permitir fazer quaisquer afirmações finais.

A mais importante contribuição que Jung deu em seus conceitos da anima e do animus reside no fato de que ele nos deu uma idéia da polaridade existente dentro de cada um de nós. Não somos unidades homogêneas de vida psíquica, mas possuímos uma inevitável oposição dentro da totalidade que forma o nosso ser. Existem opostos dentro de nós, podemos chamá-los do que quisermos — masculino e feminino, anima e animus, Yin

e Yang — e eles permanecem eternamente em tensão e estão eternamente buscando a união. A alma humana é uma grande arena em que o Ativo e o Receptivo, a Luz e as Trevas, o Yang e o Yin procuram unir-se e forjar dentro de nós uma indescritível unidade de personalidade. Realizar essa união dos opostos dentro de nós pode muito bem ser a tarefa da vida, tarefa que exige o máximo de perseverança e de atenção assídua. Geralmente os homens precisam das mulheres para isso, e as mulheres precisam dos homens. E, contudo, em última análise, a união dos opostos não ocorre *entre* um homem que põe em ação o masculino e uma mulher que põe em ação o feminino, porém, *dentro* do ser de cada homem e de cada mulher em que os opostos finalmente se conjugam.

Por enquanto, fica claro que as imagens eróticas, que surgem quando a anima e o animus começam a emergir na consciência, trazem por trás delas a necessidade de plenitude. O desejo que a alma tem de unir-se à consciência e forjar uma personalidade indivisível e criativa é o que há de mais forte dentro de nós. A esse nível, a necessidade de plenitude ou de individuação também é chamada por Jung de instinto religioso. A imagem da *Coniunctio*, da união dos opostos, da junção do macho e da fêmea, equivale à imagem por excelência da junção das partes consciente e inconsciente da personalidade. É por isso que muitos de nossos sonhos, e igualmente das parábolas de Jesus, incluem alianças, núpcias — símbolos capazes de expressar a união dos opostos para a qual nos impele a energia vital existente dentro de nós.

Em última análise, os opostos só se podem unir dentro de uma personalidade individual. A união do masculino com o feminino não pode realizar-se enquanto, inconscientemente, projetamos uma metade de nós num parceiro humano e pomos em ação a outra metade. Pelo contrário, como Nicholas Berdyaev observava, "somente a união desses dois princípios (masculino e feminino) é

que constitui um ser humano completo".²⁸ Não somos o príncipe ou a princesa que caminha para a união com tal pessoa que vai desempenhar para nós o papel de nosso parceiro místico. Antes: o príncipe e a princesa, o par divino, unem-se dentro de nós num grande ato nupcial que se realiza no inconsciente.

Por essa razão, se quisermos que nossos relacionamentos humanos sejam bem sucedidos, teremos de ser capazes de distinguir os parceiros divinos dos humanos em nossas vidas. É por isso que a psicologia fala tantas vezes da necessidade de "afastar as projeções". Como vimos, nunca podemos afastar completamente todas as projeções. As imagens psíquicas da anima e do animus são tão ricas e tão desconhecidas para nós, que sempre hão de projetar-se. Mas o necessário é aprendermos a reconhecer que ocorreu uma projeção. Este ato de consciência dá-nos a possibilidade de integrar conteúdos inconscientes projetados, pedacinho por pedacinho, e — o que é igualmente importante — de estabelecer a distinção vital em nossas mentes entre o que é uma imagem arquetípica projetada, de um lado, e um ser humano, do outro. Porque os parceiros divinos em nossas vidas são a anima e o animus, e seus casos de amor são problemas para os deuses. Os parceiros humanos são os homens e as mulheres reais em nossas vidas e, apesar de seu amor poder *parecer* à primeira vista ordinário e mundano quando comparado com o fogo e o mistério do amor divino, tanto o amor humano quanto o divino só podem satisfazer-se e realizar-se, quando somos capazes de distingui-los entre si.

Uma palavra final precisa ser dada a propósito do relacionamento de nosso discurso com uma compreensão religiosa do casamento e da sexualidade. Uma compreensão cristã adequada do matrimônio, por exemplo, baseia-se na imagem arquetípica da *Coniunctio*. A Igreja encara o relacionamento no matrimônio como uma representação, a nível humano, do mistério divino da união

28 Berdyaev, *Destiny of Man*, p. 62.

de Cristo com a alma, a qual constituiu a formulação específica da igreja a respeito do arquétipo da união dos opostos. Mostrando às pessoas a distinção entre a união de Cristo com a alma de um lado, e o relacionamento do casamento humano do outro, a Igreja vem mantendo uma importante distinção entre as dimensões divinas e humanas do amor.

O misticismo cristão durante muito tempo se sentiu fascinado pela imagem da *Coniunctio*, justamente porque ela simboliza de modo tão profundo o relacionamento com Deus que o cristão está buscando. Assim, Cristo foi comparado pelos Padres da Igreja a um esposo; a alma era sua esposa e a cruz o leito nupcial em que se consumava a união de Cristo com a alma. Santo Agostinho escrevia:

Como um esposo, Cristo saiu do seu quarto, e foi-se, pressentindo realizar suas núpcias no campo do mundo... Ele chegou ao leito nupcial da cruz e, aí, depois de nele subir, consumou seu matrimônio. E, ao perceber os lamentos da criatura, amorosamente entregou-se ao tormento em lugar de sua esposa, e uniu-se à esposa para sempre.²⁹

Alguns gnósticos chamaram de lendária a história de Cristo que sobe até o alto do monte, dá origem à uma mulher saída do seu lado e mantém relações sexuais com ela. Aos ouvidos de um cristão casto, essa história pode parecer ofensiva, mas, como mostrou Jung, os gnósticos não tinham esse intuito. Eles estavam simplesmente "concentrando" seus esforços para exprimir a imagem indefinível e numinosa da totalidade como uma união de Cristo com a alma.³⁰

Por causa de suas ricas imagens, os místicos cristãos gostavam principalmente do *Cântico dos Cânticos*, o livro

29 Citado por C. G. Jung, no seu livro *Symbols of Transformation*, CW 5, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1974, p. 269, n. 152.

30 Jung, *Aion*, CW 9, 2, pp. 202-203.

mais erótico da Bíblia. Para o místico, essas imagens eróticas não exprimiam simplesmente sensualidade, mas representavam o veículo que transmitia a imagem da união de Deus com a alma. Como Evelyn Underhill escreveu, "...o místico gostava do *Cântico dos Cânticos* porque, aí via refletidas, como num espelho, as experiências mais secretas de sua alma".³¹ Orígenes pode ter sido o primeiro a recorrer a essas imagens eróticas de plenitude,³² embora a lista de místicos cristãos que usaram esse livro como fonte de reflexões sobre o relacionamento de Deus com o homem seja longa, incluindo-se nela o Bispo Metódio, que chegou ao ponto de declarar que, assim como Cristo se une com a alma, também cada pessoa se torna, ela própria, um Cristo.³³

O uso do *Cântico dos Cânticos* como documento místico não terminou com a era apostólica, mas continuou ao longo da história cristã até os tempos modernos. Por exemplo, no século XII são Bernardo de Claraval elaborou, sobre a imagem da *Coniunctio* de Cristo com a alma, uma série de comoventes sermões baseados no *Cântico dos Cânticos*, e considerou as imagens sensuais do livro um veículo adequado à transmissão do mistério divino das relações de Deus com a humanidade, que mais se assemelhava a um grande caso de amor do que a qualquer outra coisa.

Assim, a linguagem da *Coniunctio* faz parte do tesouro da Igreja. No entanto, a Igreja hoje pode precisar da linguagem e do conhecimento da psicologia a fim de transmitir seu tesouro à mente moderna. A dificuldade reside no fato de que a Igreja perdeu, nos últimos séculos, sua conexão original com a psique hu-

31 Evelyn Underhill, *Mysticism*, E. P. Dutton and Company, Inc., Nova Iorque, edição de 1930, p. 137.

32 Cf. Hom. in Cant. 1.7.

33 Mctódio, "The Banquet of the Ten Virgins" (O banquete das dez virgens), Cap. VIII, *Ante-Nicene Fathers*, Eerdmans Press, Vol. VI, p. 337. Ver também santo Agostinho, "Concerning the Faith of Things Not Seen" (Sobre a fé nas coisas que não se vêem), parágrafo 10; e Cipriano, "Theatises", *Ante-Nicene Fathers*, Vol. V, p. 523.

mana. Os ensinamentos de Jesus, como já mostrei alhures,³⁴ estão cheios de significado psicológico, e muitos dos Padres do cristianismo primitivo eram psicólogos que escreveram tratados sobre a alma e sobre os sonhos. A negação atual, por parte da Igreja, da realidade da psique é infeliz, pois a união de Cristo com a alma não pode ser realizada se a própria alma é negada e reprimida. Já que os *Parceiros Invisíveis* constituem os umbrais que devemos transpor para entrar na vida interior, isto significa que eles também necessitam de reconhecimento como realidades vivas.

Talvez uma das razões da recusa da Igreja diante do reconhecimento da realidade da alma do homem resida no seu medo da sexualidade. Diversamente de São Bernardo, que não temia contemplar as imagens sensuais do *Cântico dos Cânticos*, a Igreja como um todo tem ficado atemorizada diante do instinto sexual do homem e tem procurado reprimir ou negá-lo. Às vezes, esse medo da sexualidade se transformou em mania. Santo Agostinho, por exemplo, chamou a mulher de portão diabólico, e tentou encontrar outra maneira para explicar que a raça humana deveria ter-se reproduzido sem precisar da colaboração da mulher. O intercâmbio sexual, afirmou ele, só era permitido com o objetivo da procriação; se pessoas, mesmo casadas, sentissem prazer no ato, cometiam pecado. São Jerônimo estimulava os esposos a honrar suas esposas, abstendo-se do intercâmbio sexual com elas, e afirmava que manter intercâmbio sexual com a própria esposa era um insulto contra ela. (Até onde vão nossos conhecimentos, ele não consultou as mulheres a respeito de seus sentimentos em relação ao assunto). Ele chegou ao ponto de negar o sacramento a pessoas casadas durante vários dias depois de haverem tido intercâmbio sexual, baseando-se na afirmação de que a pureza do sacramento ficaria prejudicada pelo ato sexual. Pedro Lombardo certa vez ad-

34 John A. Sanford, *The Kingdom Within*, J. B. Lippincott Co., Nova Iorque, 1970.

vertiu os cristãos, dizendo-lhes que o Espírito Santo abandonava o quarto quando um casal de esposos tinham relações sexuais, mesmo que com o propósito de conceber um filho. Se a vida sexual dentro do matrimônio atingia as raias do pecado, podemos imaginar o mal que recaía sobre alguém que experimentasse a sensualidade fora do casamento! Havia, certamente, a santidade da Virgem Maria no pensamento cristão e temos de nos sentir gratos por não ter sido a imagem feminina inteiramente excluída do conjunto das imagens cristãs; todavia, mesmo Maria emergiu no meio das imagens cristãs como uma mulher impecável, que concebeu sem o concurso de um homem, cujo nascimento foi imaculado e que permaneceu virgem durante toda a vida. Era assim que a Igreja exprimia seu medo da mulher, da terra e da sensualidade.

Tal medo não era compartilhado pelo judaísmo, porém, o qual desde o princípio viu o ato do intercâmbio entre o homem e a mulher como um ato sagrado. Certos grupos judaicos até hoje prescrevem para exequetas e rabinos que o culto sabático deve ser introduzido, na noite da sexta-feira, pela união sexual entre o homem e sua mulher.

Ao assumir sua posição, a Igreja separou, de modo gnóstico, o céu da terra, o espírito da matéria, a alma do corpo e, ao fazê-lo, prejudicou o espírito humano e mostrou-se inautêntica diante de sua própria mensagem da encarnação. O intuito original da Igreja talvez fosse o de preservar a espiritualidade da humanidade tão duramente conquistada, evitando que se perdesse num mar de sensualidade. O espírito e a carne, o espírito e a matéria não se harmonizam muito facilmente, e um prontamente se deixa inundar pelo outro. Sem dúvida alguma, a Igreja achou que devia investir no desenvolvimento espiritual do homem, pois sua sensualidade já era suficientemente forte. O resultado, porém, não foi a unificação da personalidade, mas a negação da integridade, da plenitude, e a instabilidade que vai de um oposto para o outro. Assim, na história ocidental, temos uma con-

tínua alternância entre avanços e retrocessos de extremos de ascetismo espiritual de um lado, e de sensualidade do outro. Jamais os valores do espírito se realizaram mediante a repressão dos sentidos, porque, com freqüência, se atinge o espírito através dos sentidos e, por vezes, o desenvolvimento espiritual desperta o amor sensual e dele precisa para se firmar e tornar-se substancial. Procurando evitar o conflito dos opostos pela negação de um lado da vida, prejudicou-se o espírito, privando-o da plenitude e inteireza.

E, no entanto, é estranho que o cristianismo tenha tolerado por tanto tempo um ensinamento sobre a sexualidade que declarava que sua única justificativa era a propagação da espécie. Como apontou Nicholas Berdyaev, isso equivale a "transferir o princípio da geração animal às relações humanas",³⁵ e a uma negação do valor máximo do cristianismo: a personalidade humana. Porque, como Berdyaev observa, o amor sexual pode ser usado para expressar o amor, a personalidade e o relacionamento, bem como com o objetivo da propagação da vida pela geração de filhos. Uma visão cristã da sexualidade, como expressão da sede que o homem tem de realização do relacionamento e da personalidade, pareceria bem mais coerente com uma religião que enfatizou a encarnação de Deus numa vida humana terrena.

Aquilo de que se precisa não é da negação da sexualidade e do eros, mas da purificação do eros do egocentrismo, da possessividade e do inconsciente. O eros não se identifica com a sexualidade; entretanto, quando a sexualidade é reprimida, o eros o é também. O eros é uma força mais poderosa, que se acha no âmago de toda criatividade humana, de todo amor entre pessoas, até no cerne do relacionamento entre um ser humano e Deus. O eros aquece toda a vida, dá esperança aos seres vivos e só ele possibilita uma vida sacrificial. Mas, quando um ser humano deseja reclamar o eros para si como propriedade sua, lançar mão do mistério da *Coniunctio co-*

35 Berdyaev, *Destiny cf Man*, p. 240.

mo de sua propriedade privada, então o eros se corrompe pela avidez e possessividade, e sua promessa de uma consciência mais elevada é negada.

Por essas razões, uma teologia cristã do matrimônio não deveria apelar para a negação do eros e da sexualidade, mas antes para uma percepção aprofundada do eros e do que ele significa. A grande virtude cristã do *ágape* não se alcança pela negação do eros, mas pela purificação do eros. Assim como o ouro deve ser extraído do garimpo, passando pela peneira e pelo cadiño, também o ouro do eros humano deve ser purificado, desfazendo-se das impurezas do egocentrismo humano. Jamais, contudo, alguém obteve o ouro jogando fora o garimpo. Para que isso se realize em nossos dias, necessitamos tanto de percepção psicológica quanto de sensibilidade espiritual. A força poderosa do eros pode tornar-se destruidora quando cega, e o eros *será* cego enquanto os seres humanos, que carregam dentro de si essa força poderosa, forem cegos e não compreenderem sua própria natureza. O eros precisa do esclarecimento de uma consciência evoluída, a fim de atingir sua meta específica. No entanto, sem o eros, a consciência não pode desenvolver-se e a meta não pode ser alcançada.

Em última análise, o eros é um grande mistério. Podemos falar de sexualidade, podemos compreender as projeções, podemos abordar a transferência, mas, quando reunimos tudo isso, voltamos à estaca zero, porque tudo termina no grande mistério do Amor.

Apêndice

A imaginação ativa

A análise psicológica sozinha não é suficiente para curar a alma. Mesmo se nós compreendermos tudo da nossa história pessoal passada, e virmos as forças atuantes em nós, que têm marcado as nossas vidas, isto por si só não nos curará. O principal valor da análise é que ela nos proporciona uma orientação consciente e uma certa perspectiva. Também ela geralmente aumenta a força do ego, tornando-nos livres para fazer certas escolhas e encontrar novas atitudes. Tudo isso é muito útil, mas não é o suficiente. Algo mais deve ser feito para reconciliar o consciente e o inconsciente para alterar a situação interior destrutiva, ou trazer nova vida. Isso supõe meios para estabelecer e manter vivo o relacionamento progressivo com o mundo interior, do qual a nova vida procede e através do qual finalmente os nossos conflitos podem ser resolvidos.

Um instrumento particular desenvolvido por C. G. Jung para agir sobre o inconsciente é a "imaginação ativa". Ela permite um passo além da meditação. A meditação inclui a contemplação de uma imagem; a imaginação ativa é a interação com uma imagem. A técnica da imaginação ativa focaliza uma imagem, voz ou figura do inconsciente e logo entra em interação com tal imagem ou figura. No processo da imaginação ativa o ego é definitivamente um participante. Nós não estamos observando passivamente, mas estamos positivamente envolvidos naquilo que está acontecendo. Isso supõe a ativação da imagem do inconsciente e um ego vigilante e participante.

¹ O original foi publicado no cap. 6 do meu livro: *Healing and Wholeness*, Paulist Press, 1977.

Uma palavra de alerta: a imaginação ativa pode despertar um fluxo de imagens do inconsciente que, em alguns casos, pode ser difícil de deter. Isto pode ser perturbador, porque as imagens são como um fluxo de água, que não pode ser interrompido, e então brota o medo de ser inundados de dentro para fora. Nunca conheci ninguém que realmente ficasse prejudicado por este processo, mas conheci uma ou duas pessoas que ficaram bastante apavoradas. Isto não acontece facilmente, porque a maioria das pessoas consegue parar a imaginação ativa toda vez que o deseja, mas torna-se possível, quando alguém é fechado demais em relação ao inconsciente e não tem suficiente força do ego. Nesse caso a imaginação ativa não deveria ser enfrentada sem a ajuda de um diretor espiritual experiente ou de um terapeuta, com os quais as experiências possam ser compartilhadas, se necessário.

A imaginação ativa pode começar de várias maneiras. Um sonho pode ser um dos pontos de partida. Nesse caso continuamos o sonho na nossa imaginação como se fosse uma história, anotando por escrito tudo aquilo que nos ocorre. Isto é especialmente útil em certos sonhos que ficam inacabados. Por exemplo, podemos sonhar que alguém nos está perseguindo; nós corremos e corremos e, de repente, o sonho acaba, quando ainda estamos fugindo do sujeito. Este é um sonho "inacabado". Não acaba porque o inconsciente não consegue levar a ação adiante.

Podemos então continuar o sonho, terminando a história por meio da imaginação ativa. Que vai acontecer agora, já que aquele sujeito nos persegue? Talvez vejamos nós mesmos, parando e enfrentando o adversário, ou talvez alguém entre em cena para ajudar-nos. Apresentam-se múltiplas possibilidades, mas somente uma pode ser escolhida e esta é a que seguiremos para ver aonde nos leva.

Uma fantasia pode também ser utilizada como base para a imaginação ativa. O ponto de partida seria então

a fantasia que persegue a nossa mente, a inesperada sucessão de pensamentos que continuam voltando sem parar. Talvez seja a fantasia repetida de um assaltante entrando em nossa casa, ou de algum tipo de destino que nos está ameaçando, ou talvez seja uma forte fantasia sexual. Podemos então aproveitar a fantasia e desenvolvê-la deliberadamente, anotando tudo quanto nos ocorre ao continuar a fantasia como se fosse uma história. Isso tem o efeito de alterar a nossa situação psicológica e de tornar mais claro o sentido subjacente da fantasia. Em relação às fantasias sexuais, este procedimento pode ser a única maneira de evitar vivê-las concretamente em formas que podem ser destrutivas para os nossos relacionamentos.

Uma das fontes para as idéias de Jung sobre a imaginação ativa foi a alquimia. A alquimia fala do adepto (alquimista) que dedica a sua cuidadosa atenção a todos os elementos que estão na sua retorta e observa a sua transformação com grande concentração. Jung transpõe a linguagem da alquimia para o seu equivalente psicológico e nela vê um protótipo da imaginação ativa. O que a alquimia sugere — diz ele — é o seguinte:

“Tomem o inconsciente numa de suas formas mais acessíveis, isto é, uma fantasia espontânea, um sonho, um estado de ânimo irracional, um afeto, ou algo parecido, concentrando-se sobre ela e observando as suas alterações objetivamente. Não poumem esforços ao se devotarem a essa tarefa, sigam atenta e cuidadosamente as transformações subsequentes da fantasia espontânea. Em particular, não deixem que nada de fora, aquilo que não pertence ao inconsciente, entre, porque a imagem da fantasia possui tudo o que é necessário. Dessa forma estamos certos de não interferir com inclinações conscientes e de dar ao inconsciente um curso livre”.²

² C. G. Jung, *Mysterium Coniunctionis*, CW 14, Princeton University Press, Princeton, N.J., 1963, 1974, p. 526.

No mesmo livro Jung faz uma colocação ainda mais explícita:

"Este processo pode, como disse, acontecer espontaneamente ou ser induzido artificialmente. Neste último caso, você escolhe um sonho ou alguma outra imagem da fantasia, e se concentra sobre isso, simplesmente apoderando-se dele e olhando para ele. Pode também usar um mau humor como ponto de partida e logo tentar achar que tipo de imagem fantasiosa ele vai produzir, ou que tipo de imagem esse humor manifesta. Você fixa então essa imagem na mente, concentrando a sua atenção. Normalmente ela mudará, sendo que o simples fato de contemplá-la lhe dá vida. As alterações devem ser cuidadosamente anotadas durante o tempo todo, porque elas refletem o processo psíquico, pano de fundo do inconsciente, que aparece sob a forma de imagens, revestidas do material fornecido pela memória consciente. Desta forma, consciente e inconsciente estão unidos, assim como uma queda-d'água une o 'acima' com o 'abaixo' ".³

A imaginação ativa pode ser ativada a partir de qualquer manifestação do inconsciente — sonho, afeto, humor, ou seja o que for — mas o ponto mais fácil para começar é o diálogo diário e continuado que se desenrola na mente da maioria de nós. Nós passamos uma porção de tempo "argumentando" conosco mesmos. Um pouco de introspecção revelará que há todo tipo de vozes lutando em nós. Muitas vezes esses diálogos interiores são parecidos com cenas de um tribunal, e é como se nós estivéssemos sendo processados por algo. Existe o "promotor público" interior, a voz crítica que tenta convencer-nos disto ou daquilo, e que também, como uma forma de controle, se autoconstitui tanto "juiz" como "acusador". Na mulher essa voz normalmente tem um timbre masculino, e no homem um timbre feminino. Essas "vo-

³ *Ibid.*, p. 495.

zes" são como pensamentos autônomos ou estados de ânimo que de repente irrompem no nosso consciente. Se estivermos totalmente desprevenidos, acabaremos nos identificando com elas. Se a voz que estamos ouvindo é a voz acusadora do censor interior ou "promotor público", acabaremos deprimindo-nos e a nossa auto-imagem irá a nível zero. Tornar-nos conscientes da natureza autônoma dessas vozes é começar a fazer uma distinção entre elas e nós, e esta incipiente percepção torna possível romper com algo que tem as características de um estado de possessão.

Para desenvolver uma imaginação ativa a partir da argumentação que estamos ouvindo dentro de nós, podemos começar anotando os pensamentos que já estão passando com rapidez em nossa mente. É bom personificar as várias vozes que estamos ouvindo. O "promotor público", o "Grande Marcador de Pontos", o "Espectador Cínico", a "Mulher Desamparada", são personificações de vozes interiores que algumas pessoas têm usado de vez em quando. A personificação deveria, naturalmente, corresponder ao tipo de voz que estamos ouvindo. A transferência do diálogo interior para o papel faz com que possamos responder a esses pensamentos autônomos e nos encoraja a esclarecer e assumir o nosso próprio ponto de vista. Anotando as coisas por escrito, começamos a ouvir aquilo que está sendo dito e colocamo-nos na condição de examinar essas vozes por aquilo que são. Fazendo isso, podemos descobrir, por exemplo, que a autoridade do Censor Interior pode não ser tão grande. No final das contas, ao tomar a postura de um Deus, ele não é, na realidade, nada mais do que a personificação das opiniões públicas, isto é, do ponto de vista comum ou convencional.

Anotar as coisas contribui também para fortificar o ego, porque tomar a caneta e começar a escrever é uma atividade do ego e tem o efeito de solidificar e concentrar o consciente e firmá-lo frente às tendências destrutivas. Por isso agora será possível descobrir a nossa po-

sição e virar o feitiço contra um inimigo interior que, até hoje, tinha a vantagem de agir no escuro.

Naturalmente, pode haver também uma voz positiva que nós ouvimos e com a qual aprendemos a conversar. Como há uma voz negativa que parece empurrar-nos para o fracasso na vida, assim há uma voz positiva que nos dá *insights* úteis e momentos de inspiração. Podemos cultivar um relacionamento com essa parte de nós mesmos, aprendendo a dialogar e conversar com ela sobre as nossas situações de vida.

Os antigos costumavam chamar essa realidade de *spiritus familiaris*. Sócrates se referia a ela como ao seu “daimon”, não um “demônio” no sentido negativo da palavra, mas o seu “conselheiro”, o “espírito inspirador”. Na linguagem cristã seria uma versão do anjo da guarda, ou uma manifestação do Espírito Santo que nos guia. Psicologicamente, essa imagem positiva pode ser comparada a uma personificação do Si-mesmo, sendo que se refere à consciência do ego. Se o relacionamento com essa imagem interior for incrementado, nós disporímos de uma grande ajuda. Será como ter um analista interior ou um diretor espiritual. Em certos casos é o caminho para libertarmo-nos da dependência de um analista, porque isso nos dá acesso à nossa sabedoria inconsciente.

Reparem quantas vezes eu disse que, ao praticar a imaginação ativa, devemos tomar anotações. Há muitas razões pelas quais a imaginação ativa deve ser anotada. Ao escrever, damos-lhe realidade, enquanto ela não está escrita, pode parecer desmaiada e vaporosa e falta-lhe impacto. Escrever as coisas também nos impede trapaçear o processo. Pode haver coisas desagradáveis que temos de aprender sobre nós mesmos e é fácil fugir delas, a não ser que sejam escritas. O escrever também, como já foi dito, fortalece a situação do ego e incrementa o posicionamento do consciente face ao inconsciente. Finalmente, permite-nos um controle permanente e possibilita-nos rever, de tempos em tempos, o que temos feito. Isso não só refresca a nossa memória, mas, às vezes algo

que emerge no processo da imaginação ativa é incompreensível na hora e somente se esclarece mais tarde.

Há uma exceção à prática de tomar anotações referentes à imaginação ativa. Às vezes, o processo é melhor sucedido quando estamos num estado "meditativo", e, neste caso, tomar anotações pode interrompê-lo. Continuem, portanto, o processo da imaginação ativa meditando, mas logo após registrem-no num diário.

Falei sobre o risco ligado à prática da imaginação ativa, mas a maior dificuldade, na realidade, consiste em fazer com que as pessoas a pratiquem. Isso devido ao fato de que ela tem que ser registrada por escrito para que se torne real. Escrever sobre imaginação ativa é trabalhoso. De fato, a imaginação ativa em si mesma exige um trabalho duro, esforço e disciplina, e para praticá-la devemos vencer a inércia que nos ataca ao enfrentar assuntos psicológicos. As pessoas são preguiçosas no que diz respeito à sua própria psique. Nós não queremos ter que trabalhar sobre nós mesmos, queremos que tudo nos seja oferecido numa bandeja. Esta é uma dificuldade comum que o terapeuta encontra: ele percebe que as pessoas esperam dele alguma mágica, que torne tudo certo, elas não querem ter que fazer o esforço por si mesmas. Não somente isto é esgotante para o terapeuta, que deve proporcionar ao processo mais do que a sua parte de energias, mas também faz com que o cliente não alcance progressos satisfatórios. De fato, nós somos beneficiados proporcionalmente às energias que investimos para o nosso desenvolvimento psicológico.

Ao lado preguiçoso que está em nós e que resiste à prática da imaginação ativa, justamente porque é "ativa", acrescenta-se também a voz de dentro de nós que afirma com segurança tratar-se simplesmente de pensamentos que saem da nossa cabeça. Apenas nos afastamos do conhecido e do convencional, essa voz cínica, insinuante, começa a dizer que isso não faz sentido: é banal, não vale a pena ser anotado. É outro aspecto da voz crítica que temos encontrado antes. Ela pode também dizer-nos, quando acordarmos lembrando-nos de um so-

nho: "Oh, esse sonho não tem sentido algum". As pessoas que tentam ser criativas ao escrever um livro, seguramente incorrem também nessa voz, e ouvem-na dizer coisas como: "Oh, isso já foi escrito", ou "Você nunca conseguirá que seja publicado". Essa voz tentará impedir-nos a prática da imaginação ativa, e fará comentários venenosos, como se quisesse manter o nosso desenvolvimento ao nível mais medíocre possível. Ela age, no homem, como uma voz negativa de mãe ou, na mulher, como uma voz venenosa de pai; uma versão daquela que, nos contos de fada, paralisa o jovem herói ou a heroína, convertendo-os em pedras, ou adormecendo-os, ou fazendo com que percam a cabeça.

Há duas maneiras de lidar com essa voz, no que diz respeito à imaginação ativa. Um método é seguir de qualquer jeito, dizendo algo assim como: "Não ligo para os palpites daquela voz. Estou a fim de provocar esta imaginação ativa e quando ela tiver acontecido, veremos que vai dar". O outro método é começar a imaginação ativa conversando com essa mesma voz. Se nós conseguimos vencer essa voz e começar, a batalha está meio vencida e nós estamos começando a nos libertar de algo paralisante que nos tem prejudicado em vários níveis da nossa vida.

Na imaginação ativa sob forma de diálogo, muitas vezes funciona melhor anotar os primeiros pensamentos que surgem em nossa mente. Ao identificarmos a voz com a qual desejamos conversar dizendo o que queremos, e após isso anotamos o primeiro "pensamento-resposta" que nos ocorre. Logo respondemos de volta, e assim o diálogo vai para a frente. É importante, ao proceder, não criticar ou examinar aquilo que está sendo dito, mas continuar como numa conversa normal. Mais tarde, quando tudo estiver terminado, poderemos voltar sobre aquilo que anotamos e examinar, se quisermos, alguns conteúdos.

As vezes, a imaginação ativa tem mais vitalidade do que outras. Pode acontecer que uma imagem, voz ou fan-

tasia, esteja bem presente, tornando-se de repente ativa e interagindo conosco. Outras vezes o resultado pode não ser tão vital. Algumas pessoas, por exemplo, podem estar dispostas a praticar a imaginação ativa de manhã e não à noite. Outras podem seguir outro caminho. Cada pessoa deve achar a sua própria maneira de agir e descobrir aquilo que se adapta melhor à sua personalidade.

A imaginação ativa pode durar muito ou pouco. Um bom exemplo de imaginação ativa prolongada se encontra no livro *The Living Symbol*,⁴ de Gerhard Adler, no qual ele discute sobre uma série de imaginações ativas que uma mulher teve durante vários meses com o desenvolvimento de uma longa e elaborada fantasia. Por outro lado, a imaginação ativa pode ser também muito breve. A mais reduzida imaginação ativa sobre a qual ouvi falar aconteceu com um escritor que, pela terceira vez, estava se dedicando à revisão de um manuscrito para agradar seu editor. Anteriormente ele tinha conseguido fazer algumas modificações, mas desta vez, ao sentar-se diante de sua máquina de escrever, absolutamente nada lhe ocorria. Durante três dias sentiu-se deprimido. Não conseguia nem uma só palavra, nem um pensamento, apesar de, normalmente, as palavras fluírem como água. Finalmente ficou claro que algo nele estava resistindo à revisão do manuscrito. Então ele decidiu personificar a resistência e dialogar com ela. A imaginação ativa resultante se configurou da seguinte forma:

Autor (à sua resistência): "Tudo bem! Por que você está resistindo a este trabalho?"

Voz que responde (imediatamente): "Porque já foi escrito".

Era isso mesmo; não havia mais nada a acrescentar. Por meio disso o autor percebeu que o livro era bom e completo assim como estava. Se o editor com o qual estava em contato não o queria daquele jeito, ele teria

⁴ Gerhard Adler, *The Living Symbol*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1961.

que achar outro editor. E foi exatamente o que aconteceu.

Em última análise, a imaginação ativa é útil porque tende a reconciliar o consciente com o inconsciente. Ela nos leva a estabelecer um relacionamento com as imagens do inconsciente, permitindo-nos trabalhá-las e "fazer tratos" com elas. Isso favorece aquela união paradoxal entre personalidade inconsciente e consciente que corresponde àquilo que os alquimistas chamavam de *unio mentalis*. Assim como os alquimistas, na procura da pedra, começavam com materiais comumente rejeitados, nós também começamos com um material rejeitado do inconsciente e, através da meditação ou da imaginação ativa, ativamos um processo profundo. Jung, num comentário sobre o simbolismo da alquimia, nos dá uma descrição precisa de como este processo opera para levar-nos mais perto da totalidade:

Desta maneira o homem moderno não pode sequer realizar a *unio mentalis* que lhe permitiria completar o segundo grau da união. O auxílio do analista para ajudá-lo a compreender os depoimentos do seu inconsciente através dos sonhos etc., pode proporcionar o "insight" necessário, mas, quando se chega à questão da experiência real, o analista não pode mais ajudá-lo, e ele próprio tem que pôr a mão na massa. Ele está então na mesma posição de um aprendiz de alquimista, que foi iniciado nos conhecimentos por um Mestre e que aprendeu todos os segredos do laboratório. Mas chega a hora em que ele deve pôr mãos à obra sozinho, porque, como os alquimistas enfatizam, ninguém pode fazê-lo no seu lugar. Como esse aprendiz, o homem moderno começa com uma matéria-prima de nenhum valor que se lhe apresenta de maneira inesperada — uma fantasia desprezível que, como a pedra que os construtores rejeitaram, é "jogada na rua" e é tão "sem valor" que ninguém olha para ela. Ele a observará dia após dia e tomará nota das suas alterações até

os seus olhos se abrirem ou, como dizem os alquimistas, os olhos do peixe, ou as faíscas, brilharem na solução escura...

A luz que gradualmente começa a aparecer permite-lhe compreender que sua fantasia é um processo psíquico real que está acontecendo pessoalmente dentro dele. Embora, até certo ponto, ele esteja olhando de fora, imparcialmente, é também uma figura ativa e participante do drama da psique... Ao reconhecer o seu próprio envolvimento, você mesmo deve entrar no processo com as suas reações pessoais, como se você fosse uma das imagens da fantasia, ou melhor, como se o drama que está acontecendo sob os seus olhos fosse real. Que esta fantasia esteja acontecendo é um fato psíquico, e é tão real quanto você o é, como entidade psíquica... Se você entra a fazer parte do drama, assim como você realmente é, não somente ele ganha em realismo, mas você também cria, por meio da sua ação crítica em relação à fantasia, um contra-balanceamento à tendência que ele tem de escapar das mãos. Aquilo que está agora acontecendo é a reaproximação decisiva do inconsciente. É onde o "insight", a *unio mentalis* começa a se tornar real. Aquilo que você está criando agora é o começo da individuação, cujo objetivo imediato é a experiência e a produção do símbolo da totalidade.⁵

Embora Jung tenha sido um dos primeiros a desenvolver a imaginação ativa como um refinado instrumento para trabalhar com o inconsciente, ela já foi utilizada antes. Achamos um exemplo muito bom de imaginação ativa no Evangelho de Mateus, no relato sobre as tentações no deserto.⁶ Jesus foi ao deserto para ficar sozinho, depois de ter recebido o Espírito Santo de Deus e, de repente, ouve uma voz que proclama: "Eis o meu Filho muito amado, em quem ponho minha afeição".

5 C. G. Jung, *Mysterium Coniunctionis*, pp. 528-529.

6 Mt 4,1-11.

Naturalmente, a primeira coisa que pode acontecer depois de uma experiência desse tipo seria uma sensação de orgulho, a tentação de tomar a experiência num sentido errado, e essa tentação é representada pela voz de Satanás, que diz: "Se você é o Filho de Deus, mande que estas pedras se tornem pão". Jesus ouve aquela voz em si mesmo e responde. A voz então fala uma segunda vez, e uma terceira, e todas as vezes Jesus ouve a voz e responde. Esta é uma imaginação ativa. Isso não quer dizer que o Satanás da história não seja real. Esse tipo de voz presente em nós é *muito real*, tão real que se não a ouvirmos, não a reconhecermos por aquilo que é e não lhe respondermos, facilmente seremos levados por ela. Se isso tivesse acontecido com Jesus, toda a sua vida teria tomado o rumo errado. O seu diálogo com Satanás foi a pedra angular da vida e do ministério que ele construiu e uma vívida ilustração de quanto a imaginação ativa possa ser vital.

Finalmente, notem que o termo é *imaginação ativa*. Não é uma técnica na qual os movimentos do inconsciente são simplesmente observados. Ao contrário, o ego se insere no processo e as solicitações do inconsciente se chocam com a realidade do ego. No seu diálogo com Satanás, o ego de Jesus ficou bem evidenciado. Ele não apenas ouviu a voz, mas reagiu e respondeu a ela. Naturalmente o diálogo pode acontecer também com uma voz positiva, como no caso do diálogo de Elias com a voz de Iahweh, na caverna de monte Sinai.⁷ Mas em ambos os acontecimentos o processo da imaginação ativa supõe uma participação ativa do ego, e representa uma tentativa do consciente e do inconsciente de discutir um com o outro e de elaborar juntos uma vida criativa.

7 1Rs 19,9.

Bibliografia

LIVROS

- Brontë, Emily, *Wuthering Heights*, Random House, Inc., Nova Iorque, 1943.
- Castillejo, Irene de, *Knowing Woman*, G. P. Putnam's Sons, Nova Iorque, 1973.
Um estudo altamente provocante da psicologia feminina.
- Drury, Michael, *To a Young Wife from an Old Mistress*, Doubleday and Company, Inc., Garden City, Nova Iorque, 1966.
Conselhos sábios e profundos de uma mulher para outra.
- von Franz, Marie-Louise, *The Feminine in Fairy Tales*, Spring Publications, Zurique, 1972.
Um excelente estudo do feminino em homens e mulheres.
- , *Apuleius' The Golden Ass*, Spring Publications Zurique, 1970, 1974.
- , *A individuação nos contos de fada*, Edições Paulinas, São Paulo, 1985.
- Guggenbuhl-Craig, Adolf, *Marriage, Dead or Alive*, Spring Publications, Zurique, 1977.
Pensamentos modernos e oportunos sobre o casamento, com bons capítulos sobre o sentido da sexualidade.
- Hannah, Barbara, *Striving Towards Wholeness*, G. P. Putnam's Sons, Nova Iorque, 1971.
Os capítulos sobre as irmãs Brontë e *Wuthering Heights* constituem uma importante contribuição para a psicologia feminina e para a psicologia do animus.
- Harding, Esther, *The Way of All Women*, David McKay Company, Inc., Nova Iorque, 1933, 1961.
Fora de época agora, mas ainda válido.
- , *Os mistérios da mulher*, Edições Paulinas, São Paulo, 1986.
Um material arquetípico válido sobre a natureza do feminino.
- Johnson, Robert, *HE!*, Religious Publishing Co., King of Prussia, Pa., 1974.
Uma pequena jóia; um esplêndido estudo da psicologia dos homens.
- , *SHE!*, Religious Publishing Co., King of Prussia, Pa., 1976.
Um estudo sucinto da psicologia feminina.
Nas contribuições de Jung apontadas a seguir, consultar o Quadro de Assuntos e o Índice para os trechos referentes à anima e ao animus.
- Jung, C. G., *Collected Works* [de agora em diante citado como *CW*], *Two Essays in Analytical Psychology*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1953.
- , *CW 9, 1, The Archetypes of the Collective Unconscious*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1959.
- , *OC 9, 2, Aion*, Editora Vozes, Petrópolis, 1982.

- , CW 13, *Alchemical Studies*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1967, 1970.
- , CW 14, *Mysterium Coniunctionis*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1963, 1974.
- , CW 16, *The Practice of Psychotherapy*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1954.
- , *C. G. Jung Speaking*, editado por William McGuire e R. F. C. Hull, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1977.
- , *Letters 1*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1973.
- , *Letters 2*, Princeton University Press, Princeton, N. J., 1975.
- , *O homem e seus símbolos*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.
- , *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1978.
- , *Visions Seminars*, Parte um e Parte dois, Spring Publications, Zurique, 1976.
- Jung, Emma, *Animus and Anima*, Spring Publications, Zurique, 1974.
- Bom sobretudo quando trata do animus.
- Neumann, Erich, *Amor and Psyche*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1956.
- Um estudo do mais importante mito do feminino na mitologia grega.
- Sanford, John A., *Healing and Wholeness*, Edições Paulinas, Nova Iorque, 1977.
- O último capítulo contém um sumário do processo da imaginação ativa, um passo útil na tentativa de integrar a anima e o animus.
- , *The Kingdom Within*, J. B. Lippincott Co., Nova Iorque, 1970. Os capítulos 9 e 10 contêm material importante sobre a anima e o animus.
- Singer, June, *Androgyny*, Doubleday Company, Inc., Garden City, N. Y., 1976.
- Uma analista encara o problema do homem/mulher hoje, dando especial atenção aos problemas que as mulheres modernas enfrentam.
- Ulanov, Ann B., *The Feminine in Jungian Psychology and in Christian Theology*, Northwestern University Press, Evanston, I 11, 1971.
- Whitmont, Edward C., *The Symbolic Quest*, G. P. Putnam's Sons, Nova Iorque, 1969.
- O que há de mais ligado à psicologia junguiana, com bons capítulos sobre o masculino e o feminino.
- Wilhelm, Richard, *O segredo da flor de ouro*, Editora Vozes, Petrópolis, 1983.

ARTIGOS

Binswanger, Hilde, "Positive Aspects of the Animus", *Spring*, 1963.

Heisler, Verda, "Individuation in Marriage", *Psychological Perspectives* 1, n. 2, outono de 1970.

Uma valiosa contribuição para a psicologia do matrimônio e seus relacionamentos.

Hillman, James, "Anima", *Spring*, 1973 e 1974.

Hillman explora amplamente o conceito de anima e acrescenta muitas idéias novas. Não é para principiantes, mas para estimular a reflexão.

Hough, Graham, "Poetry and the Anima", *Spring*, 1973.

Ostrowski, Margaret, "Anima Images in Carl Spitteler's Poetry", *Spring*, 1962.

Wolf, Toni, "Structural Forms of the Feminine Psyche".

Este artigo foi impresso privadamente e está esgotado, mas existe um bom resumo dele no livro de Whitmont já citado.

Zabriskie, Philip, "Goddesses in our Midst", *Quadrant*, n. 17, outono de 1974.

Um artigo importante sobre a natureza do feminino, baseado em estudos sobre as cinco deusas gregas.

PANFLETOS

Hannah, Barbara, "The Problem of Contact with Animus", Guild of Pastoral Psychology, Londres, 1962.

—, "The Religious Function of the Animus in the Book of Tobit", Guild of Pastoral Psychology, Londres, 1961.

Heydt, Vera von der, "On the Animus", Guild of Pastoral Psychology, Londres, 1964.

Lander, Forsaith, "The Anima", Guild of Pastoral Psychology, Londres, 1962.

Metman, Eva, "Woman and the Anima", Guild of Pastoral Psychology, Londres, 1951.

SUMÁRIO

7	Prólogo
9	Capítulo primeiro
44	Capítulo segundo
77	Capítulo terceiro
107	Capítulo quarto
156	Apêndice: A imaginação ativa
168	Bibliografia

Este livro aborda as dimensões masculina e feminina da alma – chamadas por C. G. Jung de *anima/animus*. Também demonstra de que modo a parte feminina de um homem e a parte masculina de uma mulher constituem os parceiros invisíveis em qualquer relacionamento homem–mulher.

O autor orienta-se no sentido de compreender as projeções e de lidar com elas; projeções que podem prejudicar e até impedir um relacionamento real entre um homem e uma mulher. Este é um livro escrito para pessoas de todo o mundo que queiram entender melhor a si mesmas e seus relacionamentos.

JOHN A. SANFORD, analista junguiano e padre episcopaliano, trabalha em tempo integral no aconselhamento e como autor, dedicando-se, além disso, a aulas em cursos de extensão. Os livros anteriores escritos por Sanford incluem *The Kingdom Within*, Lippincott, 1970; *Healing and Wholeness*, Paulist Press, 1977, e *Dreams and Healing*, Paulist Press, 1978. Dr. Sanford mora em San Diego com sua mulher e dois filhos. Do mesmo autor, nesta coleção, Paulus Editora publicou: *Mal, o lado sombrio da realidade*; *Os sonhos e a cura da alma*.

Amor
e
Psique

ISBN 978-85-349-1005-7

9 788534 910057